



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Sociologia



JUCIANE DE GREGORI

Linha de Pesquisa: Teoria de Gênero e Estudos da Sexualidade

Nível: Doutorado

FISSURAS DA HETERONORMATIVIDADE:

PERFORMATIVIDADES, VIOLÊNCIAS E RELAÇÕES AFETIVAS

João Pessoa - Paraíba

2023



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Sociologia



JUCIANE DE GREGORI

***FISSURAS DA HETERONORMATIVIDADE:
PERFORMATIVIDADES, VIOLÊNCIAS E RELAÇÕES AFETIVAS***

Tese apresentada como requisito final, para a obtenção do Título de Doutorado, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia, pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Área de Concentração: Teoria de Gênero e Estudos da Sexualidade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marcela Zamboni Lucena.

João Pessoa - Paraíba
2023

JUCIANE DE GREGORI**FISSURAS DA HETERONORMATIVIDADE:
PERFORMATIVIDADES, VIOLÊNCIAS E RELAÇÕES AFETIVAS**

Tese apresentada como requisito final, para a obtenção do Título de Doutorado, pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia, pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Área de Concentração: Teoria de Gênero e Estudos da Sexualidade.

João Pessoa - Paraíba, 15 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA**ASSINATURAS CONFORME ATA DE DEFESA DIGITALIZADA**

Marcela Lucena Zamboni

Orientador(a)

Documento assinado digitalmente
SONIA WEIDNER MALUF
Data: 20/02/2024 08:35:30-0300
CPF: ***.180.980-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Sonia Weidner Maluf**PPGAS/UFSC**

Documento assinado digitalmente
MARIANA SOARES PIRES MELO
Data: 20/02/2024 11:35:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Mariana Soares Pires Melo**PPGS/UFPB**

Documento assinado digitalmente
MONICA LOURDES FRANCH GUTIERREZ
Data: 20/02/2024 14:34:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Mónica Franch**PPGS/UFPB**

Documento assinado digitalmente
JORISSA DANILLA NASCIMENTO AGUIAR
Data: 20/02/2024 21:46:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Jorissa Danilla Nascimento Aguiar**PPGS/UFPB**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G821f Gregori, Juciane de.

Fissuras da heteronormatividade : performatividades, violências e relações afetivas / Juciane de Gregori. - João Pessoa, 2023.

156 f. : il.

Orientação: Marcela Lucena Zamboni.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Sociologia. 2. Heteronormatividade. 3. Performatividades. 4. Violência. 5. Relações afetivas.
I. Zamboni, Marcela Lucena. II. Título.

UFPB/BC

CDU 316(043)

AGRADECIMENTOS

Durante todo o meu percurso acadêmico, sempre acreditei que a etapa de agradecimentos, que era realizada em nível de doutorado, era um tanto dispensável e não entendia a real motivação de tantos longos textos, quando havia o fechamento deste ciclo. No entanto, hoje me percebo em uma tarefa desafiadora ao elaborar esse espaço. Agradecer, realmente, torna o fluxo da vida mais fluído e nos fornece a sensação de dever cumprido para recomeçar. Em poucas palavras, torna-se difícil expressar tudo o que envolve a conclusão deste trabalho. Por isso, dou início agradecendo aos meus Orixás protetores! Agradeço aos meus guias espirituais que me deram licença, abrindo os caminhos que me possibilitaram chegar até aqui!

Meu agradecimento, pelos amores recebidos de minha filha Lúna e de meu companheiro de vida Marcelo, que aliados nesse caminho, por trechos sinuosos, desconhecidos, mas também brilhantes e recompensadores, persistem em estar comigo, prestando apoio nas minhas aventuras acadêmicas, sendo suporte incansável nos momentos de angústia, resistindo aos desafios e usufruindo das conquistas, tão batalhadas em conjunto! Chegar até aqui, com vocês ao meu lado, é extremamente satisfatório e gratificante! Por nós, o maior amor do mundo!

Agradeço a toda minha família, em nome da minha Mãe Ivete e meu Pai Nelson, que sempre estiveram me aplaudindo na linha frente, assegurando de forma incondicional um ponto de suporte para toda essa construção, acreditando no meu potencial, reverberando orgulho por essa trajetória de uma maneira que torna ainda mais excepcional obter esse título, por estar ao lado de vocês!

Agradeço a minha orientadora Marcela Zamboni Lucena, com a qual sempre pude contar em todos os momentos, mesmo naqueles em que a desesperança parecia tomar conta, sempre fomos persistentes. Com a junção entre crítica, análise precisa e assertividade nas suas interpretações, tive a grata presença não somente de uma professora e orientadora, mas também amiga e referência.

Agradeço aos afetos trilhados nesta jornada! Irmandades, vínculos e laços que atravessam as distâncias e as mudanças geográficas, explicando na prática o

quanto o amor e a admiração, como frutos de lutas e resistências, extrapolam as fronteiras do campo presencial. Destaco, nessa relação, as afetividades junto ao Fórum de Mulheres em Luta da UFPB, a Coletiva de Mães Pachamamá, Coletivo Nacional de Mães na Universidade e ao Coletivo Representativo de Docentes em Luta da UFPB - CORDEL.

Sou grata aos ensinamentos e partilhas realizadas com os grupos e turmas que frequentei na UFPB, principalmente no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, através do Grupo Relações Afetivas e Violências (GRAV), bem como por meio do Comitê de Prevenção e Enfrentamento à Violência contra as Mulheres na UFPB (COMU-UFPB).

Ressalto meu agradecimento as docentes que participaram ao longo dos processos de avaliação deste trabalho: Mônica Franch, Sônia Maluf, Carolina Branco de Castro Ferreira, Jussara Costa, Danilla Aguiar e Mariana Melo. Suas contribuições foram exímias para engrandecer esta pesquisa e fizeram toda a diferença para que eu possa aprimorar ainda mais meus conhecimentos!

Agradeço a concessão do orçamento que possibilitou a realização do presente trabalho, que contou com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

Agradeço aos grupos do DASA – Dependentes de Amor e Sexo Anônimos, pela viabilidade de gerar insumos que tornaram esse trabalho possível.

Sou grata pela oportunidade de concluir esta investigação e confrontar perspectivas de saber, estimular a formação equânime e defender transformações em prol de uma sociedade mais justa e igualitária. Agradeço por quem se compromete e está junto enfrentando as políticas totalitárias de retrocesso, florescendo sempre a esperança para continuar!

RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar as fissuras da heteronormatividade, presentes nas performatividades e na dinâmica social da violência atrelada às relações afetivo-sexuais. O campo se consolida a partir de uma incursão etnográfica virtual, nas experiências de pessoas que se autoidentificam como dependentes de amor e sexo anônimas e participam de grupos de mútua-ajuda em torno desta questão. Nesse contexto, este trabalho consolida-se em meio a um período de intensa instabilidade política, como também se estrutura durante a situação pandêmica do Covid-19. Contemplando as *fissuras* e *rasuras* no modelo binário de gênero e monossexualidade das relações afetivas, reflete-se acerca da heteronormatividade e das performatividades dissidentes, nas quais a monogamia compulsória, enquanto configuração dominante dos vínculos de afetividade hegemônicos, se associa com a reprodução de violências múltiplas. Nas violências vivenciadas no âmbito das relações afetivas, a heteronormatividade apresenta suas descontinuidades. Assim, em oposição a falácia da igualdade no sistema social dominante e normativo, contesta-se as políticas neoliberais e capitalistas impostas, não só no que tange ao gênero e a sexualidade, mas também a raça, etnia, classe, corporeidades e afetos. Argumenta-se que somente neste contexto de sociabilidades excludentes, é possível que se reproduzam experiências como as que foram elencadas no presente material. Desse modo, os pressupostos epistemológicos partiram de uma base de produção acadêmica com linguagens voltadas para as dissidências, trazendo um viés de estímulo ao olhar interseccional e apontamentos que pretendem despertar interesse por temas decoloniais. Aplicou-se assim, uma metodologia qualitativa, valendo-se de recursos tecnológicos e digitais. Empregando técnicas de observação com ênfase na densidade das experiências, descortina-se um cenário que enreda perdas, dores, desejos, compulsões, isolamento, traições, em vínculos abusivos e destrutivos. Através de conflitos no campo das relações amorosas, que se conectam aos laços familiares, provocam-se problematizações acerca de transformações coletivas e sociais, que possam ressignificar as noções de afetividade e cuidado mútuo. De toda forma, isso só se tornará possível abarcando redes de apoio e promovendo alianças que desconstruam a hierarquização dos afetos, tornando possível nutrir outras bases relacionais, nas quais a heteronormatividade não impere gatilhos para violações.

Palavras-Chave: Heteronormatividade. Performatividades. Violência. Relações Afetivas.

FISSURES OF HETERONORMATIVITY:
PERFORMATIVITY, VIOLENCE AND AFFECTIVE RELATIONSHIPS

ABSTRACT

This research aims to analyze the fissures of heteronormativity, present in the performativity and in the social dynamics of violence linked to affective-sexual relations. The field is consolidated from a virtual ethnographic incursion, in the experiences of people who identify themselves as dependent on anonymous love and sex and participate in mutual aid groups around this issue. In this context, this work is consolidated in the midst of a period of intense political instability, as well as being structured during the Covid-19 pandemic situation. Contemplating the fissures and erasures in the binary model of gender and monosexuality of affective relations, it is reflected on heteronormativity and dissident performativity, in which compulsory monogamy, as a dominant configuration of hegemonic bonds of affectivity, is associated with the reproduction of multiple violence. In the violence experienced in the context of affective relationships, heteronormativity presents its discontinuities. Thus, in opposition to the fallacy of equality in the dominant and normative social system, the neoliberal and capitalist policies imposed are contested, not only with regard to gender and sexuality, but also to race, ethnicity, class, corporeality and affections. It is argued that only in this context of exclusionary sociability, it is possible to reproduce experiences such as those listed in the present material. Thus, the epistemological assumptions started from a base of academic production with languages focused on dissent, bringing a bias of stimulus to the intersectional look and notes that intend to arouse interest in decolonial themes. Thus, a qualitative methodology was applied, using technological and digital resources. Employing observation techniques with an emphasis on the density of experiences, a scenario is unveiled that entangled losses, pains, desires, compulsions, isolation, betrayals, in abusive and destructive bonds. Through conflicts in the field of love relationships, which connect to family ties, problematizations about collective and social transformations are provoked, which can resignify the notions of affection and mutual care. In any case, this will only become possible by embracing support networks and promoting alliances that deconstruct the hierarchization of affections, making it possible to nurture other relational bases, in which heteronormativity does not prevail triggers for violations.

Keywords: Heteronormativity. Performativity. Violence. Affective relationships.

**FISURAS DE LA HETERONORMATIVIDAD:
PERFORMATIVIDAD, VIOLENCIAS E RELACIONES AFECTIVAS**

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo analizar las fisuras de la heteronormatividad, presentes en las performatividades y en la dinámica social de la violencia vinculada a las relaciones afectivas-sexuales. El campo se consolida a partir de una incursión etnográfica virtual, en las experiencias de personas que se autoidentifican como dependientes del amor y el sexo anónimos y participan en grupos de ayuda mutua en torno a esta cuestión. En este contexto, este trabajo se consolida en medio de un período de intensa inestabilidad política, como también se estructura durante la situación pandémica de Covid-19. Contemplando las fisuras y rasuras en el modelo binario de género y monosexualidad de las relaciones afectivas, se refleja sobre la heteronormatividad y las performatividades disidentes, en las que la monogamia obligatoria, como configuración dominante de los vínculos de afectividad hegemónicos, se asocia con la reproducción de violencias múltiples. En las violencias experimentadas en el ámbito de las relaciones afectivas, la heteronormatividad presenta sus discontinuidades. Así, en oposición a la falacia de la igualdad en el sistema social dominante y normativo, se cuestionan las políticas neoliberales y capitalistas impuestas, no solo en lo que respecta al género y la sexualidad, sino también a la raza, etnia, clase, corporeidades y afectos. Se argumenta que solo en este contexto de sociabilidades excluyentes, es posible que se reproduzcan experiencias como las que se enumeraron en el presente material. Así, los supuestos epistemológicos partieron de una base de producción académica con lenguajes orientados a las disidencias, trayendo un sesgo de estímulo a la mirada interseccional y apuntes que pretenden despertar interés por temas decoloniales. Así se aplicó una metodología cualitativa, valiéndose de recursos tecnológicos y digitales. Empleando técnicas de observación con énfasis en la densidad de las experiencias, se desenreda un escenario que enreda pérdidas, dolores, deseos, compulsiones, aislamiento, traiciones, en vínculos abusivos y destructivos. A través de conflictos en el campo de las relaciones amorosas, que se conectan a los lazos familiares, se provocan problematizaciones sobre transformaciones colectivas y sociales, que pueden resignificar las nociones de afectividad y cuidado mutuo. De todos modos, esto solo será posible abarcando redes de apoyo y promoviendo alianzas que deconstruyen la jerarquización de los afectos, haciendo posible nutrir otras bases relacionales, en las que la heteronormatividad no impere desencadenantes de violaciones.

Palabras-clave: Heteronormatividad. Performatividad. Violencia. Relaciones afectivas.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DASA – Grupo de Mútua-Ajuda de Dependentes de Amor e Sexo Anônimos

DASA-PB – Grupo de Mútua-Ajuda de Dependentes de Amor e Sexo Anônimos da Paraíba

DECH-PB – Delegacia Especializada Contra Crimes Homofóbicos da Paraíba

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transexuais

LGBTQIAP+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual +

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – DESVENDANDO O CAMPO: PESQUISA SOCIAL NAS TEORIAS DE GÊNERO E ESTUDOS DA SEXUALIDADE	20
1.1 FRAGMENTOS DA EXPERIÊNCIA: DILEMAS E COMPREENSÕES EM TEMPOS DE CRISE	41
CAPÍTULO 2 – FISSURAS DA HETERONORMATIVIDADE	72
CAPÍTULO 3 – PERFORMATIVIDADES DE GÊNERO	94
3.1 (RE)PENSANDO O CORPO (DISSIDENTE)	109
CAPÍTULO 4 – A EXPERIÊNCIA DAS VIOLÊNCIAS MÚLTIPLAS E AS RELAÇÕES AFETIVAS	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS	146
ANEXOS	153

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a interface entre a heteronormatividade e as performatividades, presentes na dinâmica social da violência atrelada às relações afetivo-sexuais. O campo se consolida a partir das experiências de pessoas que se autoidentificam como dependentes de amor e sexo anônimas e participam de grupos de mútua-ajuda em torno desta questão.

No contexto atual, construir este trabalho, consolida-se como uma tarefa laboriosa, que iniciou seu planejamento em meio a um período de intensa instabilidade política, como também se estrutura anteriormente a situação pandêmica do Covid-19, cujo os impactos ainda assolam o mundo. Esse complexo panorama, abriu caminhos para um estudo adaptado às condições restritivas de isolamento e distanciamento, tendo como foco do levantamento de campo, atividades realizadas de modo remoto e virtual.

Certamente, a catástrofe pandêmica que a atual geração está vivenciando nos seus múltiplos desdobramentos, é um fator que não é possível omitir ou invisibilizar no decorrer da construção da presente pesquisa. É, no mínimo, desafiador escrever sobre violência e relações afetivas em um período pelo qual o corpo afetivo-coletivo esteve no alvo de um vírus altamente letal, que acirra ainda mais as premissas de desigualdade, com uma conjuntura política em um nível dramático de genocídios pela via sanitária e ambiental, os quais colocam o Brasil em uma situação conflitante de constante ebulição.

Se por um lado, parece se extrapolar os limites de suportabilidade diante de tantas dores, por outro, se evidencia que silenciar não parece ser a solução adequada. Isso para considerar um mínimo de dois lados, trazendo a pandemia e um momento de ascensão de extremismos. Todavia, esse cenário não é dualista. Há caminhos diversos, dissensos, consensos, conflitos, dilemas e compreensões. Pode-se considerar que há, de modo geral, um esforço por parte das ciências humanas e sociais para a manutenção das suas atividades, moldando estratégias, desdobrando alternativas para agregar conhecimento frente ao trauma coletivo que o Corona Vírus gerou e ainda está sendo elaborado, e também para se engajar, contribuindo com pesquisas e estudos que demarquem a posição de enfrentamento não só a pandemia, como também ao fluxo conservador, negacionista, genocida e neoliberal-capitalista que essa conjunção escancarou.

Esta pesquisa se vincula em meio a este fluxo que, embora não seja tão fluído devido aos tempos de fragmentos, *fissuras* e rupturas, apresenta movimentos dialéticos, com caminhos estratégicos. Nesta construção, utilizou-se de uma abordagem de cunho predominantemente qualitativo, na qual o campo se consolida com um viés de atuação virtual, acionando métodos de observação interativa através de aplicativos tecnológicos. Essas técnicas, ancoradas no ramo da sociologia digital, se associam à múltiplas metodologias, que se acionam conceitos que Miskolci (2017) e Bento (2017), definem como *lurking* (observação on-line de plataforma digital).

Assim sendo, o levantamento de dados teve como base a técnica de observação virtual, através de experiências coletadas relacionadas aos grupos de mútua-ajuda, que são compostos por pessoas que se autoidentificam como dependentes de amor e sexo. Esses espaços, majoritariamente são organizados pelo DASA (Grupo de Mútua-Ajuda de Dependentes de Amor e Sexo Anônimos, traduzido do termo original em inglês *Sex And Love Addicts Anonymous*)¹. Há outros grupos, como, por exemplo, o “Nuvem de Esperança”, mas tais ramificações partem da mesma vertente basilar. O DASA, foi criado em 1976 nos Estados Unidos, surgiu no Brasil em 1993 e atualmente está localizado em todos os centros urbanos ao longo do país (FERREIRA, 2012)². Com a condição de pandemia do Corona Vírus, esses encontros passaram a acontecer virtualmente, não só a partir do DASA, mas de grupos que reúnem integrantes do Brasil todo.

Com essa proposta, busca-se analisar a heteronormatividade enquanto um sistema de normas. Esta engrenagem social, sistematicamente impõe uma linearidade fixada entre performatividade de gênero, sexo genital e relações afetivo-sexuais. Tal problemática vem sendo abordada através de diferentes facetas. Pode-se afirmar que a heteronormatividade, como conceito, edifica a noção de uma matriz que categoriza a heterossexualidade como compulsória,

¹ É possível acessar maiores informações sobre os grupos nos endereços eletrônicos listados a seguir: 1. DASA Brasília (<https://dasabrasilia.org/>); 2. DASA Curitiba (<http://www.dasacuritiba.com.br/>); 3. DASA Nordeste (<http://www.dasanordeste.com.br/>); 4. DASA Rio de Janeiro (<http://www.dasariodejaneiro.com.br/>); 5. DASA São Paulo (<http://www.dasa-sp.org/>); 6. DASA Exterior (<https://slaafws.org/>).

² Seguindo a tradição que busca o que intitulam de “cura”, tal como nos grupos de Alcoólicos Anônimos, Ferreira (2012), descreve que o DASA se define como uma irmandade, podendo ser frequentada por pessoas que desejam evitar as consequências destrutivas e violentas do comportamento aditivo relacionado à dependência por sexo, amor, relacionamentos românticos, emocionais e anorexia sexual, social e emocional (rejeição compulsiva às relações afetivo-sexuais, negando dar e receber nutrição social, sexual ou emocional).

prescrevendo e regulando socialmente performances aparentemente hegemônicas de gênero (BUTLER, 2003).

Nesse sentido, em concordância com Butler (2002a, 2003), gênero e sexualidade são compreendidos não como consequência de um “sexo” genitalizado, pré-discursivo, rígido, estável, coerente e universalmente constituído, mas sim enquanto performatividade. Mantendo-se e atualizando-se em um modelo binário, o alcance da matriz heteronormativa é cultuado tão profundamente nas performatividades, que orienta inclusive relações não heterossexuais (BENTO, 2008).

Envolta à performatividades plurais que agrupam tanto características de gênero, quanto de sexualidade e afetividade, a hétero-norma perpassa pelas relações configurando ditames calcados por processos históricos de colonização e de socialização capitalista, que estabelecem padrões excludentes, os quais sofrem processos de retaliação advindos de um modelo empenhado em reverberar violência contra todas as formas de existência que possam ser detectadas rompendo com alguma das suas exigências.

Através do estigma, da invisibilidade social e de constantes rupturas reproduzidas por esse sistema, há uma variedade de sujeitos que se chocam constantemente com um cenário de vulnerabilidades e violações. Essa dinâmica, resulta em performatividades dissidentes sendo reiteradamente contrapostas por padrões de relações centradas na violência, ligadas a sofrimentos e forjadas na patologização. A partir da performatividade de sujeitos que explicitamente questionam a lógica heteronormativa, pode-se constatar um conjunto de opressões. No foco desses casos, é comum elencar a população queer³. Nesta esfera, cotidianamente exteriorizam-se os efeitos da violência, que eclode no entorno das *fissuras* da heteronormatividade das performatividades⁴.

³ *Queer*: terminologia assumida para caracterizar uma perspectiva de contestação e oposição a heteronormatização (LOURO, 2001). Nesse amplo espectro, encontram-se todas as identidades LGBT+.

⁴ Tanto é assim que os dados do Brasil o colocam em primeiro lugar no mundo, enquanto país que mais registra violência letal contra a população queer (BORTONI, 2018). Essa realidade pode ser apreendida, por exemplo, no cotidiano das Delegacias Especializadas Contra Crimes Homofóbicos, sendo importante frisar que somente os estados da Paraíba e São Paulo contam com atendimento prestado por esses setores. Em João Pessoa, capital paraibana, o serviço existe desde agosto de 2009, quando foi promulgada a Lei 8.873/09, a qual instituiu a criação dos cargos necessários para integrar tal espaço (PARAÍBA, 2009). Ressalta-se que recentemente, em 20 de novembro de 2017 (Dia da Consciência Negra), ainda foi incorporado a esta Delegacia de repressão de crimes homofóbicos, a Delegacia de repressão contra Crimes de Racismo e Intolerância Religiosa, conforme Decreto 37.824/17 (PARAÍBA, 2017).

O “sexo” como regulatório dos corpos, materializa o domínio da inteligibilidade social e (re)produz as performatividades não como um ato isolado, mas como um poder que qualifica discursos e consolida a heterossexualidade e a monogamia como imperativos que atuam nos âmbitos social, cultural, político e econômico. A performatividade, ao invés de ser uma ação deliberada e individualizada, configura-se como uma prática reiterativa e citacional⁵, engolfada por uma matriz excludente chamada heteronormatividade, a qual impede ou rejeita identificações que sejam divergentes, produzindo assim, simultaneamente, seres abjetos.

No viés Butleriano, “o abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social” (BUTLER, 2000, p. 3). Seres ditos abjetos são (des)legitimados, tendo suas próprias humanidades questionadas, através de apagamentos radicais que essencializam e buscam eliminar todas as formas de expressão que não aparecem nos moldes generificados ditos como apropriados. Como um espectro ameaçador, a força da exclusão impulsionada pela heteronormatividade, regula práticas identificatórias e forma sujeitos que se constituem através da abjeção como uma valência social exterior, todavia, esse sistema não atua somente de modo extrínseco, pois também está “dentro” de si, como um elemento fundante das próprias escolhas e identificações do sujeito (BUTLER, 2000). Trata-se de um processo contraditório e complexo, pois como corrobora a autora citada, “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta” (BUTLER, 2000, p. 2).

Bento (2006), sublinha o quanto as normas de gênero e de sexualidade não conseguem alcançar um consenso absoluto na vida social real. Assim, é recorrente que a população queer e pessoas com identidades lesbiomotrans não heterocêntricas, sejam elencadas no conjunto de experiências que manifestadamente não se enquadram nos trilhos hétero-normativos, sendo inclusive as maiores vítimas de violências com motivações baseadas na não aceitação do seu rompimento com tais prescrições da hétero-norma. É esperado que isso ocorra, para fins inclusive de denúncia e de visibilidade para reivindicar que a sociedade cesse com tais violações.

⁵ O conceito de citacionalidade e o olhar para as *fissuras* dos sujeitos, abordados inicialmente por Jacques Derrida, são utilizados neste trabalho a partir de Judith Butler, que os adaptou na sua teoria de enquadre das performatividades e que Berenice Bento, no Brasil, também incorporou às suas pesquisas, engendrando um lastro para os estudos de gênero e sexualidade.

Entretanto, segue-se uma tendência de trazer esse conjunto de pessoas como totem ou escudo para resolutividade de conflitos dos quais são elas as maiores impactadas. Sendo que, ao lançarmos olhar sociológico para tais situações e observar de modo aguçado as percepções retratadas pelas próprias pessoas LGBTQs, as experiências despontam um cenário que desagrega a lógica hegemônica da abjeção. Ou seja, esses sujeitos, ora colocados como desviantes, denunciam recorrentemente que tanto seus algozes como outros sujeitos do seu cotidiano de relações afetivas e sexuais, a partir dos quais as performatividades explicitadas estariam presumivelmente em concordância com o pressuposto heteronormativo, também apresentam *fissuras* na manutenção dos preceitos ditados como estavelmente hegemônicos. Assim, mesmo quando aparentemente a equação performativa de sexualidade e gênero, parece estar em ordenamento com a matriz hegemônica, ainda assim há incompletudes.

Embora as análises acerca das violências decorridas das quebras da heteronormatividade, estejam majoritariamente centradas na dinâmica das performatividades LGBTQ+, é possível avaliar essa mesma sistemática correlacionando com outros cenários. Inclusive, não só é possível, como torna-se emergente abrir outros caminhos de percepção acerca dos problemas sociais gerados pelos desdobramentos e descontinuidades das experiências em torno da heteronormatividade.

É importante que se inverta e desestabilize a lógica, para demonstrar como as *fissuras* dessa matriz repercutem em situações de violências das maneiras mais diversas, algumas ainda até desconhecidas, outras tantas que quando se desvelam, surpreendem, causam impacto diante de constatações abismantes que superam a capacidade de interpretação. É evidente essa relação, por exemplo, diante das atrocidades e dos crimes de ódio que resultam em feminicídios, transfeminicídios, crimes de racismo, lesbofobia, bifobia e homofobia, os quais geram revolta e é fundamental que sempre se busque analisar esse fenômeno de forma que não sejam normalizados, naturalizados ou banalizados. Entre essas exemplificações que foram mencionadas, uma dimensão bastante emblemática e que é fundamental que seja questionada de modo enfático, refere-se aos casos de transfeminicídios, pois para além dele,

ainda há um conjunto de transfobias que envolvem uma ruptura com a heteronormatividade a partir da transgressão da cisgeneridade⁶.

No campo de investigação social a respeito das violências que envolvem motivações de gênero e sexualidade, embora seja um campo múltiplo, transdisciplinar e diverso, há uma tendência de construir um aporte analítico voltado para essas circunstâncias explicitadas. Com essa constatação, percebe-se uma propensão de partir de fenômenos concretos, aparentemente visíveis, potencialmente palpáveis. É emergente e necessário que essa formatação seja aplicada. Contudo, ao tratar da violência, ocorrida nas relações afetivas quando há *fissura* nas reiterações da heteronormatividade, trata-se de um fenômeno com diferentes interfaces. Não envolve somente pessoas de performatividades queer. Mas sim, perpassa por todas as performatividades e se desdobra gerando diferentes formas de afetividade e de violência, muitas delas com raízes no terreno espinhoso da intimidade, espaço de difícil acesso, cercado pela bolha da posse da propriedade privada e pelo muro da individualidade.

As *fissuras* da heteronormatividade, evidenciadas nas performatividades e exteriorizadas na experiência das relações afetivas, sexuais e amorosas, revelam uma seara social que reproduz danos, sofrimentos e violações tanto em relação ao entorno do sujeito, quanto em relação a ele mesmo. O que ocorre é que quando se observa a relação entre as dimensões desiguais e violentas motivadas por gênero, raça, etnia, sexualidade, tendo como fator social desencadeante a reprodução social do machismo, do racismo e da LGBTfobia, é visível o plano concreto das situações. Ou seja, o que fica em evidência é o dispêndio de atos de violência explícita, tais como: a agressão, o insulto, o feminicídio, a discriminação da LesBiHomoTransfobia. De fato, não há nada de menos importante estudar esses fatos, tão concretos. Muito pelo contrário, é justamente esta uma tarefa prioritária e inicial, pois são fenômenos que carecem fundamental urgência em serem desvendados. No entanto, o caminho seguinte, na encruzilhada das contradições e complexidades que podem ser descamadas a partir destes atos, necessita-se adentrar também em compreensões que

⁶ A cisgeneridade, enquanto elemento crucial para a lógica heteronormativa, será um dos conceitos chave para essa conceituação. Essa terminologia, que se refere ao *Cis*-tema, tem o objetivo justamente de explanar o sistema cisgênero dominante. Ou seja, as normas da cisgeneridade são edificantes para a heteronormatividade, pois ditam padrões de gênero, sexualidade e afetividade, subjulgando corpos que não se enquadram de modo simétrico nos seus ditames.

exigem dos estudos de gênero e sexualidade, bem como das ciências sociais e humanas como um todo, um empenho para aprofundar o abstrato.

São muitos reveses que se impõem para que seja possível acessar e interpretar esses espaços abstratos. Necessitam-se estratégias e, também uma postura de engajamento ativo, com admissão de uma lente social, com uma lupa analítica que propicie imergir não em um campo plano, com uma extensão retilínea e de superfícies niveladas ou estáticas, mas sim em caminhos que possuem *fissuras*, encruzilhadas, fronteiras e colapsos em um refluxo que não se dá ordenadamente, pois é ininteligível, é complexo e dispõe de profundezas ainda não acessadas, nebulosas e não homogêneas.

É preciso considerar que em vieses que podem ser aparentemente divergentes, é possível correlacionar violências através de formas em comum, pois são desdobramentos constitutivos de situações em que se rompe com a normatividade das performatividades de gênero, de sexualidade e de relacionamento afetivo que é imposto como padrão.

Nas violências vivenciadas no âmbito das relações afetivas, a heteronormatividade apresenta suas descontinuidades. Nesse sentido, a monogamia, enquanto configuração dominante dos vínculos de afetividade, apresenta-se como um elemento fundacional dos parâmetros heteronormativos hegemônicos, nos quais a sua quebra, se associa com a reprodução de violências e sofrimentos.

Nessa perspectiva, contemplando as *fissuras* e fraturas no modelo binário de gênero, de monossexualidade e relações afetivas também constituídas monogamicamente, este estudo propõe uma análise acerca da heteronormatividade e das performatividades dissidentes, focando como problema a interface do fenômeno da violência com as experiências afetivas e amorosas.

Sendo assim, questiona-se: de que maneira a heteronormatividade e as performatividades possuem interface com a dinâmica da violência no contexto das relações afetivas? Como ocorrem *fissuras* da heteronormatividade nas performatividades de gênero, sexualidade e afetividade? Através de que experiências podemos encontrar a violência intercruzada às performatividades, no contexto das relações afetivas? Existem reciprocidades entre as *fissuras* da heteronormatividade monogâmica e violências perpetradas nas relações afetivo-sexuais? A partir disso, como correlacionar violências, ocorridas no contexto das

relações afetivas, envolvendo o contexto experiencial das relações afetivas de pessoas que se autoidentificam como dependentes de amor e sexo? Como potencializar transformações nas configurações de afetividade e na dimensão das relações sexuais e amorosas?

Para tanto, o material deste estudo, será constituído de oito sessões, com quatro capítulos, iniciando a partir desta apresentação introdutória. No segundo momento, que virá na sequência, intitulado “Desvendando o Campo: Pesquisa Social nas Teorias de Gênero e Estudos da Sexualidade”, serão explanadas as bases metodológicas da pesquisa, que se dividem no sub tópico: “Fragmentos da Experiência: Dilemas e Compreensões em Tempos de Crise”. Os capítulos respectivamente denominados: “Fissuras da Heteronormatividade” e “Performatividades de Gênero”, são etapas teórico-analíticas fundamentais, sendo esta última subdividida com a sessão: “(Re)Pensando o Corpo (Dissidente)”. Para culminar na parte final do trabalho, o desfecho temático pauta-se norteado pelo capítulo: “A Experiência das Violências Múltiplas e as Relações Afetivas”.

CAPÍTULO 1 – DESVENDANDO O CAMPO: PESQUISA SOCIAL NAS TEORIAS DE GÊNERO E ESTUDOS DA SEXUALIDADE

Diante das múltiplas temáticas por onde um problema de pesquisa sociológico poderia transitar, para compor o extenso quadro de análises da normalização social, o presente estudo busca um resultado que contribua para confrontar criticamente o pressuposto heterossexista do pensamento sociológico, o que apresenta desafios que caminham por vias tanto teóricas, quanto metodológicas e éticas.

Tomando como ponto de partida as teorias de gênero e estudos da sexualidade, é importante construir algumas reflexões preliminares, no que se refere a produção do conhecimento sociológico no Brasil. Observando como ocorre a construção desse campo na contemporaneidade, é possível atentar para o enfoque das dimensões da escrita sociológica e dos seus processos históricos, sociais, políticos e culturais.

No campo em questão, se entrelaçam problemas de pesquisa, relacionando experiências com um contexto de diversidade, no qual os conceitos, teorias, regras metodológicas e interpretações, se associam na busca de caminhos estratégicos e, ao mesmo tempo, criativos e originais. Longe de representar um campo unívoco, os estudos de gênero e sexualidade na sociologia, vão também de encontro a teoria social e teoria crítica. Nessa perspectiva, encontram-se estilos sociológicos e modelos diversos de produção, os quais retroalimentam tipologias e escolhas adequadas a cada contexto.

Pode-se afirmar que há todo um conteúdo de caráter existencial da pesquisa que se debruça sobre o tema de gênero e sexualidade, agrupando formas de resistência e de escrita inseridas em redes de produção que trazem consigo um elemento emancipatório que precisa ser desvendado em uma perspectiva sociológica.

Inicialmente, um aspecto importante pauta-se na desconstrução dos ideais que romantizam a produção e a vida intelectual, atentando não só para as ações sociais que emergem nessa lógica, mas para as dinâmicas sociais como um todo. Isso inclui reflexões necessárias que incidem desde a forma como o mercado acadêmico se desenvolveu no Brasil, o qual é fortemente marcado pela colonialidade, até os movimentos de resistência e contestação dessa dominação, as quais não estão exatamente fora dessa lógica colonizadora, afinal

não estão produzindo em uma realidade totalmente paralela, mas oferecem caminhos em seu contraponto, ou seja, em fluxo de oposição.

Como bem lembra Pelúcio (2012), a colonização também perpassa pelas lógicas epistemológicas. Gênero, sexualidade e relações afetivas não hegemônicas, compõem uma esfera social de análise que se disseminou entre os séculos XX e XXI, trazendo marcas de uma trajetória de (in)visibilidade que vem de longa data. Em uma sintética digressão histórica, é possível averiguar que é a partir da década de 1960 que surgem os primeiros artigos e estudos sociológicos provocando olhares acerca da sexualidade. Contudo, no que concerne à sociologia brasileira, até recentemente ela não era um campo disciplinar acolhedor para as investigações que trouxessem temas e teorias voltados às sexualidades não reprodutivas, comumente partindo de modelos socialmente hegemônicos e englobando as estruturas de relacionamentos afetivos, familiares e de parentesco tradicionais (MISKOLCI, 2009).

Conforme Louro (2001), pode-se dizer que somente em meados de 1980, a questão da sexualidade nas suas pluralidades, passa a se constituir, de modo mais visível, como temática acadêmica. Nesse percurso, a partir dos anos 1990, problematizando noções básicas de sujeito, desestabilizando binarismos, bem como propondo novas concepções críticas a respeito de sexo, gênero e sexualidade, a política queer emerge enquanto teoria (LOURO, 2001)⁷. A teoria queer emana rompendo com antigas tendências sociológicas, rejeitando a lógica minorizante e normatizante que marcava o que Miskolci (2009, p. 151) nomeia como “sociologia canônica”⁸.

Para explicar sobre esse ponto, Franch e Nascimento (2020), corroboram apresentando um repertório de eixos temáticos que aglutinam como a antropologia, dentro das ciências sociais, trabalhou com gênero e sexualidade, no período de 2008 a 2018. Neste levantamento, verifica-se e reflete-se a centralidade em torno dos seguintes temas: família, conjugalidade e reprodução; feminismo, participação política e políticas públicas; violência de gênero e outras

⁷ Os teóricos queer desenvolvem uma analítica da normalização social, apontando para a intersecção das diferenças e compreendendo a sexualidade como um dispositivo histórico de poder, que envolve um conjunto de saberes e práticas estruturantes (MISKOLCI, 2009). Dessa forma, pensa-se para além da questão identitária como caráter individual.

⁸ Esse paradigma, se insere no Brasil em um cenário aberto pelos movimentos sociais, sendo fortemente influenciado pelo movimento por direitos civis que eclodia nos anos 1960 nos EUA, bem como pelo movimento feminista e pelo movimento de pessoas Lésbicas, Bissexuais, Homossexuais, Travestis e pessoas Transgêneras (FACCHINI, 2003; GREGORI, 2017).

violências; prostituição e mercados do sexo; gênero, trabalho e educação; religião, gênero e sexualidade; saúde, gênero e sexualidade; sexualidades: práticas, saberes e direitos; diversidade sexual e de gênero; masculinidades; marcadores sociais da diferença e a questão das gerações; outros temas (FRANCH E NASCIMENTO, 2020).

Com esse balanço explanado por Franch e Nascimento (2020), a partir de uma mirada cronológica, as autoras citadas explicam como o conceito de gênero se intensificou, tornando-se uma ferramenta de cunho teórico e metodológico. As contradições com referência a invisibilidade da dimensão racial e étnica, a pouca atenção acerca da intersexualidade, da transexualidade e travestilidade, bem como as limitações da universalização das desigualdades, são aspectos pautados por Franch e Nascimento (2020), como algo persistente nos estudos de gênero e sexualidade.

Observa-se como a diversidade sexual, as críticas a categorias universalizantes e uma mirada as sexualidades dissidentes, não normativas e não hegemônicas, ainda são um desafio em relevo, que apresentam múltiplos caminhos analíticos (FRANCH e NASCIMENTO, 2020).

Nessa direção, a presente pesquisa buscou embasamento científico das ciências sociais, tendo como via propulsora os estudos de gênero e de sexualidade indo ao encontro de um quadro de teorias feministas e decoloniais, bem como contribuições das teorias críticas no campo queer.

A partir das transformações ocorridas no campo que levou até essas teorias, pode-se constatar que, principalmente nas últimas duas décadas, desencadeou-se uma desestabilização epistemológica que acometeu o entendimento àquilo que Judith Butler nomeou como performatividades. Cada vez mais fomenta-se embates em torno das relações binárias naturalizadas, questionando políticas identitárias universalizantes, as quais propunham o sujeito do conhecimento como sendo algo unificado (PELÚCIO, 2012, p. 409).

A partir de um olhar crítico epistemológico, evidenciando o caráter reducionista, essencializador e falocêntrico dos saberes disciplinares que se associam a uma perspectiva científica colonizada, eurocêntrica, masculinista, cisgênera, heterossexual e burguesa, um conjunto de estratégias teórico-metodológicas tem sido alavancado por vozes insurgentes que falam de locais marginais e fronteiriços (PELÚCIO, 2012).

Diferentes leituras feministas, transgressivas, decoloniais, valendo-se de termos como performatividade, regime heteronormativo, racialização do sexo, sexualização da raça, diferença, passaram a ocupar fóruns políticos e arenas acadêmicas, inclusive de páginas de comportados periódicos científicos (PELÚCIO, 2012). São propostas que incorporam teorias e práticas, fazendo uma crítica dos discursos hegemônicos na cultura ocidental, provocando um deslocamento epistemológico que sai do “centro” e vai para a “periferia”, englobando estudos que podemos aglutinar sob a rubrica dos Saberes Subalternos⁹ (MISKOLCI, 2009; PELÚCIO, 2012).

Assim, além do enfrentamento epistemológico, metodológico e ético que fazem aos saberes normativos, as discussões reconhecidas enquanto saberes subalternos pressupõe uma linha engajada na defesa de sujeitos dissidentes que são socialmente estigmatizados. Como explica Miskolci (2009), essas reflexões passaram a apontar as armadilhas do hegemônico, permitindo alianças estratégicas entre os movimentos que têm como objetivo comum a crítica e contestação dos regimes hierarquizadores que criam um ideário de identidades para manter posições socialmente subordinadas.

Em um processo que opera sobre o intercruzamento das diferenças enquanto eixos simultâneos de subalternização, esse quadro referencial contemporâneo mantém um compromisso científico que busca desconstruir concepções de sujeitos unitários e estáveis, bem como contextualizar uma crítica dos apanágios identitários (MISKOLCI, 2009). Neste formato, as demandas sociais foram trazidas para o âmbito científico em meio a uma conjuntura onde, para além da questão econômica e de classe, novas desigualdades foram desveladas. O corpo, o desejo, a sexualidade, a afetividade e as dinâmicas da experiência, passaram a ser incorporados como dimensões de ênfase, estimulando formulações cujo questionamento à colonização de um sujeito universal, estiveram presentes, galgadas em um terreno de contestações que incluem aspectos sócio-históricos das teorias feministas, mas também com acúmulo teórico de desestabilizações que iniciaram muitos séculos antes.

Nessa perspectiva dos métodos desconstrutivistas, o sistema moderno da sexualidade passou a ser encarado como um conjunto de saberes e práticas que estruturam toda a vida institucional e cultural do nosso tempo (MISKOLCI, 2009).

⁹ “As teorias subalternas ganharam seu título de uma terminologia criada por Antonio Gramsci para referir-se àqueles cuja voz não é audível no sistema capitalista” (MISKOLCI, 2009, p. 158).

Corroborando com essa ótica, que compreende a sexualidade como um dispositivo histórico e social, no qual as performatividades são inscritas através de experiências culturalmente construídas em relações sociais, se apresenta como necessário o ato de explorar os meandros da heteronormatividade, bem como focar nos seus processos sociais normalizadores que marcam a produção simultânea de papéis tidos como hegemônicos e subalternos (MISKOLCI, 2009).

Para tanto, as performatividades, enquanto esferas incessantemente invadidas pelas (quebras das) regras heteronormativas, configuram-se como uma realidade propícia para interpretar tais dimensões. Há campos e fenômenos que podem ser aparentemente divergentes, mas que se colidem no universo da violência intercruzada com as *fissuras* da heteronormatividade nas performatividades. Indo de encontro a essa perspectiva, o presente trabalho, no âmbito dos estudos sociológicos, visa não somente fomentar a importância de análises considerando as assimetrias entre as performatividades na heteronorma, como também estimular a construção de outras pesquisas problematizando tais temas. Assim, trata-se de um universo empírico que, como explana Miskolci (2009) tem também implicações políticas, pois permite compreender e contestar processos sociais que se utilizam das diferenças como chaves para a desigualdade, hierarquia, violências e opressão.

Neste sentido, há uma diversidade de fundamentos epistemológicos, propiciando reflexões sobre as questões aqui levantadas. Nesta seara, torna-se relevante lançar olhar para a construção científica que emana, a partir do alicerce do feminismo. Enquanto teoria, prática e movimento que se expande no âmbito de múltiplas epistemologias, essa concepção, resulta metodologias e resultados plurais, que repercutem consensos e divergências entre si. Para situar este estudo no campo de gênero e estudos da sexualidade, se faz necessário uma mirada acerca de contribuições que a base do feminismo resultou para o âmbito acadêmico (GERGEN, 1993).

Ruth Hubbard (1993), ao recapitular fundamentos sobre a lógica de construção do conhecimento, partindo do feminismo e observando o fenômeno atrelado ao caráter da masculinidade, chama atenção para um dado, observando, por exemplo, o campo das Ciências Naturais e englobando uma análise de como se fomentam os fatos na ciência. Hubbard, primeira mulher a ocupar o cargo de docente em biologia na Universidade de Harvard, atenta para importantes pautas, para entender o papel político da ciência, através de uma

educação formativa. Identificando como os fatos se constituem cientificamente, a pesquisadora utiliza-se de Paulo Freire, em uma lógica na qual a produção da ciência deve ser observada como uma atividade social.

Nesse contexto, ressalta-se que a história e a cultura humanas, assim como a educação e a ciência, foram e são marcadas pela experiência da masculinidade, traduzida pela vivência de homens brancos, europeus e norte-americanos, de classe mais alta. Em contrapartida, percebe-se nesse desenvolvimento histórico, o quanto outra parcela, formada pela classe trabalhadora e subalterna, ocupa papéis de submissão nesses espaços, desenvolvendo atividades para além das teorias, que embora sejam primordiais e necessárias, ainda colocam uma condição de subjugação pelo poder androcêntrico e eurocêntrico. Pensando nisso, Hubbard (1993), elenca conflitos sobre o campo das ciências naturais, para desvelar contradições que perpassam as ciências humanas e sociais, as quais também reproduzem a mesma lógica de masculinidade, refletindo na adoção de um conjunto de mitos científicos, que passaram a ser contestados pelas teorias feministas.

Entre tensões que envolvem fatores econômicos, sociais, culturais e políticos, a raça, o gênero, a sexualidade e a classe estiveram sempre motivando tensões e ideologias na produção do saber. Nesse aspecto, a autora enfatiza a sobrecarga do trabalho doméstico e reprodutivo, enquanto dimensões não remuneradas, não valorizadas e ignoradas, sendo legitimadas a partir de argumentos validados por mitos das ciências naturais e argumentos biologizantes. Tal ideologia, de uma suposta “natureza feminina”, vem há séculos sendo descrita, analisada, documentada e principalmente descortinada enquanto leque discriminatório e violador de direitos (HUBBARD, 1993).

A indagação dessas teorias de cunho sexista, que abordam a noção de gênero como categoria biológica e natural, segundo a pesquisadora supracitada, tem por objetivo a manutenção de uma ordem desigual dominante. Essa realidade, provoca aos pressupostos científicos do feminismo, a executar um confronto entre elementos da objetividade e da subjetividade. Assim, o reconhecimento de métodos científicos que desafiam as lógicas do sistema dominante, foi alavancado ao longo da ciência feminista, ampliando o escopo de análise do comportamento social e humano para além de uma visão natural e essencialista (HUBBARD, 1993).

Esse cenário envolve as ciências sociais, onde igualmente é primordial considerar o conteúdo e papel político das pesquisas. Justamente a pretensão de torná-la estritamente objetiva, apolítica e neutra em termos de valores, é algo profundamente político, porque obscurece e traduz um negacionismo do papel que a ciência e a tecnologia devem desempenhar diante da atual distribuição de poder na sociedade. “Nenhum componente ativo da sociedade – e ciência e tecnologia são isso – pode ser politicamente neutro. Ao afirmar que são objetivos e neutros, os cientistas se alinham ao lado dos poderosos, contra os destituídos de poder” (HUBBARD, 1993, p. 33).

Nesse sentido, Hubbard (1993), desperta a ênfase de que a ciência, deve ter um compromisso engajado, que adota reivindicações e apresenta caminhos para exercer sua função social e política, especialmente através de formas que articulem fato e objeto a partir da objetividade e da subjetividade. Todavia, tal articulação não se traduz por uma atribuição simples, individualizada ou superficial. Trata-se de um processo contínuo, que ainda está em curso.

Leonore Tiefer (1993), ao contribuir com a discussão aqui levantada, discorre entorno de “Uma Perspectiva Feminista sobre Sexologia e Sexualidade”. Nessa premissa, a pesquisadora argumenta que as feministas, envoltas a diferentes campos de saber, muito produziram sobre sexualidade, no entanto o mesmo não ocorreu o mesmo com temas da sexologia. Enquanto movimento e análise política que busca transformações sociais, Tiefer examina a sexualidade como fator de opressão de gênero. Nesse processo, sublinha-se a ciência feminista com conjuntos segregados de hipóteses e conclusões, que nem sempre estão em consenso, a exemplo de perspectivas culturais, liberais, radicais, socialistas, dentre outras.

A sexualidade, enquanto eixo de reflexão, aponta para o aspecto político, o qual raramente é explorado quando considerado no âmbito da sexologia. As orientações em termos biológicos para essas pesquisas, sempre tiveram endossadas. Para contrapor essa história, conduzida por visões redutoras da sexualidade, como algo inerente, universal e impulso puramente biológico e instintivo, a ciência feminista apresentou-se como uma possibilidade. Todavia, essa opção encontrou pouco apoio acadêmico na sexologia, o que a autora argumenta que está conectado com o seguinte fato:

Podemos entender por que a sexologia contemporânea não pode ser receptiva as posições feministas. Vinda de uma crítica política da sociedade e de suas instituições, qualquer descrição ou hipótese feminista sobre as relações sexuais seria suspeita de tentar "transformar a ciência sexual numa ideologia (TIEFER, 1993, p. 43).

A criação deste discurso, como argumento para uma suposta neutralidade empírica apolítica, pode servir como chave de compreensão para elementos necessários para a crítica feminista, que resultaram em críticas no campo de gênero e estudos da sexualidade. Tiefer (1993), indica que esses elementos estariam centrados em: 1) Antiessencialismo: rejeição de explicações da sexualidade como uma natureza dada, fixa, inerente, apontando gênero e sexualidade como uma construção social, que parte do meio interpessoal e não individual, portanto é histórica e não simplesmente a-histórica; 2) Pesquisa Utilizável: a investigação feminista deve ter métodos e instâncias de colaboração, com tópicos objetivos e subjetivos que se relacionam com sexualidades, ou seja, com contextos plurais; 3) Pesquisa para Mulheres: as reflexões que trazem melhorias para as mulheres, devem ser uma meta em todas as fases da perspectiva feminista.

Em suma, o que a autora citada reitera é que “o feminismo tem de pressionar no sentido de fazer com que a sexologia estude o seu objeto de formas que realmente tenham valor” (TIEFER, 1993, p. 46). Mesmo ainda tendo muito a avançar na compreensão e elaboração desta tríade de argumentos e conceitos, são aspectos que despertam discussões necessárias.

Sobretudo com o terceiro ponto elencado por Tiefer (1993), é possível estabelecer um diálogo despontando sentidos divergentes. Kenneth Gergen, com seu texto “A Crítica Feminista da Ciência e o Desafio da Epistemologia Social” (1993), defende a afirmativa de que o feminismo, na produção científica contemporânea, adota uma postura predominante de ataque. Certamente, tal posicionamento vem numa condição de defesa diante de todo um histórico de violências e invisibilidades. Mas, neste caso, embora tais iniciativas sejam fundamentadas na crítica, o autor atenta que tais estratégias, mesmo quando voltadas para a ciência empírica tradicional, acabam por afetar o próprio empirismo da ciência feminista atual. Assim, as questões acerca das investigações e pesquisas, ao passo em que minam as teses de neutralidade da lógica androcêntrica, acabam gerando também outras problemáticas que se voltam contra o próprio feminismo.

Kenneth (1993), compreende que a medida em que se ampliam, tais críticas acabam por esbarrar em vulnerabilidades que se contrapõem inclusive ao empirismo das teorias do feminismo, ou seja, seus princípios de ataques podem deslegitimar suas próprias ações no espaço acadêmico. Assim, é importante também refletir sobre como as epistemologias calcadas pela perspectiva feminista, também podem apresentar falhas, como por exemplo, com relação a temática racial e todo o espectro de mulheres diversas no sentido de performatividades que recorrentemente não foram alcançadas, principalmente por interpretações marcadas pelas práticas da colonização. Sublinha-se com a base referencial africana “A invenção das mulheres”, de Oyeronke Oyewumi (2021), livro cujo aspecto descolonial é trazido para a reflexão, discorrendo sobre como os estudos e análises dos padrões de comportamento de gênero, são uma construção eurocentrada.

Este debate, alerta que não há soluções imediatas, reiterando que há desafios para não esbarrar em uma prática de um suposto “fundamentalismo feminista” (GERGEN, 1993, p. 55). Segundo ele, “uma “única história verdadeira” não pode ser contada a partir da perspectiva feminista, mas muitas histórias parciais são necessárias para se alcançar a transformação social” (GERGEN, 1993, p. 54). Kenneth (1993), reconhece e replica que as soluções para as demandas que têm sido debatidas pelos estudos de gênero e sexualidade, encontram propostas ao longo de toda a história do feminismo, a partir das quais constata-se o consenso do quão importante é o feminismo, mas também se faz emergente a crítica, na busca por uma epistemologia social abrangente.

Deste modo, o autor explica e sugere que: 1) As reivindicações da ciência poderiam ser consideradas como forma de discurso; 2) O que existe por si mesmo não dita as propriedades do discurso, através do qual se dará inteligibilidade; 3) O discurso é inerentemente social, portanto pode-se olhar para o processo social como compreensão na busca pelas reivindicações do conhecimento; 4) As reivindicações da ciência são constitutivas da vida social e devem abrir-se a todo o espectro da sua comunidade discursiva (GERGEN, 1993).

Examinando as motivações e explicações epistemológicas na crítica feminista voltada para o meio científico, Gergen (1993), indaga que as tentativas para substituir o embasamento androcêntrico do conhecimento e da empiria, se debruçam sobre possibilidades de uma epistemologia social ampla, que

contemple diferentes vertentes do pensamento feminista. Para tanto, não é necessário somente um olhar para a crítica, como também é primordial efetivar uma criatividade conceitual.

Englobando o artigo intitulado “O pensamento feminista e estrutura do conhecimento”, Peggy Reeve Sanday (1993), elenca uma relação interessante de encontro com os estudos de gênero e sexualidade, explorando a temática da reprodução do patriarcado na antropologia feminista. Sanday (1993), corrobora evidenciando como as questões da academia estão, indubitavelmente, conectadas com os aspectos políticos da sociedade. Nesse sentido, por maiores percalços que se encontrem nessa associação, é preciso observá-la, explanando agendas políticas e teóricas, bem como os mitos e propósitos de controle ou mudanças sociais que atravessam essa intersecção.

No que consiste às políticas sexuais, vislumbra-se como há um contexto que está ininterruptamente se transformando. Estar atenta para essa realidade, a partir da antropologia de base feminista, demanda considerar o “inter-relacionamento entre observação do campo, visão intelectual e moral e demandas políticas contemporâneas” (SANDAY, 1993, p. 72).

Sanday (1993), argumenta que o modelo patriarcal da sociedade tem relação com as vertentes feministas na antropologia, através de duas vias: “uma enfatiza a posição estruturalmente periférica das mulheres em relação ao sistema de direitos e deveres quanto a pessoas ou coisas; a outra se concentra na desvalorização simbólica da mulher” (SANDAY, 1993, p. 72). Em todo esse processo, os dilemas em torno da existência de uma suposta natureza universal, estão presentes. Outro ponto recorrente de debate são os conjuntos de oposições binárias. O que a pesquisadora sugere como saída, é que cada contexto ou sistema, deve ser entendido com suas características, elaborando discussões aplicadas a cultura a que se está inserido. Para tanto, Sanday (1993), utiliza como mecanismo de estudo, a experiência de um modelo matrifocal. Nesse sentido, há a centralidade das mães que desempenham papéis de domínio sobre assuntos econômicos e sociais da sua comunidade, correspondendo a roteiros organizacionais que não assumem os papéis de gênero e sexualidade conforme conhecidos modelos de dominação masculina.

O estudo de Sanday (1993), para balizar esta análise, voltou-se para a linha matriarcal da cultura Minangkabau, da Sumatra Ocidental, em 1981. Nesse contexto, em termos de gênero, a categoria mulher, constitui-se como núcleo

para manutenção da cultura e da economia, através de laços políticos e cerimoniais. Nesse sistema, as personagens mais velhas em termos de idade, desempenham autoridade maior e sustentação primordial da linhagem materna, que, dentre outros aspectos, é marcada por elementos simbólicos e visuais de identidade étnica. Assim, a categoria homem, possui um status traduzido em termos de deveres que realizam com relação as mulheres. Ideologicamente, o matriarcado é motivação de orgulho para seus membros comunitários, sendo consenso que os direitos dessas mulheres estariam inseparáveis das atribuições dos homens daquele contexto.

A partir disto, Sanday (1993), aborda as implicações de teóricas feministas clássicas, a exemplo de Beauvoir, alegando que suas afirmações são dotadas de preconceito patriarcal, na medida em que trata as dualidades entre homens e mulheres numa perspectiva inerente, universal e essencial. Posteriormente, ao século XX, esse modelo, segundo a autora, ainda reverbera entre muitas teorias. Diante disso, a visão acerca da matrifocalidade deriva de um sistema social que é exceção, demonstrando padrões que diferem das lógicas androcêntricas. Segundo Sanday (1993), a principal diferença entre o patriarcado e o matriarcado, pode ser elencado a partir do fato que o primeiro é adotado com termos em oposição, dados como estáticos, enquanto o segundo modelo tem tendência de um processo dialético e progressivo.

Assim, o sistema matrifocal, tende a aspectos acomodativos, não no sentido de estagnação, mas no significado de todos se sentirem acolhidos, confortáveis, bem como, vincula-se a fatores integradores, de cooperação e com coordenação grupal. Em contrapartida, o modelo patriarcal reproduz processos aquisitivos e desintegradores, pautados na violência. Como Sanday (1993) explica, quanto mais sólida a linhagem materna, também o cotidiano estaria mais propenso a relações interpessoais acomodativas (acolhedoras).

A utilização política das descobertas da pesquisa matrifocal, nas teorias de gênero e estudos da sexualidade, emprega diferentes estratégias para contrapor-se e buscar um fim ao patriarcado ocidental. Para desconstrução de uma dominação social tão desigual como a do sistema eurocêntrico, tomando por base o dissenso das sociedades matrifocais, é preciso atentar que “a estratégia não é a separação para se chegar à solidariedade, mas a acomodação, para se chegar a mudança” (SANDAY, 1993, p. 86).

Com esses pressupostos levantados por Sanday (1993), pode-se considerar que há dificuldades em desvincular os processos intelectuais das motivações políticas e morais. Nesse sentido, o mais importante é reconhecer esse fato dialético ao qual inevitavelmente os pesquisadores estão engajados. A vida intelectual está entrelaçada com o autoconhecimento, mas o que ocorre repetidamente é a anulação dessa constatação. “Honestidade intelectual foge à postura tão comum” (SANDAY, 1993, p. 87). É essa honestidade que permite que o cientista seja ele mesmo e não apenas reproduzidor de paradigmas (SANDAY, 1993).

Dando seguimento ao ato de desvendar a pesquisa social nos estudos de gênero e teorias da sexualidade, correlacionando com o investimento das epistemologias feministas, menciona-se ainda o artigo “Rumo a uma metateoria e metodologia feministas nas Ciências Sociais”, de Mary Gergen McCanney (1993). A autora considera que nas décadas passadas, o aporte teórico feminista multiplicou-se e argumenta que, embora não tenham sido bem recepcionadas, tais construções passaram por investimento e ampliação no que condiz ao desenvolvimento de tal teoria no campo de ensino. No entanto, o mesmo não ocorreu com o aspecto metodológico, ou seja, mesmo onde há evidente empreendimento teórico ligado a causas feministas, é recorrente que prevaleça uma metodologia tradicional.

Um exemplo para esse contexto levantado por Gergen McCanney (1993), emana das Ciências Sociais, na qual percebe-se que mesmo havendo abertura para a entrada de novas perspectivas teóricas, o mesmo não ocorre com os métodos. Isso perpassa a ciência feminista, na medida em que suas teorias e fenômenos ganham adesão, mas seus métodos propostos, são reiteradamente enquadrados como suspeitos. Diante disso, Mary sugere que cientistas sociais que pontuam problemáticas do seio feminista, rejeitem as imposições metodológicas tradicionais, criando novos métodos que estimulem as metateorias feministas, bem como estudos de gênero e sexualidade (GERGEN McCANNEY, 1993).

Para tanto, denota-se a necessidade de que haja uma crítica feminista não restritiva, ou seja, coletiva, interdisciplinar com as diversas correntes do pensamento social e intelectual. Centrando sua atenção a partir da psicologia social, a teórica elenca algumas críticas que a ciência feminista examina acerca das metodologias tradicionais, desvelando insuficiências empiristas, que levam

a importância do paradigma feminista nas ciências sociais (GERGEN McCANNEY, 1993). A partir dessas constatações, a pesquisadora levanta aspectos interessantes, que somam para analisar a construção dos estudos de gênero e sexualidade como um todo:

1) Independência de cientista e disciplina: tradicionalmente, tomando o exemplo da psicologia no campo das ciências sociais e humanas, defendeu-se a necessidade de manter a objetividade da pesquisa, associando este elemento à distância e a neutralidade de quem pesquisa. Essa perspectiva recebe críticas até os dias de hoje, especialmente pelas vertentes feministas, que explicam que essa visão seria limitada e androcêntrica. Uma metateoria e uma metodologia adequada para analisar os fenômenos de gênero e sexualidade, portanto, “incorporariam o princípio segundo o qual pesquisador e objeto de pesquisa são interdependentes” (GERGEN McCANNEY, 1993, p. 113).

2) “Descontextualização” do fenômeno: tradicionalmente, na psicologia, partindo das ciências humanas e sociais tradicionais, a empiria busca seguir normas que atendem a uma ideia de humano, com um funcionamento a partir de leis gerais e universais. Essa lógica também se associa com bases androcêntricas e repercute no deslocamento de relevantes aspectos sociais e culturais que fazem parte do contexto em que estão. O pensamento feminista, sugere o contrário, que não seja anulada a interdependência entre realidade e o contexto do objeto de pesquisa (GERGEN McCANNEY, 1993).

3) A possibilidade da teoria e da prática isenta de valor: a ideia tradicionalmente imposta de que a ciência deve ser produzida a partir de um lugar imune a valores pessoais é rejeitada pela lógica feminista, que reivindica essa crença como algo ilusório e irreal. Para tanto, Gergen McCanney (1993), sugere que sejam criadas outras formas de articulação da pesquisa.

4) A possibilidade de fatos brutos: há o persistente argumento tradicionalista de que “o mundo seja como é independentemente do observador” (GERGEN McCANNEY, 1993, p. 115). Porém, como as ciências sociais feministas vem demonstrando no campo de gênero e sexualidade, tal pressuposto deve ser criticado, ao passo em que os métodos requerem interpretação.

5) A superioridade da ciência e o cientista: a presunção de manter a ciência e o cientista em posições superiores, reproduz as desigualdades de gênero da cultura e da sociedade em geral. Nesse sentido, o domínio científico,

não está separado das bases sexuais e de gênero desiguais. Para essa problemática, Gergen McCanney (1993) explica que as teóricas feministas sugerem que seja realçada e potencializada a voz de quem participa das pesquisas, não sendo colocados em um viés subestimado, mas, ao contrário, sendo valorizados e tendo suas experiências valorizadas de modo amplo.

Ao rejeitar esses cinco princípios associados a empiria tradicional, Gergen McCanney (1993), explana como as bases feministas contribuem para os estudos de gênero e sexualidade, ao questionarem diretamente princípios que são de ordem metodológica. Como experimento de encontro a essa perspectiva interpelada pela autora, ela realiza uma aplicação a partir de um estudo sobre o fenômeno social da menopausa.

Argumentando que, tradicionalmente, as investigações sobre esse tema da menopausa, seguem um paradigma dominante androcêntrico, questiona-se as construções em acordo com pesquisas recentes da ciência feminista. Sobre essa problemática, que dialoga diretamente com as teorias de gênero e sexualidade, Gergen McCanney (1993), reverbera as preliminares do seu estudo, no qual projetou, com uma base feminista, questões relativas a menopausa e a adesão desse tema para mulheres na faixa geracional dos quarenta anos.

A investigação se desdobrou, por meio da compreensão de que a categoria “mulheres”, como fruto de uma construção cultural, a partir do marcador etário mencionado, se tornariam mais vulneráveis a declínios e efeitos negativos dessa fase de desenvolvimento humano (GERGEN McCANNEY, 1993). Valendo-se de técnicas dialógicas, a pesquisa incitou a ideia contrária, de que a partir desta etapa da vida, a mulher se tornaria mais livre, mais realizada e, inclusive, mais satisfeita do que anteriormente (GERGEN McCANNEY, 1993). Efetivando esse caminho, a pesquisa teve o método de exploração consolidado na própria residência da pesquisadora, na qual sete mulheres participantes, todas já conhecidas entre si, formaram um grupo de debate. Considerando esse público alvo, cabe ressaltar que características hegemônicas nas participantes, cujo grupo foi composto por mulheres entre quarenta e sessenta anos, todas casadas com homens e com filhos, sendo de classe média e proprietárias de imóveis.

Na análise dos dados alcançados com esse estudo de Gergen McCanney (1993), a autora explana que a iniciativa ampliou a compreensão sobre o tema

por parte das interlocutoras. Embora tivesse uma resistência inicial em observar esse assunto e de associar suas identidades ao período da menopausa, pode-se notar que a pesquisa levou a uma queda da visão tradicional. Mesmo apreendendo experiências com um viés de hegemonia entre as participantes, a execução do estudo abriu possibilidades de pensar além do que se estabelece, abordando não somente nas preocupações acerca da menopausa, mas também nos aspectos de prosperidade, saúde e liberdade.

Como o experimento foi voltado para a “menopausa como parte de uma transição de papéis para uma nova forma positiva de ser mulher” (GERGEN McCANNEY, 1993, p. 121), as participantes também reverberavam dados de encontro a esse sentido positivado. A partir deste exemplo de análise, pode-se perceber também a possibilidade de mudanças e efeitos quanto a desconstrução de modelos dominantes da esfera médica e psiquiátrica, que associam tal fase estritamente a patologias e efeitos negativos. Embora ainda seja importante avançar na compreensão do ser mulher como uma categoria plural, ainda mais considerando a relação “menopausa”, que frequentemente se pauta em aspectos biológicos, o que exige um olhar para além da cisgeneridade, mesmo assim, há um aspecto interessante sobre a forma que se realizou essa pesquisa.

Nesta iniciativa de inspirar a transformação dos métodos em práticas, o investimento que Gergen McCanney (1993), nomeia metateoria feminista, apesar de limitações, cumpre o preceito de explorar novos métodos, descobrindo realidades que se apliquem a ampliar o contexto social explorado. Na expansão da perspectiva feminista do conhecimento voltado às ciências sociais e estudos de gênero, trabalhos como esse podem abrir novos horizontes e alcançar resultados interessantes e surpreendentes.

Detecta-se nesta retomada, que o campo de gênero e sexualidade, ao se embasar em um viés feminista, partem de abordagens múltiplas, desde uma determinação estruturalista, até óticas construtivistas, pós-estruturalistas, críticas e desconstrutivas. Neste último caminho, em uma lógica de desconstrução, pode-se realçar as sustentações alavancadas por Paul Preciado (2011), no trabalho “Multidões queer: notas para uma política dos “anormais””.

Preciado (2011), trata acerca da teoria queer imbricada ao feminismo e discorre sobre a noção do sujeito enquanto “multidões”, inspirando-se em culturas anarquistas europeias que trazem o emergente combate ao que chama de império sexual. Em um esforço para uma desontologização das políticas de

identidade, busca-se argumentos para legitimar a ação política que coaliza “multidões” de corpos transgressores das normas naturalizadas por “diferenças sexuais”.

Preliminarmente, Preciado (2011, p. 11), enfatiza que “a sexopolítica é uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo”. Nessa lógica, há disputas de poder que se associam a tecnologias de normalização, discursos sobre sexo e controle das identidades (PRECIADO, 2011). A partir da análise Foucaultiana da passagem das sociedades soberanas, para as sociedades disciplinares, correlacionada com o pensamento de Monica Wittig em que a heterossexualidade é calcada como um regime de poder, Paul Preciado aponta que no intercruzamento dessas respectivas formas de poder, a heterossexualidade configura-se como uma tecnologia biopolítica.

Acrescentando ao viés de Foucault, através do qual compreende-se que a sexopolítica é dotada de normalização e subjetivação, o autor supracitado explana que essa noção deve ser ampliada com foco no império sexual, onde o ideário em torno da noção de sexo é correlato ao capital. Ou seja, na sexopolítica, o corpo e o sexo não são somente condicionantes da vida e da biologização, mas sim, também são produtos da divisão do trabalho (PRECIADO, 2011). A produção do corpo, da identidade e dos órgãos reprodutores, envolve processos de territorialização, de capitalismo sexual e de sexo do capitalismo, portanto são pontos fundamentais do mundo político e governamental (PRECIADO, 2011).

Nesse sentido, Preciado (2011), amplifica críticas ao apego de Foucault a sexualidade disciplinar do século XIX, o que o teria levado a não considerar de modo atento o desenvolvimento tecnológico do corpo sexual no século XX. Conforme argumentos de Preciado (2011), é preciso retomar que foi se constituindo, a partir deste período, a potência de um império sexual que se esforça em regular, controlar e normalizar uma multiplicidade de corpos ditos como anormais.

Com esse quadro de entendimento, percebe-se, com base em Preciado (2011), que há um fluxo de sexualização, pelo qual normaliza-se os corpos e em detrimento deste ciclo, há uma distribuição desigual de benefícios. Com essa compreensão, pode-se concluir que o gênero, não somente é parte de uma política de reprodução que recai sobre minorias, mas é um conjunto de dispositivos sexopolíticos que se tornam objeto de multidões (PRECIADO,

2011). O corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder, mas antes a potência mesma que torna possível a incorporação prostética dos gêneros (PRECIADO, 2011, p. 14).

Dessa lógica se proliferam movimentos sociais e políticos, tais como o movimento feminista, LGBT e outros tantos com pautas decoloniais, paralelamente a um desenvolvimento também em âmbito de estudos de gênero e teorias da sexualidade. Essas multidões de frentes atuantes, que no artigo de Preciado (2011), são interpretadas como multidões queer, buscam o que Deleuze conceituava como desterritorialização da heterossexualidade. Nessa proposta, possibilita-se a atuação política de enfrentamento através de intervenções que afetam tanto o meio urbano, como o meio corporal, tecnológico e subjetivo (PRECIADO, 2011).

Não precisamos cair na armadilha da leitura liberal ou neoconservadora de Foucault que nos levaria a pensar as multidões *queer* em oposição às estratégias identitárias, tendo a multidão como uma acumulação de indivíduos soberanos e iguais (PRECIADO, 2011, p. 14).

Dessa forma, é preciso admitir, a partir dessas multidões que o autor explana, que os corpos resistem e não são mais totalmente dóceis, levando a potencializar um processo que primeiro é de desidentificação, para depois construir identificações estratégicas, utilizando o máximo de recursos performativos da produção política de identidades desviantes (PRECIADO, 2011). Resistindo ao universal da história branca e colonial, tais multidões, seguem com desvios das tecnologias do corpo e se reapropriam dos discursos do corpo desviante moderno (PRECIADO, 2011). Com uma multiplicidade de corpos que se colocam contra os regimes que constroem o normal versus o anormal, além de propor uma reviravolta epistemológica, “a multidão *queer* não tem relação com um “terceiro sexo” ou com um “além dos gêneros”. Ela se faz na apropriação das disciplinas de saber/poder sobre os sexos, na rearticulação e no desvio das tecnologias sexopolíticas (PRECIADO, 2011, p. 16).

Nessa história, que recaí sobre as pesquisas sociais e teorias de gênero, a luta por uma inversão das forças performativas dos discursos e de uma reapropriação das tecnologias sexopolíticas que (re)produzem corpos “anormais”, também se reivindica por uma transformação na produção e na circulação dos discursos nas instituições modernas. O que pode ser

compreendido com o que Preciado (2011), reitera como desontologização do sujeito envolvido na política sexual, é precisamente um caminho em que residem críticas do sujeito unitário do feminismo, que repetidamente é colonial, branco, proveniente da classe média alta e dessexualizado¹⁰.

Certamente, Preciado (2011), afirma que seu olhar não é sobre frentes que querem ou podem atuar sem o feminismo, mas sim parte de um processo enquanto resultado de confrontos reflexivos entre o movimento feminista e as diferenças que foram inviabilizadas em nome de um sujeito político hegemônico e heterocêntrico. Igualmente, Preciado (2011), corrobora que os movimentos LGBT, quando se utilizam de concepções fixas de identidade sexual, também contribuem para a normalização e o crescimento das forças dominantes. É contra esse essencialismo e normalização que a medicalização foi abandonada em detrimento de estratégias das multidões queer, por exemplo.

Legitimando suas ações, “a política das multidões *queer* emerge de uma posição crítica a respeito dos efeitos normalizantes e disciplinares de toda formação identitária” (PRECIADO, 2011, p. 18). Assim, “não existe diferença sexual, mas uma multidão de diferenças, uma transversalidade de relações de poder, uma diversidade de potências de vida” (PRECIADO, 2011, p. 18). É preciso destacar que “as políticas das multidões *queer* se opõem não somente às instituições políticas tradicionais, que se querem soberanas e universalmente representativas, mas também às epistemologias que ainda dominam a produção da ciência (PRECIADO, 2011, p. 18).

Essas evidências, remetem também à ascensão da prática de descolonizar a sexualidade, como um componente central das teorias de gênero focadas na pesquisa social. Rea e Amancio (2018), trazem uma análise sobre os desafios deste propósito, traçando paralelos entre a teoria queer e seu trânsito com as teorias do sul global, especialmente no contexto brasileiro. Refletindo acerca dessa recepção e das oposições, considera-se as dimensões de gênero e sexualidade enquanto inseparáveis dos processos de colonização do ocidente, que envolvem, por exemplo, racismo, imperialismo e imigração.

Os deslocamentos de ideias, práticas e teorias entre a teoria queer e o sul global, mais especificamente América Latina e África, vem desmembrando um conjunto de debates. Nessas reflexões, mais do que binômios de oposições

¹⁰ O debate sobre as lógicas de dessexualização se refere a perda da intensidade real dos desejos, transformando a sua conotação, eliminando o prazer sexual do seu conteúdo.

geográficas e simbólicas, há toda uma dimensão política, estratégica e metafórica que amplia o olhar acerca das diásporas e tece experiências plurais na elaboração do pensamento científico (REA; AMANCIO, 2018). Esse processo engloba os movimentos sociais e a resignificação da subalternidade, de modo que “as práticas queer fazem parte dessas experiências culturais anti-hegemônicas, de contestação da sociedade normativa e das suas múltiplas formas de exclusão” (REA; AMANCIO, 2018, p. 3).

Para as autoras, a teoria queer compreende “um conjunto de produções teóricas e de práticas de ativismo voltado para a contestação e a desconstrução de normas sócio-sexuais” (REA; AMANCIO, 2018, p. 3). Em oposição a falácia da igualdade no sistema social dominante e normativo, esta abordagem traz contestações sobre as políticas impostas, não só no que se refere ao gênero e a sexualidade, mas também a raça, etnia, corporeidades e afetos dissidentes nas normas. A resistência frente a uniformização e a luta constante anti-hegemônica e contra o capitalismo fazem parte desse repertório de atuação, baseando-se na defesa estratégica da não essencialização das identidades (REA; AMANCIO, 2018).

Nesse paradigma, as reivindicações adotam uma configuração de “construção dinâmica e mutável, sempre historicamente transformada e renegociada, e não como uma realidade estável, fixa e natural” (REA; AMANCIO, 2018, p. 4). Corroborando com essa lógica, as pesquisadoras afirmam que a teoria queer está posta em oposição a heteronormatividade e, também, as normas da branquitude e aos ideais ocidentais burgueses.

Em concordância com esse prisma, as autoras buscaram nesse artigo uma metodologia de revisão teórica não hierárquica, a partir produções elaboradas por ativistas queer de raça não-branca (REA; AMANCIO, 2018). De encontro a essa proposta, apresenta-se uma reflexão, com base em Miñoso, se essas teorias seriam uma expansão do projeto humanístico eurocêntrico. A maneira que essas práticas e teorias são recepcionadas na América Latina, suscitam uma série de questionamentos. Em contrapartida do feminismo, que nessa trajetória epistemológica traz inovações e pertinentes avanços sobre a colonialidade e os marcadores sociais para além do gênero, o mesmo não ocorreu com o campo das diversidades sexuais (REA, AMANCIO, 2018).

Rea e Amancio (2018), averiguam que o projeto queer latino-americano segue pautado com estrutura monolítica, majoritariamente branco e com um

déficit de desenvolvimento referente as dissidências de raça, etnia, classe, nacionalismo e colonialidade. Certamente, há as exceções e os investimentos de criticidade para descolonizar esse modelo, que na contramão, têm reivindicado o trânsito do centro para a periferia, articulando local e global, discutindo as intersecções da contemporaneidade a partir dos saberes subalternos (REA; AMANCIO, 2018).

Também se torna notável destacar que “contar a história das minorias sexuais e de seu enfrentamento ao poder das normas sociais estabelecidas implica, ao mesmo tempo, enfrentar outras histórias, como a da assimilação à sociedade capitalista neoliberal e seus padrões” (REA; AMANCIO, 2018, p. 8). Um exemplo de pesquisa que segue essa linha de pensamento está em Larissa Pelúcio, referência amplamente utilizada neste trabalho, a qual as autoras elencam como inspiração para afirmar que nos contextos latino-americano e brasileiro, “sexualidades, desejos e regimes eróticos são marcados pelas relações coloniais e por múltiplas formas de exploração e de subalternização, pela racialização da sexualidade e pela sexualização das relações raciais” (REA; AMANCIO, 2018, p. 9).

Com esses aportes teóricos que vão nessa mesma frequência, pode-se dizer que, opor-se a heteronormatividade e a LGBTfobia, deve ser um processo que se coaduna ao embate antirracista e também a uma profunda crítica ao sistema colonial. No cenário de crítica queer, advinda para América Latina e Brasil, também é preciso sublinhar as dificuldades quanto a tradução dos textos e os desafios para romper com a colonialidade hegemônica do saber, que se encontra latente nessas produções (REA, AMANCIO, 2018).

Enfrentar processos de epistemicídio, ou seja, apagamento de saberes e invisibilidades no meio acadêmicos e da produção do conhecimento, especialmente nas teorias de gênero e estudos da sexualidade, exige reinventar terminologias e linguagens. Tal tarefa emergente, traz lições sobre essa relação de subserviência e subordinação, que reiteradamente se estabelece nas encruzilhadas que envolvem corpos marcados simultaneamente por diferentes dimensões. A partir da valorização e da profunda visibilidade de uma genealogia subalterna não-branca, associada a teoria queer, novos caminhos são abertos, nos quais elege-se uma postura não conformista e pode ser facilitado o diálogo, com a construção de novos formatos de solidariedade (REA, AMANCIO, 2018).

Com esse viés, salienta-se a articulação das raízes comuns de opressão, propondo estratégias de lutas simultâneas, através das quais entende-se “gênero e sexualidade como inseparáveis da história pós/neocolonial do ocidente, englobando as experiências da escravidão, do racismo, da diáspora e dos fenômenos de imigração e dos novos imperialismos” (REA; AMANCIO, 2018, p. 17). As autoras também explanam como o engajamento político e teórico, em nível global e local, exige uma “leitura complexa e interseccional do gênero e das sexualidades, articulando-os com a crítica aos fenômenos da expansão capitalista neoliberal, dos novos imperialismos e da produção de hierarquias e privilégios” (REA; AMANCIO, 2018, p. 18).

Essa plataforma de conhecimento, reúne um vasto campo de pessoas atuantes em frentes não só acadêmicas, mas artísticas e ativistas de grupos com concepções opostas ao neoliberalismo, ao eurocentrismo colonial e a supremacia da branquitude. Nesse paradigma, Rea e Amancio (2018), também exploram os limites da homonormatividade e seus efeitos enquanto fenômeno presente na reprodução de códigos da heteronormatividade. Trata-se de um paradoxo, que se distancia dos ideais libertários e dos reais interesses que atravessam os movimentos feministas, LGBT e queer. No nexo intrínseco entre colonialidade e modernidade, constituem-se uma multiplicidade de relações de poder subjetivas, que se interliga também a um conformismo com bases nacionalistas e neoliberais (REA; AMANCIO, 2018).

Imersos em um contexto que prima pelo nacionalismo com as lógicas do capitalismo neoliberal “os grupos econômica e racialmente vulneráveis encontram-se mais facilmente expostos a processos de exclusão, de patologização e de criminalização, e são rejeitados às margens da ordem social” (REA; AMANCIO, 2018, p. 24). Ainda neste levantamento, as autoras discorrem sobre o intercruzamento dos estudos do Queer Of Colour (QOC), partindo da América Latina e da África, com o objetivo comum de ir contra a canonização científica ocidental e brancocêntrica. Com isso, situam tais trabalhos numa lógica epistêmica subalterna, anti-imperialista e anticolonial, rejeitando dicotomias geográficas que opõem lutas que se coadunam. No quadro epistemológico encaminhado pelas teorias queer, há uma preocupação central não só de abordar as sexualidades não normativas, mas também de efetivar “uma leitura transversal, interseccional, não identitária e não elitista” (REA; AMANCIO, 2018, p. 26).

Rea e Amancio (2018), afirmam que o diálogo entre populações africanas e latino americanas carregam um potente recurso para fortalecer os estudos queer e sua militância. Especificamente, sobre o queer no contexto africano, explicam que há uma “ampla reflexão política sobre o mundo contemporâneo, as tensões do sistema neoliberal, aos níveis local e global, e, particularmente, sobre os efeitos das novas e múltiplas relações de poder que atravessam o continente africano” (REA; AMANCIO, 2018, p. 29). Ou seja, há um embasamento que está atrelado a um enquadre político que situa o queer como uma agenda de resistência frente a fundamentalismos, essencialismos culturais, rompendo com crenças homogeneizantes e com a espetacularização das LGBTfobias que ocorrem em um campo neoliberal e neocolonial.

Ainda mais importante que isso, é considerar que, muito diferente do contexto euro americano, as lutas queer na realidade africana, se unem as demais pautas de resistências da sua população. “A perspectiva queer africana afirma a necessidade de reestabelecer uma plataforma comum e intersectada dos ativismos, voltada para a construção de uma sociedade mais justa” (REA; AMANCIO, 2018, p. 31).

Indubitavelmente, ainda são variados os desafios e é preciso uma desconstrução profunda e reparadora para descolonizar o paradigma queer, o que implica também a exigência de apreender experiências como oferece o queer africano. Em suma, Rea e Amancio (2018), travam um diálogo aproximando o campo latinoamericano com o africano, de modo não vertical e não hierárquico, incentivando novas possibilidades e significados para a teoria queer nos estudos do sul.

1.1 FRAGMENTOS DA EXPERIÊNCIA: DILEMAS E COMPREENSÕES EM TEMPOS DE CRISE

Partindo do campo de pesquisa das experiências sociais e do universo analítico que se insere no campo das teorias de gênero e estudos da sexualidade, o presente trabalho teve como objetivo geral analisar as interfaces da heteronormatividade com as performatividades, na dinâmica social da violência, ocorrida no contexto das relações afetivo-sexuais.

Enquanto objetivos específicos, pode-se elencar que buscou-se descrever como ocorrem *fissuras* da heteronormatividade nas performatividades

de gênero e sexualidade, bem como identificar formas pelas quais a violência se intercrucza às performatividades no contexto das relações afetivas amorosas. Também se elucida como objetivo do trabalho, a tarefa de compreender as reciprocidades entre as *fissuras* da heteronormatividade monogâmica e violências perpetradas nas relações afetivo-sexuais, almejando assim, apontar novas configurações de afetividade na dinâmica das relações sexuais e amorosas.

Enquanto temas com profunda relevância e que podem ser identificados partindo de diferentes facetas, se optou pelo viés da dinâmica social da violência, adentrando nas relações afetivas experimentadas no contexto sexual e amoroso, considerando assim, as experiências relatadas por pessoas que se autoidentificam como dependentes de amor e sexo e participam de grupos de mútua-ajuda com a finalidade de desmembrar tais questões coletivamente. Esse conteúdo experiencial parte de sujeitos com orientações sexuais múltiplas. Nem sempre é possível identificar uma orientação sexual específica envolvida na experiência. Este dado aparece como uma dimensão fluída, não estática, ou seja, em movimento dinâmico, cuja característica não se estabelece de modo rígido. A tentativa de enquadrar a orientação sexual em blocos monolíticos e monossexuados (homo ou hétero), através das experiências analisadas, seria infrutífera, pois as definições encontradas possuem *fissuras*, que não permitem tal caracterização de maneira determinada, linear e estabilizada.

A justificativa para os participantes e formato escolhido para realizar a pesquisa, vão de encontro à discussão epistemológica referenciada na seção anterior, trazendo os saberes de maneira que quebre com o paradigma fragmentado onde pessoas LGBT aparecem como um grupo que é excluído com base na sua diferença. Os tentáculos que enredam os sujeitos na heteronormatividade podem ser alcançados ampliando as táticas metodológicas e, por isso, a correlação com pessoas que não necessariamente se identificam como LGBT.

Com a coleta de dados focada nas realidades acima elencadas, pode-se afirmar que são experiências que oferecem um cenário analítico propício enquanto contexto pedagógicos para aprendizagem do que é violência, principalmente porque nesses grupos, há um ambiente que incita a produção de narrativas onde a experiência da dor e do sofrimento precisam ser ditos, criando condições possíveis de explorar o objeto proposto.

Além de aprofundar o conjunto de pesquisas sobre temáticas de gênero e sexualidade em espaços ainda não explorados na sua totalidade, também há uma contribuição específica no conjunto de estudos sobre grupos de mútua-ajuda, que na sua grande maioria se voltam para as relações grupais, deixando escapar a possibilidade de investigar outros fenômenos, de percorrer outras técnicas e utilizar mecanismos, tais como os que estão sendo propostos aqui.

Priorizando as teorias, os métodos, as técnicas e a ética em consonância com o problema deste estudo, esta investigação será ancorada predominantemente em referências interdisciplinares da literatura de gênero e sexualidade. Assim, aprofundando a discussão com base nos estudos de gênero e de sexualidade, o aporte teórico parte de teorias feministas e decoloniais, bem como de contribuições das teorias críticas no campo queer. Assim, situado dentro de um quadro de teorias que dialoga com o “Cuír”, serão aplicadas teorias de gênero dissidentes em viés decolonial, com a premissa de evidenciar trabalhos produzidos no Brasil. Nesse delineamento, será utilizada uma metodologia para coleta de dados qualitativa¹¹. Nesse caso, configurando-se como uma pesquisa social qualitativa (FLICK, 2002). Quanto ao campo, é necessário elucidar minúcias acerca do processo de planejamento da pesquisa, que tem contornos emblemáticos, pois se efetiva em tempos de crise humanitária, com entraves políticos que se estendem às calamidades sanitárias e às insanidades geradas pela pandemia do Covid-19.

É necessário destacar que, para analisar o tema em voga por esta investigação, obtendo como linha de direção os estudos de gênero e sexualidade, a partir do caso da sociologia brasileira no contexto atual, deve-se considerar a Universidade como campo de resistência. Assim, atuando em um momento de expansão do capitalismo no Brasil, estão postos os desafios de enfrentar também o que vem sendo nomeado como bolsonarização do Brasil ou bolsonarismo.

Isso implica em lidar com severos ataques contra a expansão da educação pública e gratuita, que se apresentam com um caráter moral empenhado em desqualificar a qualidade do trabalho produzido na área das ciências humanas e sociais, demonizando a esfera das teorias de gênero e

¹¹ Como explica Minayo (1999), a pesquisa qualitativa parte do fundamento de que há uma relação entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, de maneira que o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado.

sexualidade, a partir de uma ideia distorcida do que nomeiam “doutrinação e ideologia de gênero”. Apoiada nesta explicação, cuja base é conservadora e fundamentalista, intenciona-se inverter desordenadamente a lógica de ideologia e hegemonia, criando-se justificativas ilegítimas, com argumentos simplistas e irreais, que incitam a perseguição e ameaças com discursos de ódio contra grupos e pessoas pesquisadoras dessa área. Essa conjuntura vem acarretando, para além de experiências de exposição e constrangimento público, uma grave retirada dos recursos orçamentários e financiamentos, dificultando e criando obstáculos peculiares para efetivação do trabalho científico no campo social.

O conjunto desses fatores, impacta diametralmente os caminhos da produção de conhecimento sociológico na área de gênero e de sexualidade. Especialmente porque atinge projetos que afetam estruturas de violências sociais históricas e apresentam tentativas de enfrentar a manutenção de poderes e privilégios, tal como ocorre nas dinâmicas do machismo, do racismo, da LGBTfobia. Provocar esses enfrentamentos, exige uma atuação coletiva organizada e empenhada em fomentar um escopo de apreensão do real mais amplo do que aquele colonizado pela hegemonia cisheteronormativa, elitista e segregacionista que vem dominando, embora não sem resistências, os espaços da educação no Brasil.

Há um acirramento que estimula o choque de valores acadêmicos, com conflitos éticos e políticos entre campos que convergem e divergem. Nesse cenário, destaca-se a discrepância entre o ideal romântico intelectual e a realidade do trabalho operário precário que oferece base a produção acadêmica na sociologia brasileira.

Mesmo com diferentes parâmetros técnicos, é desse processo histórico de relações sociais desiguais da qual a sociologia extrai seus problemas. Nessa perspectiva, engloba um engendramento de formas organizativas, que também perpassam por lutas no meio acadêmico. As tensões e enfrentamentos, que atravessam o conjunto da produção e reprodução do conhecimento sociológico, demandam engajamento analítico e político. Encarar a realidade cotidiana nas configurações dessa luta, é também se envolver com a defesa de posições, demarcando a busca por um projeto político de conhecimento, onde a crítica da heteronormatividade e das inequidades (sejam elas de gênero, raça, classe, sexualidade ou quaisquer outras), deve ser compreendida como condição

fundamental. Não somente na esfera da socialização, mas também na construção de quadros teórico-metodológicos e formatos de pesquisa.

É preciso então, ressaltar de modo direto, o quanto o campo da presente pesquisa foi interrompido pelo contexto político atual e pela pandemia. Houve um atravessamento significativo no cronograma elaborado, em detrimento de limitações de saúde, cuja amplitude se deu em escala mundial. O caos gerado pelo cenário pandêmico, agravado pelas desigualdades brasileiras, bem como pelas negligências e incompetências projetadas pelo então governo que se manteve no poder durante todas essas adversidades, afetaram a produção científica. No caso do presente trabalho, havia uma proposta de metodologia preliminar que, embora ainda com as lentes de análise na héteronorma e nas performatividades, porém seria focada em narrativas.

O campo de pesquisa inicialmente seria consolidado em João Pessoa – Paraíba e a população escolhida anteriormente para integrar a amostra, foram pessoas LGBT vítimas de violência e pessoas que se identificam como dependentes de amor e sexo. Para propiciar o vínculo com esses sujeitos, a ideia programada antes de ocorrer a pandemia do Covid-19, era de desenvolver o universo da pesquisa simultaneamente em dois espaços, sendo respectivamente na Delegacia Especializada Contra Crimes Homofóbicos da Paraíba (DECH-PB) e no Grupo de Mútua-Ajuda de Dependentes de Amor e Sexo Anônimos da Paraíba (DASA-PB).

O plano de trabalho formulado inicialmente compreendia um trânsito entre essas esferas, tendo o foco de oportunizar e provocar narrativas direcionadas especificamente para a problemática da pesquisa, desenvolvendo, além da observação participante, entrevistas etnográficas. Quanto as narrativas, seria considerado não só a questão da fala em si, mas pensando os simbolismos e linguagens não verbais, os gestos, as performatividades, observando as relações afetivas com a dimensão racial e de classe, de gênero, dos marcadores sociais como fatores que estão entrelaçados. Além disso, também como as *fissuras* dessas performatividades dentro do *cis*-tema nas relações afetivas, são motivações para violência e sofrimento.

Anteriormente, a coleta de dados seria desenvolvida tendo como norte práticas dialógicas, fazendo uso da técnica da observação participante e técnicas de entrevista com os informantes. Porém, com o contexto pandêmico que se instalou no mundo, refletindo em aspectos de relevância no Brasil, haja

vista a falta de políticas de enfrentamento a essa realidade, a programação ficou bastante comprometida quanto à sua organização original descrita acima. Novos rumos foram desbravados, devido as circunstâncias pandêmicas limitadoras, e o cronograma de atuação obrigatoriamente se readequou, mantendo um formato remoto e virtual, buscando minimizar os efeitos da disseminação do Coronavírus.

Com isso, a possibilidade de inserir a pesquisa na Delegacia Especializada Contra Crimes Homofóbicos da Paraíba (DECH-PB), acabou sendo totalmente descartada, a considerar que para realizar essa metodologia, estaria se descumprindo as normas de isolamento pandêmico. Quanto aos Grupos de Mútua-Ajuda de Dependentes de Amor e Sexo Anônimos, também foram configurados outros delineamentos.

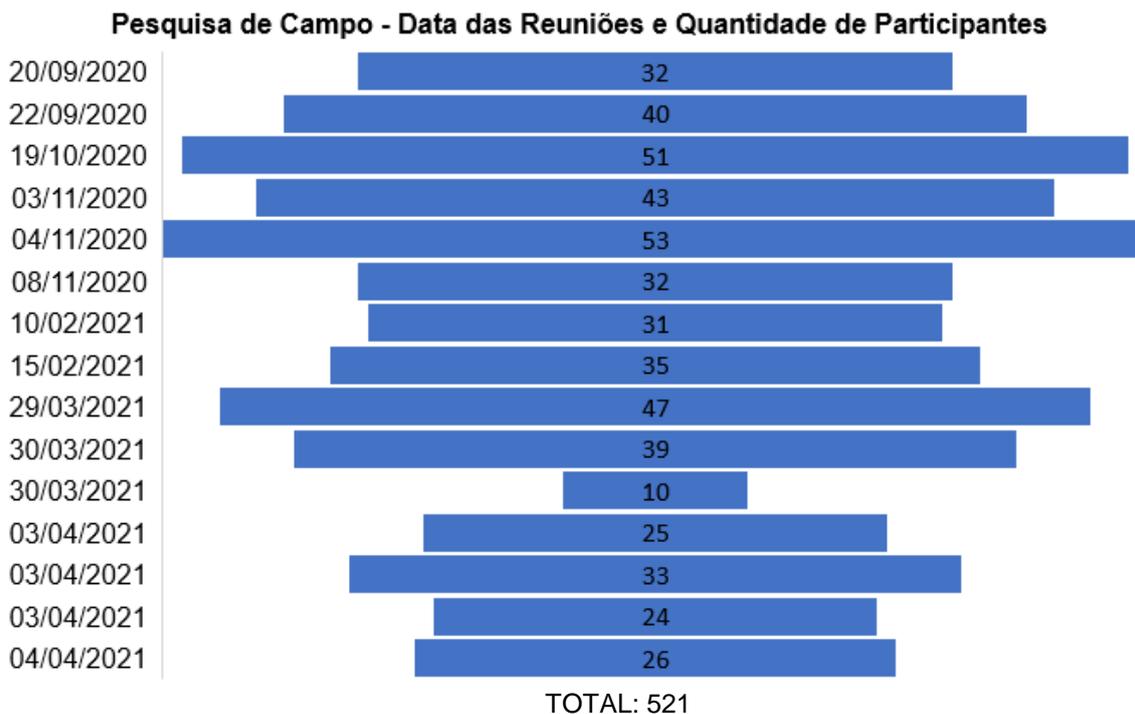
Diante da emergência que o Covid-19 propagou, a ida presencial aos encontros desses grupos foi interrompida, mas pelo contato via redes sociais digitais, foi possível receber a informação de que esses momentos estariam acontecendo em reuniões diárias virtuais e um fator interessante é que estaria tendo até maior participação¹². Enquanto realizava-se a imersão inicial da pesquisa, nas reuniões presenciais em João Pessoa, por exemplo, havia um público em torno de cinco a dez pessoas, nas reuniões online, a participação durante a pesquisa de campo registrou uma média aproximada de trinta e sete presentes¹³.

Ao total, no decorrer da pesquisa, constatou-se um quantitativo de quinhentas e vinte e uma pessoas participantes (521), ao longo de quinze reuniões que foram acompanhadas entre 20 de setembro de 2020 até 04 de abril de 2021. Conforme registros do campo, segue tabela explicitada contendo tais dados¹⁴.

¹² Como pode ser ratificado, inclusive visibilizado pelos meios jornalísticos, nota-se que as reuniões de dependentes de amor e sexo passaram a ter o dobro de pessoas na quarentena do Covid-19, tornando-se ainda mais necessárias, devido ao próprio contexto desvelado pela pandemia (SAMPAIO, 2020).

¹³ Cálculo estimativo, realizado com base na média ponderada dos dados obtidos nas reuniões acompanhadas.

¹⁴ Apêndice 1 – Registros da Pesquisa de Campo. Ressalta-se que, as datas repetidas no gráfico, são em virtude de ter sido acompanhada mais de uma reunião por dia, em horários e turnos diferentes, conforme divisões por estratos territoriais e características grupais previamente determinadas, tais como: Intergruparal Nordeste, foco em mulheres e LGBT+, Sala Aberta, Osasco-SP- foco em literatura, Grupo RS, Intergruparal RJ, foco em anorexia.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022).

É importante destacar que na prévia inserção nesses espaços, ocorrida no mês de setembro de 2019, momento no qual esse projeto havia sido apresentado, se obteve um retorno positivo quanto a abertura para a realização da pesquisa, desde que, logicamente, se respeitassem as normas de anonimato e sigilo acerca dos participantes. Após todo um manejo com idas a campo e participação nas reuniões presenciais, ocorre a pandemia e a mudança para o campo virtual. Assim, o contato se restringia aos moderadores do grupo, pelo chat, para sinalizar minha presença, enquanto pesquisadora. O contato individual com cada participante, se tornava inviável, dado o alto número de presentes e até mesmo pelas restrições do chat, no qual há a orientação de evitar se manifestar por essa via, sendo recomendável enviar mensagens somente direcionadas aos moderadores, recurso este que é oferecido pela plataforma utilizada.

Ficou perceptível que tamanha era a participação que, muitas vezes, não havia tempo para todos falarem. Mesmo assim, para além do dado quantitativo de acesso, é possível problematizar um conjunto de questões a respeito das limitações de acessibilidade ao próprio campo tecnológico e a todas as dificuldades que estão postas para aquelas pessoas que não possuem a viabilidade de acessar virtualmente um grupo como este.

Em meio à uma avaliação crítica desse cenário de planejamento para a efetivação da presente pesquisa, com a realidade da pandemia e as exigências de prazos no âmbito da pós-graduação, não houve outra escolha em tempo hábil, senão a de ajustar os meios para efetivar em modelo remoto/digital.

Com esses contornos, o trabalho tornou-se viável através de uma metodologia de abordagem virtual, exercendo um processo de observação, com escuta atenta, ativa e com enfoque nas experiências relatadas nas plataformas virtuais de encontro de pessoas autodenominadas dependentes de amor e sexo anônimos¹⁵. Como indicado nas considerações iniciais, esta técnica, se insere no campo da sociologia digital (MISKOLCI e BALIEIRO, 2018). Este quadro de estudos, em um movimento de ascensão, vem se ramificando e podem ser encontradas concepções de metodologias que dialogam com o que Hine (2004), conceitua como etnografia virtual, ou mesmo o que Kozinets (2014), define enquanto *netnografia*, no sentido de realizar pesquisas etnográficas on-line.

Pela relevância de encontro à problematização do tema proposto, vale reiterar que as pessoas que se autoidentificam como dependentes de amor e sexo, não necessariamente fazem parte da população LGBT. Mas, ressalta-se que, logicamente, há também nos grupos, uma significativa presença do público LGBT. Afinal, as pessoas LGBT estão em todos os espaços da sociedade e não é mais possível encerrar a visão numa lógica de que esse grupo está segregado apenas em contextos específicos, pois essa lógica dá continuidade a olhares estigmatizantes. No caso em questão, até há uma direção para reunir os grupos de modos direcionados, então tem delineado os dias que são com foco para mulheres, os dias com o foco de pessoas LGBT ou mesmo grupos focados por região territorial do Brasil. Porém, embora exista essa direção, os participantes são mistos, podem participar em quaisquer momentos.

Por ser uma “irmandade”, o DASA não é uma religião, mas trata das questões em uma linha espiritual. Nas reuniões, orienta-se a atitude de evitar falar palavrões ou relatar com detalhes experiências com âmbito sexual, usando sempre termos científicos nas partilhas. DASA é um Programa de espelhos de experiências, não de conselhos. Com o princípio do respeito mútuo, o DASA afirma não buscar interferir na vida das pessoas com o intuito de determinar o que elas têm que fazer ou deixar de fazer. Há um foco na fala individual e na

¹⁵ As plataformas digitais utilizadas pelos grupos acessados, eram o “zoom” e o “googlemeet”.

escuta coletiva sobre temas que permeiam a dependência de amor, sexo, romance, relacionamentos, anorexia (social, emocional, sexual) e codependência. O símbolo do DASA é uma "bóia", pois traz a analogia de buscar esse suporte para se segurar, para conseguir respirar, para conseguir ter um apoio e se reequilibrar, para não "se afundar"¹⁶.

Há uma variedade de marcadores sociais que aparecem nos relatos, permeados por experiências de pessoas adultas de diversos contextos territoriais, de orientações sexuais declaradas relacionadas a heterossexualidade e a matriz LGBT+, de classe econômica variada, com ocupações profissionais distintas.

Em suma, o grande cerne do trabalho não é um enfoque classificatório ou hierárquico, com indicativo de especificidades ou tipologias de quem seria um DASA. Apenas busca-se aqui, retratar como o campo foi percorrido, para assim chegar ao resultado reflexivo de que, quando se pensa em rupturas e *fissuras* com a heteronormatividade, há a recorrente lógica de que somente as pessoas LGBT que rompem com a heteronormatividade. Mas, com um olhar sociológico é perceptível como se trata de um sistema que não se completa nas performatividades, não somente na realidade LGBT. Isso torna-se evidente a partir de uma análise sociológica das relações afetivas, por exemplo. Com o ingresso nesses espaços virtuais, buscou-se uma equiparação entre as experiências coletadas, buscando não essencializar as performatividades.

Conforme objetivos elencados, nos quais se obtém a definição do problema e a dimensão do objeto de estudo, sublinha-se que a pesquisa esteve focalizada na dinâmica social da violência no contexto afetivo, analisando possíveis relações sincrônicas entre as *fissuras* da heteronormatividade e performatividades, bem como entre as dissidentes relações afetivo-sexuais. Nesse sentido, visa igualmente atentar para a construção de novas configurações sociais na performatividade dos afetos.

Após aventar hipóteses e efetuar as definições conceituais preliminares do estudo, os estágios sequenciais das atividades da pesquisa tem como centro, o desenvolvimento de técnicas instrumentalizadas de maneira adequada e válida, consolidando-se em conformidade aos pressupostos teórico-metodológicos e com fundamentos éticos. Como corrobora León (2015, p. 249),

¹⁶ Para saber mais sobre o DASA, pode-se ver os materiais informativos dos panfletos confeccionados pelo grupo, que constam nos Anexos I, II e III.

“a metodologia é escolha do investigador, feita a partir de suas leituras e, principalmente, daquilo que o campo “pede””.

Desse modo, o desenho metodológico foi operacionalizado por meio de um processo sistemático envolvendo o ato de escutar e observar detalhadamente, descrever, documentar, questionar, refletir e interpretar, examinando, à luz de Becker (2007), as lacunas por onde os fenômenos sociais se inter cruzam, mas não se encaixam.

Instrumentalizadas através de um diário de campo, as reflexões e registros em torno dos relatos e depoimentos alcançados nos espaços virtuais, foram registradas buscando atingir o objetivo de descobrir e compreender os saberes culturais utilizados, desdobrando tais experiências pela ótica do contexto social das relações afetivas. Enquanto acompanhava-se com escuta atenta os depoimentos, concomitantemente iam sendo registrados no diário de campo as narrativas, coletando as experiências relacionadas com a pesquisa.

Contemplando os aspectos éticos, ressalta-se que representam um pilar central para essa pesquisa, na qual o sigilo pessoal e o anonimato devem ser alicerces intransponíveis. Enquanto era possível ir ao campo presencial, a participação nesses grupos demandava também da parte da pesquisadora realizar falas, se expressar de algum modo e, também, colocar sua experiência, permanentemente perante o grupo, pois sendo uma relação de mútua-ajuda e com poucas pessoas presentes, se tornava importante posicionar-se verbalmente. Porém, no modo online, é bastante diferente. Exige a tarefa de estar colocando a narrativa da pesquisadora e de estar se manifestando enquanto depoente durante as reuniões. Inclusive, se quer haveria esse espaço, pois o tempo é destinado estritamente para a extração das reflexões prioritárias dos sujeitos que estão demandando esse espaço de fala. De qualquer forma, foi preciso pensar em como articular com compromisso ético a realização da pesquisa, principalmente pelas normas de sigilo do grupo, pois envolve um compromisso não apenas moral, mas também de apoio e empatia.

Um dos acordos expressos quanto ao anonimato destaca: “quem você vê aqui, o que você ouve aqui, quando você sair daqui, deixe que fique aqui”, pois o anonimato dá uma suposta segurança de ter um lugar para compartilhar sem medo. Obviamente que a postura enquanto pesquisadora é diferente de uma participante, por exemplo, que após comparecer ao grupo, leva as informações para fora do espaço. A posição ética enquanto pesquisadora deve ser dotada de

responsabilidade quanto aos acordos expostos, buscando formas de trabalhar com os dados cumprindo os protocolos indicados.

Mesmo tendo ocorrido um conjunto de diálogos, chegando a um consentimento no formato presencial, como também sendo comunicado a presença enquanto pesquisadora no prévio contato via chat, junto aos moderadores¹⁷, ainda há uma linha tênue de um certo desconforto e angústia, que acompanharam a pesquisa durante todo o seu desenrolar. Essa sensação, muito provavelmente seja proveniente de um deslocamento, gerado pela vivência de estar pesquisando um grupo, justamente de uma irmandade, da qual não se faz parte. Não ser um membro do grupo e estar nessa posição de fora, tentando produzir uma escuta qualificada e ética, como pesquisadora, trouxe um certo desalinhamento, um mal-estar de ser uma peça talvez intrusa, uma relação de coalizão na impotência, por não ser parte efetiva e adentrar uma esfera delicada da intimidade, que se acessa não por uma troca mútua, mas por uma construção complexa, de negociações e resistências.

O fato de não precisar participar das reuniões presenciais, dando o próprio depoimento frente as experiências enquanto pesquisadora, que parecia ser um “alívio” por estar no modelo virtual onde não havia essa exigência, não se efetivou como alívio de fato, porque seguiu sendo um dilema, norteado sobre o que representava, de fato, a presença da personagem da pesquisadora nesses espaços virtuais tão recentes, de qual seria o seu papel dentro dessa dinâmica tecnoantropológica. Nesse momento é que realmente aparece o quão desafiador é se arriscar a entrar em grupos fechados e que possuem um caráter de ligação tão profundo como este, em que, talvez só tenha se aberto o caminho para efetivação deste trabalho, na metodologia em que ela aconteceu. A sensação de estar de fora, em alguma medida foi substituída por um certo acalento de estar dentro, mesmo que virtualmente.

¹⁷ Além do contato prévio que foi realizado presencialmente, quando a metodologia foi transferida virtualmente, buscava-se nos acessos, enviar um texto de apresentação para os moderadores, via chat, colocando a condição de identificação da pesquisadora, que se dava sempre com o próprio nome exposto no *avatar*, indicando sua presença na reunião enquanto acadêmica de pós-graduação. Em geral não havia retorno, além de uma reação, colocando com positivo na postagem (recurso disponível na plataforma virtual). Algumas vezes, logo na sequência era destacado no chat a tradição sobre o anonimato e sigilo, o que era sempre destacado de antemão, na apresentação, como algo a ser preservado. Certamente há uma relação de interferência no manejo das plataformas, que pode se atravessar nessa comunicação, que se modificou bastante das negociações que haviam ocorrido na modalidade presencial. Muitas vezes, as conexões de internet se perdiam, falhando áudios, não completando o envio das mensagens ou por equipamentos insuficientes para obter diálogos assertivos.

Não há como saber de que maneira teria sido, caso não tivesse acontecido a pandemia ou caso a imersão no campo seguisse no molde presencial. O que se sabe, de fato, é que a impressão que se instala é de que, mesmo não havendo um impedimento ou uma represália concreta, pelo que se observou desde o contato presencial, é que persiste uma percepção e uma sensação de certa desconfiança. Possivelmente por não ser a pesquisadora, uma integrante do grupo. Eventualmente pelo fato de não ser consenso entre as entidades do DASA, a abertura para pesquisas. Sobre isso, há toda uma cautela, que é legítima e, também, uma autonomia que se preserva em cada grupo DASA, que se organiza em diferentes locais do Brasil e do mundo. Em síntese, um elemento que pode ter sido libertador, para que a pesquisa alcançasse abertura, foi o fato do interesse não se centrar no DASA em si, mas na violência, no sofrimento, nas experiências. Isso foi algo inclusive que despertava interesse nos diálogos presenciais, por não estar lá com um interesse em investigar o grupo de mútua-ajuda, mas sim elementos contextuais, culturais e sociais.

Vale frisar que os elementos que são compartilhados nos grupos não são dissociados das pessoas que buscam esses espaços. Tampouco, as narrativas são desmembradas do espaço no qual ela se sustenta. No entanto, o enfoque metodológico que foi possível nesse campo de pesquisa, se adequou a um recorte dimensional alinhado as narrativas trazidas, com as chaves de leitura que perpassam as experiências de padrões afetivos e sexuais que motivam violências e sofrimentos. Com essa visão, aqui o campo é detalhado, para compreender os paradigmas e lócus de pesquisa, todavia os dados possuem uma adequação coerente com os objetivos, nos quais os padrões de funcionamento grupal, regras internas de funcionamento do DASA ou cartilhas e produções exclusivas do grupo, não são elementos a serem interpretados. O que se desvela são as produções narrativas resultantes desse espaço, as quais são produzidas por meio de um sistema que se ancora socialmente em padrões mais amplos da heteronormatividade.

Sabendo de tudo isso e transitando para o campo virtual, diante das nebulosidades que já foram elencadas e que acabam modificando o diálogo, permanecem assim todas essas confabulações e indagações, sobre como se dá o papel da pesquisadora em si. Até mais do que isso, se reflete sobre como é

trabalhoso, realizar investigações sobre grupos fechados, tal como esses com o caráter do DASA¹⁸.

De qualquer maneira, é parte instigante da pesquisa a ida ao campo, nessa esfera das plataformas, efetivando a escuta das experiências, a captação dos afetos, ouvindo o tom das vozes, sensibilizando as análises sobre temas tão profundos no que compete ao gênero e a sexualidade, mas também são elementos frágeis, que tocam na existência humana de modo intenso. Foi como aproximar uma lupa em feridas sociais abertas, ou melhor, em fissuras, que impelem em como acolher dores sinceras e passíveis de identificação, conflitos não distantes de cotidianos e de histórias comuns.

É uma vivência forte e incitante a oportunidade de adentrar nesse universo denso de experiências afetivas, que podem ocorrer com sujeitos em contextos bem diversificados, provocando a imaginação sociológica e ofertando um convite para desbravar caminhos no âmbito das ciências humanas e sociais. Aprender acerca das relações humanas, afetivas e sexuais, a partir deste trabalho, provocou rupturas nas formas de pensar as relações de gênero e sexualidade, levando a repensar os conceitos de violência, de dor e sofrimento nas relações afetivas.

Então, para desmembrar os dados, com a metodologia que foi possível para esta pesquisa, reproduzir as narrativas e depoimentos trazidos nas reuniões, exige um cuidado redobrado. Exatamente por esse quesito é que houve a modificação completa de visibilizar as falas não separadamente, mas sim em uma pluralidade, captando as experiências e correlacionando os elementos que se associam em histórias que não são de um único personagem. Assim, serão retomadas as narrativas, de modo articulado coletivamente, ou seja, entrelaçando, mais de um registro, através da experiência. Desse modo, se garante que os depoimentos sejam devidamente tratados e não reproduzidos na sua íntegra, fortalecendo o sigilo e anonimato, duas bases que não se configuram somente com a ocultação da identificação do nome. Ressalta-se que as narrativas serão tratadas em linguagem na primeira e terceira pessoa, indicando a data na qual a pesquisadora aferiu o seu respectivo registro.

Com um caráter de complementariedade, além dos dados captados nas reuniões, também foram examinados depoimentos que estão expostos através

¹⁸ Para se debruçar de forma minuciosa acerca desses atravessamentos, ver Ferreira (2012).

dos endereços eletrônicos do DASA¹⁹, os quais são de domínio público e servem com riqueza de detalhes, para embasar a presente análise. Com esse levantamento, que engloba relatar, associar e interpretar, o trabalho de campo esteve focado em captar fragmentos das experiências acessadas, trazendo essas experiências sociais para a tese, de forma correlacionada. Então, serão apresentadas tais experiências socializadas, como relatos de caso coletivo.

Nessa perspectiva, em uma mesma narrativa analisada, não são retratadas apenas experiências particulares, trazidas exclusivamente por uma pessoa. Os depoimentos estão agrupados por associação da situação social descrita, contemplando uma análise que perpassa um repertório coletivo e não individual. Essa estratégia, além de buscar uma base analítica sociológica, também favorece para a manutenção do sigilo e do anonimato das falas, haja vista que não serão apontados casos e experiências unívocas, que se referem à uma única pessoa ou como relato das narrativas confidenciais. Serão agrupadas histórias e experiências sociais similares que pertencem à personagens diferentes.

Acompanhar esse campo e seus desdobramentos, também faz refletir sobre a importância de como se estabelecem as relações de confiança nesses espaços submetidos ao formato remoto devido à pandemia. Certamente, é uma realidade estar com as pessoas presencialmente e ver que elas estão junto com você, outro cenário totalmente diferente é expor uma intimidade, verbalizar acerca de situações que são constrangedoras e doloridas, na frente de uma série de *avatars*²⁰. Como ninguém visualiza a imagem da outra pessoa e somente as falas são expostas, é impossível saber se alguém está com uma câmera gravando, ou possa se utilizar de alguma informação obtida naquele espaço sobre algo que venha a comprometer alguém, ou mesmo se um participante entra como infiltrado nesse espaço, com o objetivo de praticar alguma violência contra algum membro. São muitas questões e situações que acontecem no

¹⁹ Tais *links* de acesso já foram citados anteriormente.

²⁰ *Avatar*, é a nomenclatura destinada sobre a forma como cada pessoa é representada nas telas em uma vídeochamada ou nos espaços de interação virtual. É uma espécie de corpo-virtual ou corpo cibernético, que é construído de forma digital, representado por uma figura gráfica que simula uma expressão identificatória dos usuários do meio virtual, buscando assim uma comunicação dentro das esferas do ciberespaço. Nos grupos em questão, o avatar é utilizado de forma padrão, então fica somente uma figura gráfica apresentando os contornos de uma pessoa. Diferente de outras redes sociais, nessa ferramenta utilizada pelos grupos do DASA, não é possível que cada um identifique seu avatar com características da sua subjetividade ou particularidades de cada personalidade.

mundo virtual, em que uma pessoa pode se passar por outra, ou mesmo utilizar de perfil falso para obter vantagens em um relacionamento ou praticar violações, porque justamente não há outro referencial do corpo que não seja o avatar do aplicativo tecnológico.

São inúmeras reflexões que são desencadeadas desse momento que a pandemia trouxe, sobre como de fato esses grupos conseguem estabelecer seu pacto de confiança, diante da impossibilidade de estar todo mundo junto presencialmente, que é a base desses espaços. Certamente, os impactos de estar sem ocorrerem os encontros e reuniões, poderiam ser muito mais danosos para quem necessita dessa mútua ajuda. Isso porque, há efeitos da pandemia nas relações sexuais, diante da imposição do isolamento, período no qual se intensificaram os padrões sexuais extravasando com o controle da compulsão e obsessão, fragmentação e fragilização, eclodindo ansiedades e abstinências.

A pandemia é um ingrediente que inevitavelmente se propaga pelo campo de modo ininterrupto. “Estou sem conseguir fazer nada, meus padrões é pornografia, sexo pago, dependência de amor e sexo, todo tipo de situação homossexual, eu tenho atração por vários tipos, não tenho classificação, cheguei ao fim do poço nessa área, estou chateado porque estou com fissura direto, estou com hemorroida anal, nunca mais tive isso, mas voltei a ter. É o limite do ser humano. Me machucar, é uma consequência. Fico com raiva, porque fiz isso comigo, mas ao mesmo tempo vejo que é um ligamento. Fiquei chateado porque na minha cidade 9 horas é o “tranca” da pandemia, não pode mais sair na rua, ontem tomei metade de um medicamento para ereção e ia sair para praticar meus padrões e ficou tarde e eu sou agente de saúde e não posso sair, se for pego, além de ser detido, vou levar uma multa e perder meu emprego. Então cai na pornografia e pensei: vou ficar nessa minha vida toda, indo e voltando? Isso reflete muito no meu trabalho, no esporte, já perdi alguns campeonatos. Fiz exames de IST, deu tudo negativo. Vejo que mesmo assim, fico me desafiando, mas tomo cuidado com relacionamento porque sou “doença”, convivendo com outras pessoas. Estou há 5 anos livre da dependência química, mas 4 anos a compulsão aumentou, fiz coisas que nem na ativa eu fazia e tudo adição da parte sexual. Estou há um mês sem praticar esportes, tenho 43 anos, recuperei meu estado físico na dieta, me ajuda muito por causa da compulsão alimentar, mas frutas e saladas, tenho prazer em comer, me ajuda a desinchar. Eu vejo que fico tentando voltar para a meditação, sou religioso, meu trabalho, por ser na área da

saúde, tenho usado muita medicação. Não tenho pai nem mãe, sou sozinho, só convivo no trabalho. Muitas coisas acontecem, muitas moças vão lá, mulheres já quiseram ficar comigo, mas tenho medo de ter relacionamento e cair no padrão, as outras pessoas ficarem sabendo da minha vida pessoal e ser uma vergonha, então eu não sei qual o limite de abuso de outra pessoa que pode vir, fico perdido. Faz mal, a vida é só sofrimento, prazer não tem. Vejo que tem prazeres na vida, não só sexo. A pornografia me traz muito sofrimento e eu vivo aquilo como se fosse real, mas são artistas, tem doença, tem pessoas sofrendo ali também, não é só prazer, no fundo é muita coisa, droga, suicídio. Ao menos agora, mesmo nessa pandemia, eu me sinto melhor da depressão” (Registrado em 03/04/2021).

O sociólogo François Dubet (2020), parte do campo francês da sociologia da experiência²¹, para indagar sobre como a crise pandêmica revelou desigualdades sociais invisíveis e menos óbvias, cujos efeitos podem ser até mais danosos e permanentes do que a representação do próprio vírus da Covid-19, pois alteram-se hierarquias, sofisticaram-se as fragilidades e foram redescobertos tensionamentos.

Pode-se pensar em uma transposição de uma crise política e pandêmica a uma crise afetiva. O contexto de pandemia, possibilitou transições que levou a humanidade ao acesso de experiências emocionais e afetivas únicas. Compreende-se que o momento é único, porque entre as experiências diversas, desvela-se em cada história pessoal um roteiro. No entanto, não podem ser apenas únicas em um sentido individual e universal, pois em uma análise sociológica, com um viés histórico, a geração atual não havia, nunca mesmo, presenciado um fenômeno assim. O fato é que se inaugurou um período, marcado por transições, em um cenário de crise pandêmica em meio à uma crise política, que levou a crises afetivas.

Ao mesmo passo, é um desafio para essa pesquisa, em relação a todos os outros trabalhos já realizados nestes espaços, pois há evidentes diferenças na forma que estão sendo produzidos esses grupos, com todas as adversidades encontradas no momento do auge da pandemia. Mesmo com todas as resistências, infelizmente presencialmente não estava viável dar seguimento nesse período. Não haveria essa possibilidade no referido contexto, então se

²¹ Olhares especificamente acerca da experiência, serão aprofundados ao fim deste capítulo.

tornou emergente avançar com os meios existentes, questionando inclusive como se dá essa relação que perpassa o meio digital e o corpo, como se fossem uma extensão um do outro.

Ademais, nota-se como a pandemia forçosamente trouxe para o cotidiano estes meios de comunicação digitais de uma maneira abrupta e intensa, causando uma adaptação pela via da pressão e da necessidade, propiciando a inserção desses dispositivos em um nível que passou a ser operado como lógica comum. Talvez não seja mais possível retornar ao formato original anterior ou voltar a um lugar “como era antes”. Certamente, no DASA, esse retrato é perceptível, na medida em que os encontros, obrigatórios pelo modelo virtual, devido a pandemia, agora seguem se estruturando, em uma agenda sistemática de reuniões pelo espaço online.

Ou seja, neste ano de 2022, mesmo estando permitido voltar ao presencial, agora não mais deixam de ocorrer também no virtual, essas reuniões, em uma organização que parecia ser temporária, mas não parece se dissolver, ao contrário, se torna mais robusta e sistematizada, com cronograma tabelado, não só com dias, mas com temáticas de debate estabelecidas, com links e direções. Possivelmente, novas regras e acordos tenham se estruturado, ao passo em que se desenvolve essa conexão pelo âmbito tecnológico, como uma prática em continuidade.

São interessantes esses aspectos na época atual, porque o debate que ocorre, sobretudo na área da sexualidade, tem se voltado para essa dimensão das redes sociais, dos aplicativos e das plataformas *sex/log*, enquanto ferramentas que se edificaram dessa possibilidade de não precisar revelar a própria identidade, podendo criar um avatar próprio. No caso das reuniões, como mencionado acima, a plataforma utilizada segue essa lógica, em que se expõe apenas um avatar padronizado. Em decorrência dos grupos serem de critério aberto ao público em geral, há o acordo de anonimato, então qualquer pessoa pode participar e até mesmo podem entrar com o nome que optarem, não necessariamente precisam se identificar com seu nome próprio, ou mesmo com algum nome em si, podendo usar símbolos, letras ou números aleatórios.

Destaca-se, diante dessas descrições, que a presente análise não é sobre o grupo DASA ou mesmo sobre a forma que se organizam as tradições dos processos grupais de mútua-ajuda. Também não é sobre especificamente os impactos da pandemia nestes ambientes ou sobre como pensam a questão da

cura, da relação com um “eu superior”, a construção da irmandade, os passos, mecanismos e procedimentos empregados para as pessoas se beneficiarem da técnica de autoajuda que o grupo implementa. Em suma, este trabalho não é uma análise sobre a efetividade do programa do DASA ou sobre os impactos desse serviço para alcançar um comportamento desejado, tampouco é sobre o atravessamento da pandemia nesse contexto.

Contudo, obviamente, é necessário situar a dimensão na qual ocorreu a pesquisa, como também retomar o campo e não o desmerecer, trazendo elementos tal como o debate exposto acima, todavia, o grupo não é o foco investigado aqui, nem mesmo a pandemia em si. O que será norteador são as experiências sociais, fragmentadas pelas individualidades, mas elencadas de forma coletivizada, ou seja, não será retratado uma narrativa ou relato de casos específicos, preservando assim as confidencialidades, mantendo o olhar atento sobre como as violências e sua dinâmica de sofrimento, estão incorporadas nas experiências afetivas, em um movimento que envolve fissuras da heteronormatividade nas performatividades.

É interessante pontuar ainda, prestando devida reverência ao uso metodológico das narrativas, que elas se caracterizam como um dispositivo indispensável para acessar as experiências. As narrativas são necessárias enquanto conector que traduz e remonta experiências. Rocha-Coutinho (2006), coloca em evidência a narrativa oral e o discurso, como ferramentas que somam aos estudos de gênero dentro de uma perspectiva científica que questiona a objetividade e a neutralidade das pesquisas, tomando a interpretação da realidade social e das experiências, como caminho possível a partir das narrativas e discursos. A citada autora articula o tema da metodologia científica aos estudos de gênero, considerando um apanhado da crítica dos estudos feministas e trazendo o viés qualitativo como um fator primordial de contraponto aos métodos tradicionais.

Com a modernidade, as tendências racionalistas e empiristas, que até então dominam os embates, passam a se associar em processos epistemológicos nos quais a objetividade e o relativismo ganham destaque. Ceticismos e determinismos fazem parte desse processo, assim como cultura e natureza. Diante disso, o empirismo, enquanto base das ciências exatas, por muito tempo foi adaptado às ciências sociais e humanas (ROCHA-COUTINHO, 2006).

A partir destas premissas, a impessoalidade também é elencada como padrão de regularidade científica e apesar dos fatores históricos e culturais serem conduzidos nessa lógica, a subjetividade esteve reiteradamente anulada (ROCHA-COUTINHO, 2006). Todavia, as pesquisas de gênero, galgam uma trajetória contrária e, especialmente em meados do século XX, se envolvem a múltiplas metodologias que enfocam na experiência qualitativa e no contexto.

As tradições universalizantes da ciência ocidental e eurocêntrica, foram ao longo do tempo envoltas a crises, que também endossaram novas abordagens e teorias do conhecimento. Nesses moldes, Rocha-Coutinho aborda a tradição hermenêutica e a Escola de Frankfurt. Assim como na tradição hermenêutica, as pesquisas na área de gênero, também tem uma dimensão interpretativa, mas buscam transcendê-la, ir além dela. A respeito da Escola de Frankfurt, Rocha-Coutinho (2006), traz uma preocupação em desvelar aspectos sociais rejeitando a perspectiva de neutralidade do conhecimento objetivo. Estas características estão fortemente presentes nos estudos de gênero, como elencado na seção anterior.

“Para os pesquisadores desta área não há verdades absolutas a serem alcançadas, o conhecimento é contextual e pluralista e o *essencialismo*, em especial, o biológico, é questionado” (ROCHA-COUTINHO, 2006, p. 67, grifo da autora). Nesse sentido, quando o assunto é essencialização, fortalecidas por certas lutas feministas e em defesa da equidade de gênero e sexualidade, essas investigações hoje possuem uma dimensão basilar para as pesquisas das ciências sociais e humanas.

No sumo, Rocha-Coutinho (2006), discorre acerca da narrativa oral e do discurso enquanto elementos cruciais, seja qual for a técnica possível de ser empregada para acessar esse universo (entrevistas, histórias de vida, relato oral, observação). A narrativa oral, tem sido um instrumento básico de trabalhos que buscam incorporar não apenas fatos, mas experiências e sentimentos da vida social. Na construção das narrativas, encontram-se chaves de leituras para identidades, reflexões e significados. Diante disso, Rocha-Coutinho (2006), afirma como as narrativas orais e as análises que se associam ao discurso, constituem-se como relevante instrumento, não só para estudos de gênero, mas também para as ciências sociais e humanas como um todo. Segundo a autora:

Se quisermos melhor entender como as ideologias dominantes, muitas vezes contraditórias, refletidas e reforçadas pelos diferentes tipos de discurso, que estruturam nossas instituições e moldam a vida cotidiana das pessoas, é necessário ouvir não apenas o que as pessoas reais dizem de suas vidas concretas, mas também como elas o dizem e porque o fazem desta forma (ROCHA-COUTINHO, 2006, p. 68).

Perpassando sobre essas trilhas que marcam os dilemas do campo e levantamento dos dados, ainda é imprescindível seguir examinando outros dois alicerces desta pesquisa, que se associam a metodologia imbricada virtualmente, bem como sobre compreensões voltadas a noção de experiência.

Sobre esses dois pontos, tratando primeiramente da relação constituída pelas redes sociais virtuais e digitais, destaca-se que as câmeras obrigatoriamente deveriam permanecer fechadas durante os encontros, para assim não despertar gatilhos de fragilidade. Nesse caso, alguns elementos que pretendia-se observar na experiência, se tornam difíceis, como por exemplo, a dimensão racial e de gênero, que acaba sendo bastante silenciada e torna-se um conteúdo difícil de ser detectável nas verbalizações. Contudo, essa invisibilidade já se torna um dado. De forma geral, é possível “ver a voz”. Talvez seja interessante pensar sobre uma antropologia da voz. Nessa caminhada, os tons de voz, a entonação, o sentir pela voz e somente pela voz, pelos silêncios e as pausas, pelas alterações do tom, foram as portas de acesso para experiências que falam sobre relações, nas quais o corpo, por sua vez, aparece atravessado por intersecções de violência e sofrimento. No campo, essa interrelação sobre a restrição das expressões e estar focada apenas na observação da linguagem verbal, é um nó.

Outro impasse difícil de desatar é a relação saúde e doença²². O público-alvo da pesquisa são pessoas que não possuem necessariamente um diagnóstico médico, ou uma constatação clínica de estarem em um quadro de obsessão e compulsão sexual, ou de se situarem mediante dependência afetiva patológica com *CID*²³, pois não estão necessariamente fazendo terapia psicológica ou frequentando psiquiatra. No grupo, são as próprias pessoas que protagonizam e verbalizam como estão se entendendo nesta condição de se analisar como “doente”, independente de diagnósticos, então esse ponto também é algo que precisa ser pensado.

²² Esse debate, de encontro a sociologia da saúde, pressupõe também confrontos entre saberes médicos e psicanalíticos.

²³ CID – Código Internacional de Diagnósticos.

De forma geral, o processo da coleta de dados possibilitou a produção de um acervo de registros, com anotações, transcrições, relatórios, rascunhos, esboços e demais elementos relevantes efetuados no percurso das atividades ou subsequentes aos momentos de coleta. Esse estágio, foi de suma importância, pois se configura como uma “ponte” que conecta a coleta com a análise de dados. Por essa construção acontecer em formato digital e virtual, favorece para que seja feito, como mencionado anteriormente, os relatos e anotações no mesmo momento em que se está em campo. Então, isso possibilita trazer elementos com detalhes primordiais.

Para interpretar sociologicamente os dados acessados e verificar as hipóteses, a análise fomentou-se como um estágio do estudo que iniciou de modo concomitante com a fase da coleta, haja vista que é justamente em meio à coleta e a análise, onde poderiam ser descobertas novas questões. A análise das informações acumuladas, progredindo no decorrer da coleta, contribuiu tanto na produção de indagações, como na construção das conclusões e resultados. Trata-se de um ciclo, que se desdobrou integralmente até o findar do trabalho de campo, em que se intercalou de modo sucessivo a coleta de dados, a análise de dados e a formação de possíveis novos questionamentos, até alcançar as respostas suficientes para atingir o grau necessário de objetivação da pesquisa.

Transformando pressupostos em teorização (FLICK, 2002), traçando um caminho que entrelaça problemas sociais e problemas sociológicos que são compartilhados coletivamente, desenvolvendo problematizações e conceituações, sem reduzir a complexidade do campo pesquisado, a reflexão permanente transformou-se na engrenagem de um processo circular, em busca da coleta e da análise de dados.

A pesquisa de autoria de Larissa Pelúcio (2015), publicada através do artigo “Narrativas infieis: notas metodológicas e afetivas sobre experiências das masculinidades em um site de encontros para pessoas casadas”, pode ser tomada como exemplificação de aplicabilidade das ferramentas empregadas aqui neste trabalho.

Pelúcio (2015), entrelaça internet, sigilo e sexo, para desvendar segredos metodológicos e éticos voltados para as mídias digitais. A partir de um site de relacionamentos virtual, a autora adentra nas dinâmicas relacionais que envolvem conjugalidade contemporânea, masculinidades e afetividades. A produção discursiva é tomada como fio condutor. Com o slogan “a vida é curta,

curta um caso”, o site canadense de relacionamentos Ashley Madison chegou ao Brasil em 2011 e já conta com cerca de 1 milhão de usuários (PELÚCIO, 2015). As exigências perante a pesquisa virtual por redes sociais são colocadas como desafio técnico e ético na investigação deste universo. Além dos dilemas subjetivos, que envolvem desejo e sexualidade, também se constata as interfaces com a dimensão geracional, racionalizada a partir dos perfis virtuais investigados.

Em Pelúcio (2015), tecnologias e intimidades são aspectos explorados, partindo das experiências das masculinidades em encontros amorosos e sexuais via digital. A compreensão das metodologias com as redes relacionais virtuais e digitais, também recebe um grande investimento da pesquisadora. A partir de e-mails, mas também em alguns casos de forma presencial, Pelúcio (2015), incorpora de modo criativo as narrativas, as histórias de vida, as experiências em torno do seu problema aqui apresentado. Prazeres, jogos, expectativas pessoais, escrita, sentidos e transformações fazem parte de todos esses processos.

Outro tema nevrálgico a ser problematizado está no amor romântico, suas idealizações e rupturas (PELÚCIO, 2015). Tendo na conjugalidade um alicerce frente a um mundo cambiante, as realidades dos interlocutores remetem a relação erótica confrontada com a instituição do casamento e da família. As emoções do risco, das aventuras e do contato pelas telas e teclados são desmembrados pela autora. A partir disso, também perpassa por processos sociais que se conectam com ideais de individuação, modernização e globalização.

Há um trecho do campo, que pode ser inserido para trazer uma base de reflexão neste sentido: “Hoje eu venho demonstrando tristeza, porque nos últimos dias eu estava estabilizado com relação aos meus padrões compulsivos, mas experimentei nas últimas semanas uma recaída na masturbação e pornografia. Isso me traz tristeza porque eu vivenciei recentemente uma frustração muito grande porque acabei de me mudar de apartamento há 2 meses e minha esposa sempre me perguntava da primeira vez que nós íamos ter nossa primeira relação sexual no apartamento novo, isso foi há uma semana, mas foi muito triste e frustrante porque se eu consegui fazer com que ela chegasse ao clímax sexual, eu não consegui chegar ao orgasmo. A primeira vez que tivemos relação no apartamento novo e exatamente pela frequência de masturbações e

ver pornografia em excesso eu perdi o controle da situação, foi frustrante porque no momento do ato sexual com a minha esposa, perdi completamente a concentração e não consegui chegar ao clímax. Isso criou uma situação muito ruim, de mal-estar e ela ficou mal, desconfortável dizendo que era uma situação que eu deveria me preocupar, porque não via o que estava acontecendo e começou a falar que não era uma prostituta, que eu fico vendo coisas que ela não vai fazer na nossa cama e no nosso quarto e foi aquela situação. Tentamos retomar, mas não tive mais ereção realmente, eu brochei e não consegui mais ter relação com minha esposa. Depois daquilo fiquei chateado e triste, mas coloquei na cabeça que aprendi a tentar assimilar as frustrações da melhor maneira, tentar não baixar a cabeça e entender que apesar de ser um momento muito esperado por nós dois, poderia acontecer algo que a gente não esperasse e foi o que aconteceu. Eu preciso parar e pensar: eu entrei em uma recaída, será que estou conseguindo controlar minha frequência de pornografia? Penso comigo que está demais, é uma situação que eu não poderia ficar de braço cruzado em tomar providências. Comecei a pensar em experiências anteriores, quando consegui ficar um dia sem me masturbar e ver pornografia, então recomeço, não com auto piedade, mas me perdoando e entendo que sou falível, mas ainda não deixo de ser eu, vou voltar atrás uns passos, para andar para frente. Nós ainda não voltamos a ter relação sexual depois do que aconteceu, mas tem me ajudado com relação a ela, para retomar uma vida sexual ativa é a gente marcar data para ter relação, fazer *sex dating*, combinei com ela o dia que vamos namorar no dia que eu não viajo quando volto do trabalho, não vou estar cansado, vou me guardar, é um estímulo para eu não ver pornografia nesses dias para guardar energia para gastar com ela e ser bom, poder me concentrar naquilo que me interessa e me faz feliz hoje, que é ter minha esposa e ter uma vida sexual ok, o que a gente sabe que no casamento não é fácil ter uma boa vida sexual, ainda mais a gente que tem duas filhas pequenas, mas eu de certa forma, tenho que entender que não deixamos de ser um casal e precisamos ter uma vida sexual boa, tranquila, satisfatória para ambos. O que tenho é a expectativa de passar a ter novidades boas” (Registrado em 03/04/2023).

Dramas morais e questionamentos se envolvem a essas tramas, onde o casamento monogâmico e hegemônico é confrontado (PELÚCIO, 2015). O sexo numa lógica de mercado, como produção em série, atenta para a economia dos afetos. Esses aspectos são permeados por assimetrias de gênero, classe e

idade. As tecnologias de comunicação geram emoções e criam circuitos relacionais. Enquanto pesquisa que lida com segredos, Pelúcio (2015) indica caminhos possíveis de um campo plural, que também requer aberturas importantes por parte de quem pesquisa, pois implica em cruzar fronteiras, no entanto como a pesquisadora atenta: “é preciso considerar em nossas investigações até onde é produtivo seguir” (PELÚCIO, 2015, p. 58).

Inúmeras vezes surgiu o questionamento de até onde se deveria seguir, o que era inegociável e quais os manejos adequados para avançar. A conectividade foi uma abertura para esse desenvolvimento. É necessário observar como esse processo de virtualização e de adesão ao *cyber* espaço, possui barreiras tecnológicas e dificuldades de acessos (desde custo para ter bons equipamentos, até a questão técnica de manuseio das plataformas). No entanto, cabe frisar que para esta pesquisa, a entrada nessa lógica de metaverso analítico, foi a alternativa possível para ir aonde não era possível o corpo chegar naquele momento.

Essas ações “virtualizantes” exigem da ciência e academia estarem envolvidas, para entenderem tais tendências e suas linguagens, ainda mais em um cenário crivado por uma pandemia, que evidenciou o uso de tais ferramentas. Foi preciso utilizar do meio virtualizado, para levar o corpo ao encontro de um campo que presencialmente, não seria viável. Nessa ótica, o real e o virtual não estão necessariamente dissociados. O virtual se configura como uma extensão do real. Como constata Miskolci (2017), hoje os aparelhos eletrônicos de interação digital funcionam como uma espécie de prótese acoplada ao corpo.

O meio da tecnologia tem ofertado a abertura para ampliar os campos de trabalho. Esse é um grande aspecto, nevrálgico nessa discussão, que a virtualidade seja uma estratégia para expandir as oportunidades analíticas e não para diminuir parâmetros ou limitar as técnicas e procedimentos. As possibilidades de acesso à uma lente de realidade aumentada, possibilitada pelos ambientes digitais, deve ser justamente para diversificar e não para defasar os métodos. Igualmente, sua culminância se dá pela possibilidade de acesso a um caminho da realidade social e não para invenções de teorias pautadas em dados irreais de um universo paralelo²⁴. Essas ferramentas devem

²⁴ É relevante trazer esta nota, para apontar que o uso das tecnologias, de modo deturpado como ferramenta para disseminação de *fake news* ou de adulteração de dados, é um problema grave e deve ser também pauta de estudo e enfrentamento. No caso do Brasil, inclusive, encontra-se um documento de 2014, que publica um Manual de orientação para atuação em mídias sociais

ser perspectivas para acrescentar, criando experiências interessantes e não para substituir ou reduzir os meios analíticos. Ao mesmo passo, é preciso tomar o cuidado de não cair na falha do pensamento romantizado de que a internet resolve as problemáticas da interação social, pois isso seria um retrocesso.

É preciso reconhecer que os mecanismos oriundos da esfera tecnológica não se restringem a um círculo das ciências da informação, da mobilidade (aviação e automação), das mídias digitais, da cultura cibernética e dos jogos virtuais (*games*), pois têm sido acionados cada vez mais, seja como complementariedade aos esquemas de construção do conhecimento tradicionais ou mesmo como foco principal e possível para efetivar seu uso inteligente, dinâmico e exponencial, adequado ao contexto da pesquisa, do ensino, da educação, da ciência.

Considera-se ainda, numa via de criticidade que, após a pandemia, o fenômeno social do isolamento, de algum modo mostrou a importância de estar junto e agir em coletividade pactuada, entrelaçada, então não se pode flutuar diretamente para um ambiente digital, em uma seara de metaverso e implementar metodologias virtuais, sem ter realmente um avanço frutífero ou potencial de fundamentar uma realidade mediada por avatares em computadores e telas de aparelhos *android*. Ainda não há uma noção de implementação massiva desses mecanismos e nem de longe esse foi o objetivo deste trabalho, de induzir a esta lógica de pensamento. Neste trabalho, foi a metodologia possível.

Descobrir quais os usos e melhores formatos dessas ferramentas na atual fase geracional, também endereçam o objeto da discussão, a noção de Sociedade em Rede, estabelecida por Manuel Castells (2011), sociólogo espanhol que problematiza os impactos da tecnologia digital no mundo do capitalismo informacional contemporâneo, como um modelo econômico que se reconfigura em meio a complexidades advindas da revolução tecnológica. Segundo o autor, a sociedade vivencia uma cultura da virtualidade que é real, em que todas as vinculações e interações, sejam nas relações subjetivas ou estruturais, são mediadas (direta ou indiretamente) pela internet e tecnologias.

(BRASIL, 2014), buscando essa reflexão de como edificar uma identidade padrão de comunicação digital e como o Poder Executivo Federal tem um papel importante neste sentido de promover uma cultura de educação para o acesso às redes de modo democrático e adequado.

Dessa maneira, cria-se uma noção de realidade virtual que impacta diretamente na produção imagética coletiva e nas representações de mundo como um todo.

Todos os moldes relacionais, desde as conexões afetivas, até contatos laborais ou mesmo cotidianos, cada vez são mais atravessados e mediados pelas redes sociais, plataformas e aplicativos. Um país que se sobressai para disseminar pelo globo ideias, conceitos e discussões metodológicas voltadas às angústias digitais da contemporaneidade é a Holanda e, nesta seara, uma pesquisadora que se destaca é José Van Dijck, escrevendo sob a ótica das influências da estrutura das redes sociais na formação de identidades e memórias (CAMARGO e TERRA, 2017).

Através da conectividade enquanto fio condutor, Van Dijck (2013), investiga a cultura da conectividade como um elemento ambíguo, que serve como referência para uma sociedade que se situa entre a dolorosa alienação social e a beleza de poder exercer participação de diversas esferas pela simples atuação de estar conectado a partir de plataformas. Valendo-se de termos como “sistema de plataformas de conectividade”, “mídias conectivas” e “cultura de conectividade”, a autora defende que as tecnologias são um caminho duplo, no qual há um ecossistema global de plataformas digitais em constantes choques de forças de âmbito público e privado (VAN DIJCK, 2013).

Nesse espaço de mídia conectiva, as relações de poder se impõem, em uma arquitetura de instruções invisíveis, que geram complexidade de discernimento em uma sociedade de informação que se baseia na plataformização e datatificação (monetização de dados e algoritmos digitais através de mecanismos automatizados e interrelacionados), assim, o mundo “offline”, não se diferencia nitidamente do “online” (VAN DIJCK, 2013).

Em uma reflexão dialógica com Manuel Castells, a autora Van Dijck se ampara em um aporte culturalista, entendendo as lógicas do “conexismo social”, dos mecanismos governamentais frente a mercantilização da cultura de conectividade, em uma dinâmica que inclui tanto os proprietários das plataformas, como seus usuários, em uma lógica maleável e coercitiva (CAMARGO e TERRA, 2017).

Todas essas reflexões se coadunam com um movimento que requer da sociologia uma inserção. É nessa direção que tem se formado, no Brasil, uma base voltada para métodos, temáticas e estratégias investigativas que se alicerçam a Sociologia Digital. Como um campo de pesquisa em consolidação,

diante de uma sociedade em que a conexão mediada em rede se tornou parte do cotidiano e passou a reconfigurar as relações sociais, seu desenvolvimento investe na importância de avançar com teorias e conceitos especializados (MISKOLCI e BALIEIRO, 2018).

A sociedade digital e a conectividade, fazem parte da caracterização do mundo contemporâneo, proporcionando tecnologias comunicacionais, que envolvem um cotidiano de conteúdos compartilháveis e acesso a plataformas *online* (MISKOLCI, 2016). Miskolci e Balieiro (2018), relembram que a internet foi criada em 1969, se disseminou em 1995 e se popularizou a partir de 2010, principalmente com o uso dos telefones móveis (*smartphones*). Portanto, a propulsão de um campo proeminente da Sociologia Digital, possui visibilidade relativamente recente, embora já com uma gama de articulações e abrangente produção, agregada ao tema da comunicação virtual e tecnologias.

Com continuidades, rupturas e reconfigurações, os estudos deste campo, concebido nos meandros da Sociologia Digital, representam uma esfera acadêmica cujo foco é tangenciado pelas mídias digitais, que Miskolci e Balieiro (2018, p. 134), utilizam para se referir a um conjunto heterogêneo de investigações que abordam desde “questões metodológicas a novas problemáticas teórico-conceituais”.

Nesta citação referencial de Miskolci e Balieiro (2018), os autores intentam a tarefa de estabelecer uma cronologia provisória da formação da Sociologia Digital no Brasil. Percebe-se o esforço existente para legitimar ferramentas de pesquisa adequadas ao real do digital e do virtual. De forma pioneira, o debate sobre investigação no campo da internet, encontra-se na Antropologia e, em termos similares, em âmbito internacional, na Sociologia (MISKOLCI e BALIEIRO, 2018). Encarar esse desafio metodológico tem sido tarefa árdua, que se desdobra em reconhecer lacunas teóricas, permeadas por relações sociais que não são distintas da realidade do cotidiano, tal como se chegou a analisar equivocadamente.

Por modos de contestação, desvelou-se que o espaço relacional de socialização virtual e digital, está agregado a um mundo real e presencial. “O desenvolvimento de uma sociabilidade digital se deu, acentuando a convergência de tecnologias e intensificando as interpenetrações entre online e off-line” (MISKOLCI e BALIEIRO, 2018, p. 141).

Mesclando mídias digitais com malhas discursivas, reconfiguram-se identidades entre lógicas de tradição e modernidade, problematizando a democratização, o papel da internet, resistências frente a exclusão digital, formas de ações coletivas e organizações políticas, relações de poder e controle, discussões morais e conflitos disseminados pelas redes sociais (MISKOLCI e BALIEIRO, 2018). Como os autores elencam, é preciso reunir um arsenal teórico para dar conta desse cenário que implica novas pesquisas, as quais lidam com estratificações que vão muito além do olhar binário de estar conectado ou estar excluído digitalmente, pois envolve variáveis geracionais, de gênero, neurodiversidades e populações com deficiência, dentre outras situações que fazem refletir inclusive que, mesmo quem não possui acesso, têm suas vidas transpassadas por essas tecnologias, até de forma indireta, por se relacionarem socialmente com quem está online.

Assim, a criatividade metodológica para dar conta dessas complexidades apresenta-se como um elemento crucial. Em suma, vale enfatizar a asserção de Miskolci e Balieiro (2018, p. 147): “análises sociológicas não se tornarão melhores apenas por incorporarem mais dados em termos numéricos, assim como não se tornarão necessariamente mais precisas pelo uso de ferramentas tecnológicas”.

É possível identificar que, metodologicamente, em um contexto de tamanha crise, como este no qual essa pesquisa se desenvolveu, traçando paralelos com dados levantados em um campo digital e virtual, as experiências se tornam um caminho de interface com quadros sociais, políticos, culturais e históricos. Com isso, para findar este capítulo, na intenção de examinar os fundamentos desta pesquisa no seu campo de inserção, ainda se faz necessário elucidar acerca da dimensão da experiência, enquanto estrutura elementar para o trabalho.

Para contemplar este limiar, revisita-se o texto de Joan Scott, escrito em 1991 e publicado em 1998, intitulado “A invisibilidade da Experiência”. Com a ideia de debruçar-se sobre a experiência e a relevância crítica de historicizá-la, Scott (1998), descortina o problema da história da diferença, enquanto elemento que exige designações, que vão de encontro com normas sociais presumidas. Assim, o movimento de tornar a experiência um componente visível, quebra silêncios impostos sobre a extensão da diversidade das práticas sexuais humanas, desafiando noções prevalecentes e abrindo possibilidades de

transformações que se vinculam a áreas marginais da sexualidade humana (SCOTT, 1998).

A reflexão sobre quebrar silêncios e ditames públicos, sobre algo que antes fora suprimido na esfera da sexualidade, traz evidências e desmente construções hegemônicas do mundo social, fornecendo táticas de ação frente a superioridade da masculinidade e da branquitude, da coerência das individualidades organizadas de modo único, bem como da unidade ilusória da monogamia como componente natural das relações (SCOTT, 1998). A autora referenciada, explica que para investir em reverter o que se edificou de modo incorreto, incompleto ou negligenciado, a experiência tem se apresentado como uma estratégia, embora limitada, porém bem-sucedida.

A correlação da experiência com a gênese do conhecimento, torna-se suporte para evidenciar explicações e elaborações, para dar visibilidade e examinar como a diferença se estabelece, opera e atua na sociedade. O desafio concerne em como a experiência reproduz, mais do que contesta os mecanismos ideológicos dados, portanto, é fundamental que torná-la visível, não impeça o exame crítico e sistemático das categorias de representação, de como operam as práticas sexuais e como o resultado do desejo advém em oposição as regras sociais, feito para permanecer oculto, reprimido, anormal, silenciado (SCOTT, 1998). Nessa visão, a pesquisadora se apoia em Haraway (1988), para argumentar que a reflexão sobre a experiência não deve ser passiva, devendo colocar em prática o imperativo da metáfora ótica, ou seja, a analogia de que tornar visível é ir além do que é visto.

Scott (1998, p. 303), defende que “a história é uma cronologia que torna as experiências visíveis, mas na qual as categorias aparecem, entretanto, como a-históricas”. Scott (1998), desperta o raciocínio de que, na medida em que a história da sociedade valida um sistema que classifica os desejos em legítimos ou não, o projeto de tornar a experiência visível, não pode impedir a análise do funcionamento desse mesmo sistema.

É preciso compreender que a experiência não diz respeito apenas aos indivíduos e sujeitos, como modulações subjetivas, afinal, são produtos históricos, sociais, culturais, econômicos e políticos que norteiam essa definição. Em diálogo com Scott (1998), esta pesquisa não se detém nas experiências como base de explanação e origem questionadora, simplesmente porque são vistas, sentidas e, portanto, legítimas, mas porque constituem-se enquanto

evidências sobre como o conhecimento pode ser apresentado. É preciso um exame crítico da categoria experiência, pois representa um fundamento inserido no bojo do empirismo de inovações interpretativas, que divide concepções.

Scott (1998), em conexão com Teresa de Lauretis (1984), remonta o conceito de experiência, como uma dinâmica que constrói subjetividades sociais, num viés semiótico e corporalizado. Ou seja, “através desse processo uma pessoa se coloca ou é colocada na realidade social” (LAURETIS, 1984, p. 159). Isso acarreta relações interpessoais, que se enquadram como fatos sociais, trazendo a diferença como função radical e determinante. Todavia, é imprescindível que ao prestar atenção na diferença, não se considere tais experiências em uma lógica de sujeitos fixos e estáveis, colocadas como fontes confiáveis de um universo real, estático e inquestionável.

As contribuições de Scott (1998), ratificam que a experiência é dotada de autoridade, contudo, quando a experiência parte de diferenças dissolvidas, de modo cumulativo, essencializador e homogeneizador, torna-se dispensável. De maneira semelhante, ao valer-se da experiência para reproduzir julgamentos morais e éticos sobre as realidades que se está se acessando, tem-se uma situação inadequada.

Um dilema central sobre esse ponto, é a própria figura do investigador, que ao mesmo tempo em que pesquisa, também é parte da investigação, sendo a sua própria experiência, uma base da sua identidade, fazendo com que recorrer à experiência, conota também a realidade de sua apreensão subjetiva (SCOTT, 1998). As experiências são premissas fortemente fundamentadas, que equacionam o pessoal e o político, através de um caráter discursivo que, de certo modo, nega seu status inquestionável da explicação. O social está imbricado no pessoal e seus significados, se estruturam em uma história ligada a categorização das identidades.

Scott (1998), pondera que a ausência de uma definição fixa para a experiência, ressoa de diferentes formas, permitindo que ela funcione como um conceito fundador, uma categoria compreendida amplamente, criando um sentido de consenso, no qual também é preciso discernir entre experiência e significados. “A visibilidade da experiência funciona como um fundamento fornecendo tanto um ponto de partida como um tipo conclusivo de explicação” (SCOTT, 1998, p. 317). Nas palavras da célebre pesquisadora:

Sujeitos são constituídos discursivamente e experiência é um acontecimento linguístico (não acontece fora de significados estabelecidos), mas nenhum deles está confinado a uma ordem fixa de significado. Uma vez que o discurso é por definição compartilhado, a experiência é coletiva, bem como individual. Experiência tanto pode confirmar o que já é conhecido (vemos o que aprendemos a ver), quanto perturbar o que parecia óbvio (SCOTT, 1998, p. 320).

Com essa compreensão, a experiência pode ser configurada como um conjunto de histórias dos sujeitos. Igualmente, uma única narrativa ou tentativas de classificar ou categorizar, não esgotam o leque de experiências vivenciadas por um sujeito, pois elas são históricas e culturais, com interface entre o que é social, político e público, bem como com o que é subjetivo, individual, pessoal, particular, íntimo e psicológico.

Experiência não é uma palavra da qual possamos prescindir. Contudo, uma vez que é usada para essencializar a identidade e ratificar o sujeito, torna-se tentador abandoná-la completamente. Mas “experiência” é uma parte tão integrante da linguagem cotidiana, tão imbricada em nossas narrativas que parece fútil argumentar em favor de sua expulsão. [...] Dada a ubiquidade do termo, parece-me mais útil trabalhar com ele, analisar seus funcionamentos e redefinir seu significado. [...] Experiência é sempre e imediatamente algo já interpretado e algo que precisa de interpretação. O que conta como experiência não é auto-evidente nem direto; é sempre contestado e, portanto, sempre político (SCOTT, 1998, p. 324).

Estudar valendo-se do dispositivo da experiência, traz consigo o desafio de adentrar em processos de criação que despertam questionamentos e levam a pensar mudanças, abrindo caminhos para enfoques que pensem o sujeito sem debilitar sua existência política, tampouco, investir na experiência com um enfoque de explicação originária que não interroga seus processos de construção.

CAPÍTULO 2 – FISSURAS DA HETERONORMATIVIDADE

Os sujeitos estão performaticamente interpretando as normas de gênero, e é nos espaços abertos por essas interpretações que se podem pensar as possibilidades de mudanças e fissuras nessas mesmas normas de gênero (BENTO, 2006, p. 34).

Há um processo de generificação binária das performatividades, construído socialmente, de maneira que a cultura heterossexual-normativa, articulada com a esfera política e econômica, é condição que perpassa por todas as dimensões da vida de cada sujeito. Nesse processo, que possibilita tanto interpelações quanto limitações, mesmo a partir de sujeitos que demonstram estar estáveis com o modelo heteronormativo imposto, há *fissuras* nas performatividades. As dobras que rasuram as normas não se restringem a população LGBT. A heteronormatividade, trata-se de um processo de descontinuidade, que nunca se completa, pois é atravessada por fragmentações.

Essa constatação abre um leque de possibilidades que descortina a heteronormatividade como uma superfície frágil, com instabilidades e potencialidades desconstrutivas que eclodem no seu próprio processo de repetição. A heteronormatividade, em realidade, afigura-se como um sistema forjado e ilusório, com lacunas e perfurações que, em meio à imposição, desdobram performatividades destoantes do modelo vigente. Mesmo onde, aparentemente, a performatividade do sujeito enuncia estabilidade com o pressuposto heterocentrado, há *fissuras*. A reiteração da díade binária provoca cisões tão profundas nas performatividades, de maneira que podem até ser caóticas e violentas, reproduzindo sofrimentos e vulnerabilidades que se expandem contra os outros e até contra o próprio sujeito. Como Judith Butler explica:

É também, em virtude da reiteração, que fossos e *fissuras* são abertos, fossos e *fissuras* que podem ser vistos como as instabilidades constitutivas dessas construções, como aquilo que escapa ou excede a norma, como aquilo que não pode ser totalmente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma (BUTLER, 2000, p. 9).

Trata-se de um processo, nunca conciliador e sempre violento, que se intensifica no interior das relações afetivas e dos vínculos de intimidade²⁵. No

²⁵ Nesse sentido, é válido sublinhar que, a performatividade das relações afetivas, serão consideradas trazendo a ótica de Carsten (2004), a qual questiona os limites de enquadramento

contexto do amor e da sexualidade, confrontando-se com os desejos, as performatividades encontram terreno fértil para extrapolar as imposições heteronormativas e nessa extensão a violência aparece como elemento resultante da ineficácia das reiteraões.

As metamorfoses pelas quais a violência se diversifica na contemporaneidade, trazem formas cuja força motora dos conflitos se manifesta reunindo lógicas comuns de adesão, em um processo que se transforma, mantendo na sua base lucro, prestígio e prazer (CRETTEZ, 2011). Ao focar no prazer, a dinâmica social da violência encontra-se em um campo sexual onde o desejo é circunscrito de tal modo, que nas relações afetivas a sexualidade, em termos legítimos, é pensada somente através da heteronormatividade monossexual, monogâmica e reprodutiva. Através do sofrimento da deiscência com esse modelo, as possibilidades sexuais representam performatividades que resistem frente à inteligibilidade e a dinâmica violenta que perpassa esse campo (BUTLER, 2002b).

Para a teórica supracitada, existem zonas intermediárias e formações híbridas, na qual a binariedade entra em crise, não se exaurindo a sexualidade inteligível, produzindo fronteiras variáveis, por vezes violentas, desconfortáveis e conflituosas com delimitações que impõem um não-lugar para todas posições de sujeito precárias ou não reconhecidas socialmente. A existência dessas regiões não se constitui exatamente como opções, “são práticas sociais, mais especificamente práticas sexuais, que não aparecem imediatamente como coerentes no léxico de legitimação disponível” (BUTLER, 2002b, p. 230). Regulando as relações de afetividade como propriedade, a norma inviabiliza corpos e desejos (i)legítimos, trazendo o peso histórico que torna as formas sociais da sexualidade mais conservadoras, trazendo consigo uma cultura implícita de pureza racial e dominação (BUTLER, 2002b).

Perez e Palma (2018), explicam que as relações afetivo-sexuais, construídas historicamente e assentadas na idealização do amor romântico, heteronormativo, monossexuado e compulsório, típico das sociedades burguesas ocidentalizadas, circundam mecanismos de força e controle do

dos vínculos nos termos de parentesco e conjugalidade, considerando os laços relacionais a partir da *substância do vínculo*.

dispositivo da sexualidade configurando-se, portanto, como um reflexo das normas sociais²⁶.

Nesse sentido, como aponta Barbosa (2015), é necessário questionar todos esses processos de normalização aos quais as relações amorosas estão submetidas. Especialmente após o século XX, são expressivas na arena social as “críticas aos imperativos absolutos da monogamia, da coabitação, da indissolubilidade, da exclusividade, da complementariedade e da compulsória reprodução biológica” (MELLO, 2005 p. 27).

É preciso observar, a partir dos vínculos afetivo-sexuais, que há entre a heteronormatividade, as performatividades e a violência, o que Efrem (2017) classificou como “reciprocidades constitutivas”. Ou seja, a violência possui texturas emblemáticas que não permitem separações analíticas, constituindo-se enquanto fenômeno que se associa às relações afetivas, englobando reciprocamente conflitos que inter cruzam uma pluralidade de performatividades.

Ao focalizar na violência nos relacionamentos íntimos, percebe-se que há modos de interação presentes que tratam de histórias de vida com personagens singulares, mas que estão intrincadas em um contexto social mais amplo (CASTRO, 2007). Assim, sob o viés dos processos sociais normalizadores e ancorados no capacitismo²⁷, que geram a ilusão de sujeitos com performatividades estáveis e comportamentos afetivos regularmente coerentes com o modelo heteronormativo imposto, vislumbram-se desejos que subvertem a plasticidade de uma sociedade que tenta implantar uma subjetivação monossexista, cisgênera, heteronormativa e brancocêntrica.

Gerando *fissuras* e contradições entre idealizações e performances através de práticas efetivadas às margens do padrão, as posições dos sujeitos interpretam espaços abertos e produzem contra-discursos que possibilitam lacunas de transformação e demonstram que a manutenção das héteronormatizações não alcança eficácia total (BENTO, 2006). Quando se interrompe

²⁶ Como Foucault (1979, p. 244), discorre dispositivo pode ser definido como “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas”. Um dispositivo é composto por uma associação entre discursos e práticas sociais, semelhantes a uma rede estabelecida por um conjunto de elementos diversos. Desse modo, o dispositivo da sexualidade está imbricado a um regime disciplinar, organizado enquanto produção social naturalizada nos saberes dominantes e ao mesmo tempo regulada, saneada, normalizada por meio da delimitação de suas formas (MISKOLCI, 2009).

²⁷ Capacitismo é um termo que abrange o debate acerca das exclusões dirigidas contra pessoas que possuem alguma deficiência ou condição de saúde ou de corporeidade que gere discriminações. Esse quadro tem intersecção direta com os pilares da matriz heteronormativa.

a linha de continuidade e de coerência que supõem uma ligação natural entre corpo, sexualidade e relações socioafetivas, potencialmente abre-se também caminhos para a libertação das performatividades generificadas e para novas configurações de alianças afetivas plurais, respeitadas entre seus membros e aliadas a construção de novos contingentes históricos.

É preciso desalojar não só os corpos, mas também os desejos e as relações, pois a forma como tudo isso é captado, pode ser vinculado a novas políticas e projetos de sociedade. Conforme Segato (2010) propõe, é mediante a compreensão da esfera da intimidade que será possível desmontar e transformar a violência societária numa escalada desde os níveis microscópicos, até os níveis macroscópicos.

É pertinente analisar essas dissidências, trazendo o texto intitulado "Por uma Leitura Cuidadosa", em que Judith Butler dialoga com Seyla Benhabib, Durcilla Cornell e Nancy Fraser, em uma perspectiva crítica que revisa as próprias análises butlerianas, norteadas pela palestra "Fundações Contingentes", que havia sido realizada em 1995. Encontra-se aqui, reflexões sobre a entrada do pós-estruturalismo na teoria feminista, bem como um investimento sobre o conceito de Butler, que a pesquisadora denomina como "tomada de posição".

Butler (2018a), insere um debate sobre as lógicas europeias das narrativas emancipatórias na modernidade e como isso pode se relacionar com o processo escravagista, tomando o livro "Atlântico Negro", de autoria de Gilroy, como ponto de partida. Entendendo narrativa e discurso no sentido foucaultiano, a teórica percorre as possibilidades políticas de ressignificação e recontextualização de fundações históricas, resultando em engajamentos para transformações sociais. Essa perspectiva indica a necessidade de que haja uma prática reflexiva antecedendo as ações, ou seja: não há como negociar políticas tratando a história como algo opaco.

Assim, para articular os caminhos para uma vida democrática e participativa, Butler (2018a), questiona os ideais normativos da universalidade, argumentando que esta deveria ser radicalmente desapropriada. Os paradoxos e parcialidades da universalidade são confrontados tomando como exemplificação as experiências da população LGBT. Segundo a autora, há convenções culturais e um caráter contingencial que governa a ideia de universalização, a qual está incompleta e esbarra em limitações. Sua articulação

de forma ampla está diretamente vinculada a força coletiva da sua reivindicação, das condições institucionais para sua aplicação e também das forças políticas que estão no seu entorno (BUTLER, 2018a).

Judith Butler (2018a), afirma que o que é tomado como universal, é sempre construído culturalmente. Essa construção está inevitavelmente envolta a conflitos, a arranjos institucionais e condições históricas. Esses fatores são parte fundacional das dificuldades para consolidar conquistas em âmbitos políticos. Então, como fazer para reconstruir as lógicas políticas pós-fundacionais? Isso é, que decorrem como outra face das rupturas e das fissuras. Os ideais apontados nesta leitura, indicam que há uma necessidade de reconfigurar as bases, as âncoras, sem recusar a alteridade e a contestação que são tão necessários para vida democrática. Nessa ótica, Butler (2018a), questiona o que chama de "paroquialismo" que vem colocando a figura dela mesma e das demais autoras desta publicação, como se fossem uma espécie de representantes oficiais da teoria feminista contemporânea, sendo que ela destaca como exemplo, nessa lógica, a falta do lugar de fala sobre as diferenças raciais.

É interessante que Butler (2018a), se posiciona confrontando a ideia de que seu trabalho é pós-moderno (ou pós-fundacionista) e através desse questionamento, entende-se o título deste escrito, que remete a urgência de realizar leituras cuidadosas, pois ela argumenta que são recorrentes interpretações numa defensiva errônea e caricata acerca das suas análises.

Os conceitos de abjeção e repúdio são elencados como meios que produzem uma autonomia ostensiva, que a pesquisadora vê como prejudicial ao processo de articulação da luta política (BUTLER, 2018a). Nesse caso, a defesa da filósofa é por um movimento feminista comunitário, no qual prevaleça a generosidade, o respeito às diferenças e não o repúdio e o desprezo. Isso exige um trabalho cultural extenso que repense as lutas e as normas políticas como relações de poder.

Durcilla Cornell (2018), corrobora com este debate diferenciando o que seria uma ideia de desconstrução da irracionalidade. Assim, a autora reflete sobre princípios do feminismo e como a solidariedade deve ser elemento crucial para respeitar as diferenças e combater privilégios, com uma prática feminista que não reproduza o que ela mesma busca superar.

Ao questionar "por que feminismo ético?", Cornell (2018), adentra nas camadas diversas do conceito de ética. Moralidade e relação com o outro são aspectos que a pesquisadora investiga, trazendo reflexões teóricas pertinentes e conectadas com ideais normativos do âmbito legal. Os conflitos gerados nesse campo estimulam um processo de imaginação associada a elementos racionais. Entre dicotomias Cornell (2018), oferece uma noção de feminismo ético, como um caminho possível.

Feminismo, ética, códigos morais, elementos culturais, são bons indícios, para analisar onde a heteronormatividade gera espaçamentos, espaços que não se cicatrizam pela ordem do ditame e se mantem com fissuras, heranças advindas de um sistema que concentra o poder e o controle, gerando fixações, compulsões, subversões e violações. Nesse contexto, também é indispensável desestabilizar o olhar perante aos moldes capitalistas, que se retroalimentam das consequências que ele mesmo nutre.

Eva Illouz, pesquisadora marroquina, nascida em família de judeus, migrando para a França aos seus dez anos, na década de setenta, tem desenvolvido atualmente estudos acerca do capitalismo e das relações afetivas através das mídias digitais. Enquanto vinculada ao Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Hebraica de Jerusalém, em Israel, pode conceder uma entrevista, intitulada "No coração pulsante da cultura", que foi traduzida por Richard Miskolci. Enquanto autora que aborda uma seara histórica, cultural e midiática, adentrando nas fontes acerca do capitalismo e do amor, ela investiga não somente o amor, mas sim uma ideia de "amor romântico".

O que é interessante, é que essa via optativa, pela analítica da temática do amor romântico, se dá preliminarmente porque a referida escritora tem a percepção de que poucos campos seriam tão propícios para entender a forma como a mídia molda (ou não molda) as práticas românticas e os relacionamentos amorosos. A visão de Illouz (2016), concorda que os paradoxos da liberdade, envolvem uma busca constante em que quanto mais se liberta, mais há disciplina e mais se necessita da lei para interferir, regular as relações. Essa busca constante, nunca findável e sempre destituída de disciplina, retrata bem como as fissuras da heteronormatividade se mantêm.

Illouz (2016), apresenta reflexões despertando como o amor é o coração pulsante da cultura moderna e a partir dele, é possível conectar-se a um universo de padrões e de enquadres, que se fundam na ecologia de uma indústria cultural,

em que as práticas românticas encontram-se em simbiose com a estrutura social do capitalismo. “A cultura é, notoriamente, ao mesmo tempo, complexa e vaga. Ela é a matriz de ideias, crenças, valores, formas de fazer e interpretar eventos” (ILLOUZ, 2016, p. 303). Nos quesitos de cultura, voltados aos relacionamentos afetivos e as violências que dele emanam, isso se torna ainda mais contraditório, pois são culturas que se impulsionam da desestrutura, da quebra, da perda, do vazio, da dor, do sofrimento, de padrões fixados de modo irreal, ou seja, fissurados. Uma cultura que molda pela fissura.

Então, ao olhar para cultura e para o amor romântico na modernidade, nas palavras de Illouz (2016, p. 303), “é como lidar com um grande quebra-cabeças, só que você não sabe como a imagem final se parece”. Nesse sentido, como lidar com um grande quebra-cabeça, em que as peças estão quebradas, ou que algumas foram rasuradas, borradas, perdidas, desbotadas pelo seu uso insistente e repetitivo. É uma coesa analogia para as relações afetivas e as fissuras da heteronormatividade, pensar em um jogo no qual as peças não se completam, mas seus jogadores, seguem forjando, mesmo que não alcançando um resultado final concreto.

De fato, como a própria pesquisadora reconhece, é difícil a tarefa de mensurar impactos, em estudos que envolvem a cultura (ILLOUZ, 2016). Quando se retoma a análise que envolve a cultura, debruçando-se sobre os laços afetivos, amorosos e sobre a própria construção do desejo, há uma questão norteadora, que emerge reiteradamente no campo da presente pesquisa: “o que você realmente deseja?”. Essa indagação, percorre os relatos de narrativas mutuamente se encontram.

É uma constatação, que Illouz (2016, p. 304), irá fazer, apontando que “o capitalismo molda e transforma a vida emocional e a individualidade”. Nesse contexto, Scott (1998, p. 303), assertivamente explica que, como o desejo que rompe com a heteronorma não pode ser reprimido, instituições são inventadas para acomodá-lo, assim sendo: “resistência e atuação são representadas como dirigidas por desejo incontrolável; emancipação é uma história teleológica na qual o desejo, por fim, vence o controle social e se torna visível”.

A base de dados retirada do acervo de narrativas registradas, faz refletir essa reciprocidade entre desejo e controle: “Eu era extremamente compulsiva de sexo em uma forma severa e sem me proteger. Eu chego me tremer quando eu lembro de como foi duro nesse momento largar o sexo e a masturbação

compulsiva, a fantasia, as brigas, a agressividade, o filme pornográfico, como foi difícil largar tudo isso. Eu tinha medo da minha raiva, eu era tão raivosa que eu tinha medo de mim. Eu preciso me render e pedir que isso se remova, toda essa vontade de fazer sexo compulsivamente e de criar caso com tudo, de bater boca, de fazer barraco, de briga, de intriga, de tudo. Eu preciso de humildade. É muito triste pensar na minha condição ativa nessa situação” (Registrado em 19/10/2020).

Pode-se resgatar que são terminologias constantes na coleta de dados, a lógica de encontrar uma "sobriedade sexual", a qual estaria em uma dicotomia com a “sobriedade emocional”. Como duas faces de um mesmo plano, elas se colocam em contradição, através das experiências levantadas, onde a busca por uma estabilidade, não se alcança. Nem tampouco seria possível, quando se compreende desejo, como algo separado da emoção. Ou então, quando se traz a leitura de inventários morais e afetivos, como um campo dotado de sobriedade, que poderia se sobrepor ao desejo e, a partir de uma apreensão moral, abster-se de sentir desejo.

Nesses quadros dualistas, esse imperativo categórico binário, permanece. Todavia, como Eva Illouz constata, hoje em dia a própria divisão binária entre hetero-homossexualidade também se borrou, pois não é um panorama que se encerra no desejo, trazendo mais do que isso, a força do desejo.

As dificuldades que eu documentei estão conectadas mesmo com a heterossexualidade porque ela é fundamentalmente uma instituição para a reprodução biológica e para prover recursos econômicos para duas pessoas. A homossexualidade, nesse sentido, é a forma sexual que alcança muito melhor as promessas da Revolução Sexual e da modernidade. A heterossexualidade é realmente alocada entre estruturas pré-modernas e aspirações (ILLOUZ, 2016, p. 206).

O desejo, enquanto prerrogativa superlativa do estudo da heteronormatividade, é justamente um meio de entender as fissuras. São abissais as relações experienciais que tocam neste sentido. “Meu padrão de desejo é uma quebra, porque vai para a menos valia, voltado em desigualdade abusiva, se expressa em sexo, pornografia, anorexia, tento botar ação no dia, tem tempo que não entro em aplicativo, nem é muito meu padrão, mas a última vez que atuei nesse personagem desmoralizante, foi justamente através disso, me acabei sem filtro nenhum, usando substâncias, tiro, porrada e bomba, me

anestésio. Estou tentando inventariar e mapear meus sentimentos, situações que me levam a isso, sem entrar em dor emocional e social, meus padrões de exibicionismo, não sei se era bem de exhibir meu corpo ou esse personagem, que as vezes vai, por exemplo, para um hotel, fica falando com o celular desligado, só obscenidades, só para assediar uber, camareira, garçom. Já deixei de me fazer mal e comecei a não só me machucar, mas machucar também as pessoas e correr risco, com trocos cruéis. Os meus padrões de desejo mudam o tempo todo, ainda mais se estou sem o químico, antes ia para “pegação” no banheiro público, corria no bosque até encontrar alguém, era aquela adrenalina, quando entrou o químico, cai no exibicionismo, de mais falar do que fazer, mas evito sexo pago, porque as vezes nem me relaciono, só fico nessa “escrotice”. A masturbação até é redução de danos para meu desejo, não tenho culpa porque é quase que mecânico, como fazia nos hotéis, falando, falando, controlando a ejaculação, quando chegava a hora, dois dias no hotel, não fazia nada. Nem gosto de pornô, mas usava, mais para falar. Muito sofrimento. Conheci uma pessoa no aplicativo, que até a minha conta nos aplicativos de encontro foi banida, para isso acontecer a pessoa tem que ser muito louca né, só eu mesmo, porque ali é lugar para fazer de tudo, falar de todas as perversões e drogadições, só eu para ser banido, mas consegui. Uma paquera me ligou, estava aqui perto da minha cidade, passeando, daqui a pouco comecei me incomodar, bloqueei, porque a pessoa já tem outro relacionamento, veio para me ver, está passeando de barco, mas quer me ver só depois da meia noite, como se eu fosse um pedacinho de carne, não estava nesse padrão de desejo, não me fez bem essa expectativa, peguei e bloqueei” (Registrado em 03/11/2020).

Seria o desejo, em certa medida, o alcance para captar a fissura. A interpretação dessas lógicas em si, é possível, no entanto mensurar essa dimensão, é mais difícil. Um clássico autor, que remonta bases para uma apreciação social das gêneses do desejo sexual dos seres humanos, é Gagnon (2006). No vasto acúmulo de textos do sociólogo, elaborados em diferentes períodos da sua trajetória, no livro “Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade”, é possível desconstruir a ideia do desejo sexual, enquanto resultado de uma idiossincrasia individual, própria de cada pessoa. Dessa maneira, as inquietações do autor, vão de encontro com as recorrentes transformações da sexualidade no mundo contemporâneo, que acabam, segundo Gagnon (2006), indo contra as considerações da psicanálise, sobre a

elaboração do objeto de desejo sexual, interpretando-o enquanto um elemento restrito ao campo psicológico.

Há uma visão recorrente nas ciências sociais, que correlaciona o desejo e as práticas sexuais, contemplando uma percepção estritamente sobre a psique. Para esses teóricos da sociologia, de acordo com Illouz (2016), seria o self a entidade unívoca responsável pelo desejo, pela volição e intenção, bem como pelas maneiras em que as ações de um indivíduo são coordenadas, nomeadas e integradas em uma moldura maior, porém a autora traz uma objeção fundamental, que se dá em pesquisar demonstrando como o self é mutável na modernidade.

Gagnon (2006), direciona-se nesse caminho, conceituando a noção de roteiros sexuais, os quais não se configuram em razão de uma experiência isolada e concreta, mas sim através de um conjunto de experiências projetadas, nunca concretizadas, que muitas vezes se perpetuam no imaginário, como fantasias sexuais.

De fato, no acervo etnográfico, a fantasia é elemento recorrente, como na experiência seguinte: “Tem coisas que nunca tinha percebido em mim, fiquei sete anos obcecada, passou essa obsessão, fiquei mais sete anos obcecada por outro. Essas coisas de fantasiar de achar o príncipe encantado, colocar a pessoa no altar é o que eu faço, mas mesmo assim tenho compulsão por sexo. Percebi como minha autoestima é baixa, como preciso de relacionamento, estar gostando de alguém, para não me sentir sozinha, é louco porque sempre volto para alguma pessoa, não consigo me perceber, não consigo me cuidar, em termos de trabalho até anda porque se precisa de dinheiro para sobreviver, mas em relacionamento, sempre fantasiando, trocando os pés pelas mãos e obcecada, muitas vezes até sem perceber. Isso foi tomando conta da minha vida e agora percebo que nesse tempo de isolamento da pandemia fico na fantasia, entrando nos aplicativos da cidade e outros países, fico só conversando com pessoas porque tenho medo de ficar sozinha, muito medo de me relacionar ao mesmo tempo só atraio pessoas que veem meu lado sexual, infelizmente sempre levo as coisas para esse lado, para sedução e manipulação. Hoje só tenho amizades com homens e vivem falando coisas sexuais, porque eu sempre quis chamar atenção para esse lado, sempre com baixa autoestima, hoje percebo que em abstinência posso me conhecer e saber me relacionar. Faz uns 40 dias, pretendo continuar em abstinência até conseguir lidar com sentimentos e

perceber que o outro chega do meu lado, eu fico cega, sou imediatista, quero tudo para ontem e do meu jeito, quando não me sinto segura, tenho que me envolver sexualmente para deixar o outro amarrado e fazer algo para trazer o outro para perto sexualmente e esqueço que tem outras coisas, conversas, companheirismo, trocas. Esse medo pode ser fantasia por eu já ter sido abusada também, fui estuprada aos 27 anos, deixei para lá e não vi mais a pessoa, mas aquilo me gerou muita fantasia de medo de ficar sozinha e conforme vai evoluindo e vou envelhecendo vejo como não sei lidar com coisas sentimentais. Esses sites de relacionamentos, parece que atraio certos tipos de pessoas que querem ideias fantasiosas, como: namoram e gostam de ver a namorada fazendo sexo com outro, aí vem outro que gosta de fazer sexo com mulher e com homem, vem outros que é várias fantasias e se eu deixar, eu caio numa dessas e minha compulsão fala para fazer. Mas estou dizendo não. Se até sem fazer, fico mal, fico querendo mais, imagina entrar numa dessas, não vou parar, vou me machucar e não vou encontrar relacionamento sadio, hoje eu quero segurança em mim, satisfação, serenidade, novas maneiras, mas tem muitas pessoas que nem sabem o que é DASA e são compulsivas e obsessivas por sexo. Sexo é uma moeda de troca. É complicado viver sem ter essa troca por interesse e a sexual é a mais atrativa. É tão ilusório e fantasioso, eu coloco as pessoas em um altar, como se fosse o amor da minha vida, começo a perceber e deixo passar, levo para a parte sexual, seduzo, manipulo e perco tempo, saúde, juventude, perco coisas boas da vida, porque só fantasio sobre sexo. Se abster de relações enquanto eu puder, para lidar comigo mesma e quebrar essa obsessão é o que venho fazendo. Mas hoje estou com muitos aplicativos, fico conversando e só não saio por causa da pandemia, tem esse vírus e daqui a pouco saio e me contamina, ainda vou morrer de covid. Então estou em abstendo, mas se não fosse a covid-19, estaria saindo. Toda vez que entro nessa coisa da fantasia sexual, crio repulsas, gostaria de ter alguém na minha vida que eu nem queria ter que fazer sexo, para ficar sem fazer e depois tentar voltar, para ver se acho um modo adequado, porque fico naquele vazio, depressão, fantasiando, sem sentimentos” (Registrado em 30/03/2021).

Há roteiros sexuais que, por sua vez, dão sentidos às experiências sexuais das pessoas e, nessa interpretação, existem formas prévias e eletivas de comportamento, pontuadas em situações específicas de um universo social.

Gagnon (2006), investiga como o terreno das preferências sexuais, enquanto algo constituído socialmente, pauta o desejo a partir do gênero.

Denota-se, neste outro fragmento, como a percepção dos estereótipos de gênero e sexualidade nos roteiros sexuais, são evidentes: “Eu venho descobrindo meu comportamento errático, na questão sexual, romântica e amorosa, a cada dia, para eu conhecer meus problemas principalmente na questão narcísica, da sedução mais sem sentido do mundo, a ponto de conhecer uma pessoa na rua e querer com essa pessoa acompanhar, seguir e seduzir e muitas vezes atingir objetivos sexuais, também tem além da conquista, que é um padrão deturpado, vejo outro comportamento que acredito que seja errático também socialmente que é o da perda. Há 2 meses estou sem cometer nenhum assédio, sem nenhuma amante, sem nenhum caso, meu celular limpo, sem mensagem, sem planos, combinações, consegui resgatar minha namorada, com quem eu cheguei por causa desse meu comportamento dependente de amor e sexo, porque eu conheci ela, ela era casada estava grávida, com um barrigão enorme já e eu fui, seduzi ela, me envolvi, me apaixonei, me separei do meu casamento de 18 anos e agora eu não queria mais que isso continuasse nessa coisa interminável de sair procurando e encontrando novos amores e paixões que vão se derrubando e se destruindo e nisso você fica mais triste e vai deixando outros tristes também, mas meu padrão agora é o da derrota e da perda porque essa minha namorada, falei que eu era dependente de amor e sexo e isso deixa ela com muita desconfiança, hoje é um dia que ela não falou comigo nenhum momento, não me responde, não me dá atenção e nada, isso bate em mim aquela insegurança, bate o coração mais forte, isso é do meu padrão, não é só a conquista, é o medo da perda também. Não queria sentir essa solidão próxima do desespero porque a minha namorada não me atendeu. Passa mil coisas muito ruins pela minha cabeça e insegurança total que é fruto desse narcisismo de me sentir o centro do mundo, o grande galanteador, como ela pode não falar comigo se sou um cara tão poderoso, né? Então é difícil, por causa desse isolamento que todos nós devemos respeitar na pandemia, mas espero superar tudo isso, que essa solidão não signifique um abandono, porque sou totalmente dependente desse amor danoso, que muitas vezes é superficial” (Registrado em 30/03/2023).

Em suma, através do que se constatou no campo e como Gagnon (2006), argumenta, há uma oposição, que ele manifesta, em relação às teorizações

sociais que tomam componentes biológicos como referência para as explicações sobre sexualidade. Deste modo, a conceituação em torno da sexualidade, do desejo e de suas motivações, deve seguir uma leitura eminentemente social, isto é, não há condicionamentos biológicos ou explicações advindas de um domínio psíquico. Para Gagnon (2006), não existem padrões de sexualidade e desejo, sem se compreender os contextos nos quais eles emergem. Na dimensão social, todos os seres humanos estão inseridos, a depender de cenários culturais e circunstâncias de produção grupal.

Gagnon (2006), disserta sobre esse ponto afirmando não compreender que a homossexualidade e a heterossexualidade sejam lados opostos. Sua crítica remete a compreensão, segundo o sociólogo, de que a ciência acaba, por vezes, ocupando papel importante de reforçar o preconceito no campo da sexualidade. O pesquisador refere-se também ao encontro dessas determinações binárias, como motivações para discriminações, com o entendimento de que os sentidos conferidos a sexualidade, perpassam também por intermédio da apropriação que o senso comum pode fazer da ciência, considerando, por exemplo, a homossexualidade como resultado de um trauma ou de uma problemática individual.

Ao discutir acerca dos padrões de comportamento das práticas sexuais e de como a afetividade está atrelada aos enquadres sociais, há um outro eixo necessário de ser considerado, que envolve a influência das doutrinas religiosas. Nesse quesito, espiritualidade e religiosidade, se enlaçam não somente nas vivências sexuais existentes, mas também nas práticas ausentes, cenário que é perceptível no exercício celibatário. Estas práxis não podem ser confundidas com o arquétipo da assexualidade. Mas sim, como a inibição da sexualidade, induzida por motivações divinas.

No campo de investigação, essa noção se correlaciona com o conceito de anorexia, que para a psicologia, se configura como um transtorno mental, porém, no contexto em pauta, se trata de nomear um comportamento que se debruça sobre outras experiências, não necessariamente diagnosticadas e que não envolvem o ato da alimentação por comida, mas sim de a saciedade dos afetos, relações e envolvimento sexuais. A anorexia, se enquadra no campo observado como terminologia para pensar, por exemplo, a escolha de não se relacionar com outras pessoas sexualmente, de conter o desejo, controlar os afetos. A anorexia pode ocorrer consigo mesmo, em condutas de auto cobranças e auto aversão.

Nos relacionamentos, pode ser visível com a prática de engatar um relacionamento no outro ou no ato de escolher somente pessoas indisponíveis para se envolver.

Como pode ser lembrado de um registro do campo trazido do dia 04 de novembro de 2020, no qual uma mulher verbalizava que sempre achou que seria anoréxica, pois as pessoas diziam e ela acreditava que isso tinha um fundo de verdade, mas se descobriu sendo anoréxica mesmo não de relacionamentos, mas de amor, já que desde criança não soube como receber amor, porque não souberam lhe dar amor ou porque desde pequena já se manifestava essa anorexia e agora em recuperação está tentando melhorar para se libertar da auto privação, considerando que hoje consegue fazer amizades, estar em um grupo de pessoas e se relacionar, interagir a vontade, o que percebe como um avanço, mesmo que sempre justificou isso com uma falsa crença que era uma pessoa tímida e depois ao se conhecer melhor viu que não era nada tímida, que pode até ser mais quieta e reservada, mas isso está longe de timidez, que não combina nada com seu jeito de ser, só tendo conseguido ver essa desmistificação resgatando que foi uma pessoa anoréxica de afeto, que estava perdida no casamento, na rotina da vida dos afazeres domésticos e de trabalho, com acontecimentos que ao longo dos anos, refere que ia levando porque era mais cômodo do que enfrentar os próprios medos, sentindo assim que seguir casada, com uma rotina fixa e linear, foi prejudicial porque precisou se perder para se reencontrar.

A ideia de anorexia, como problemática que se ramifica em múltiplos contextos, imprescindivelmente se denomina com dimensões de gênero, como trata também o fragmento seguinte: "Pra mim, o meu problema maior é a anorexia, mas eu me afasto só das mulheres, me afastei tanto delas que eu acabei começando a ficar com homens, porque eu achei que era mais fácil, mesmo eu sabendo que eu gosto de mulher, eu tenho essa convicção, mas de tanto ficar afastado, com medo de me relacionar, acabei fazendo isso, não sei se é um traço de personalidade ou o que de sexualidade, mas é isso. Eu essa semana, até teve uma menina que queria ficar comigo e ela tem mais de 200 mil seguidores no perfil das redes sociais dela, trabalha em evento e tudo, mas eu não fui. E parece que eu não ter aceitado sair com ela, aí que ela ficou querendo mais e aí que eu fiquei me afastando mais..." (Registrado em 08/11/2020).

A anorexia também pode aparecer, como coletado no campo, através de um caso análogo: “muitos padrões que eu tinha, hoje já não tenho, sempre fui muito anoréxico e uma das formas de manter essa anorexia sempre foi problematizar muito e ser do contra, até mesmo porque eu tenho uma formação crítica, politécnica e fui parar no militarismo, porque amava trabalhar no “socorro”, mas assinei para ser militar mesmo e durante muito tempo isso me atrapalhou muito, a minha busca do sexo também passava por isso, pela minha ocupação como militar. Errar é permitido, voltar atrás faz parte do processo e não existe culpa, eu vivo mudando, mas durante um tempo eu comecei a entender o valor que tinha para mim, do que eu empregava significado, por exemplo o tesão, está onde eu coloco o meu sentimento e eu tenho muita dificuldade com meus sentimentos, então o celibato acaba que para mim funciona bem, mas não tenho esse propósito, não pretendo ficar em celibato. Foi viável durante um tempo, talvez agora seja, promove um bem estar, mas não rotulo mais, não preciso de um método pronto, tem muita coisa que não conheço, como as relações de coletividade que a minha doença não permitia ter. O alicerce disso tudo é a humildade, porque é muito difícil, na medida em que mais preciso de amor, me vejo extremamente arrogante e afasto todo mundo, querendo levar uma única fórmula de solução que nem eu tenho, já precisei muito da luta e da fuga, mas posso mudar de opinião e voltar sempre pro simples” (Registrado em 03/04/2021).

Outra perspectiva que aponta para a anorexia, está presente no panorama em que mesmo estando em um relacionamento, pode-se escolher abdicar da vida sexual. Ou então, outras experiências em que mesmo com uma vida sexual ativa, há anorexia no sentimento de envolvimento por amor, mas gerando um ato de compulsão sexual, em uma busca insaciável de suprir-se afetivamente.

A experiência a seguir corrobora fornecendo mais insumos para analisar a dimensão anoréxica atrelada a compulsão sexual: “A anorexia para mim é grave, parece que para mim o padrão de compulsão é a maior decadência. Estou há muito tempo, desde 94 que não me relacionei com mais ninguém, porque depois de uma obsessão romântica por nove anos e ela não queria nada, depois que ela quis, aí eu é que não quis mais e não quis mais ninguém até hoje. Eu não sei qual é o nome que posso dar para isso. Porque isso me leva a um padrão na pornografia que eu tenho sincero desejo de evitar, mas o que acontece é que

eu não consigo parar, é uma droga para mim, como álcool, nicotina, que eu era dependente de tudo isso e sempre me levou ao fim do poço. Eu já estou sem beber e fumar há 28 ou quase 30 anos, mas no padrão de praticar pornografia não dá para parar e não assim não dá para viver bem. Eu não aguento mais, preciso mudar, preciso parar” (Registrado em 22/09/2020).

Ainda outro fragmento do acervo de dados do dia 04 de novembro de 2020, remonta a vivência de um homem que expressa que sempre soube que tinha problemas de compulsão sexual, mas pensava que poderia parar quando quisesse, até que foi descoberto, flagrado traindo a esposa e decidiu parar e procurar meios para poder saber como lidar com isso que estava acontecendo. Faz sentido que a ambição pelo controle, mostra-se falida quando se analisa as diferentes formas de fixação sexual e compulsão afetiva, fissuras relacionais que denotam culpa, gerada por não atingir a adequação e enquadre social. A anorexia, como via de escape para evitar ou modificar as relações, por defesa de danos maiores, acaba gerando cenários de não compreensão.

Práticas sexuais que envolvem a masturbação compulsória, a pornografia, o sexo pago, não são meios de acesso ao prazer recentes, mas que se transformam, fazendo parte das relações afetivo-sexuais que trazem contornos ligados com aspectos nebulosos da geração atual. Illouz (2016), ratifica que a internet e os sites de sexo têm mudado drasticamente os padrões relacionais, primeiramente através dos aplicativos para busca de parceiros e depois com as plataformas para equipamentos móveis, nos quais a indústria da pornografia tem crescido tremendamente, aliada a cultura do sexo sem compromisso.

Em um embate entre embasamentos transfeministas e um regime que conceitua como era farmacopornográfica, Preciado (2010), realça que a pornografia, enquanto técnica de masturbação, após o século XIX, foi associada a patologização e perseguição medicamentosa, inclusive juridicamente alocando todas as práticas sexuais não reprodutivas, em particular a masturbação, numa lógica de doença mental por excelência.

Durante o séc. XIX a masturbação era vista como uma perda de energia que deveria ser utilizada para trabalhar, enquanto nas configurações farmacopornográficas a masturbação é um processo de produção de subjetividade e de capital imprescindível para o capitalismo contemporâneo. Esse fato é a força que tem modernizado todo o nosso sistema contemporâneo de comunicação, da televisão, aos vídeos, a internet. Nesse capitalismo farmacopornográfico a

produção do prazer, a produção da sexualidade, a produção dos afetos é transformada em uma força de produção de capital (PRECIADO, 2010, p. 22).

No sentido do estudo dos padrões de pornografia²⁸ e sobre as práticas que envolvem trabalho sexual²⁹, há uma gama de interpretações válidas e coerentes, que envolvem críticas abolicionistas, anticapitalistas e luta por direitos, mas também envolvimentos morais questionáveis, proibicionistas, que exotificam e discriminam. É preciso elencar que o uso da pornografia por vídeos e plataformas, trata-se de apenas uma das formas de acessar tais conteúdos, considerando que hoje é bastante frequente o compartilhamento de fotos íntimas de si mesmo (popularmente denominadas “nudes”), mas se for acompanhar em uma digressão histórica, apontaria, por exemplo, para o acesso a pornografia na leitura de contos eróticos ou revistas. De fato, essas interações são uma interface visível no problema das fissuras da heteronormatividade, pois são práticas que adentram na intimidade através de recursos tecnológicos e virtuais, trazendo do elemento digital a experiência real de emoções, conexões e contradições.

É interessante também pontuar que é recorrente que seja retratado o uso das ferramentas digitais, o acesso a pornografia, a prática da masturbação, associada com o uso e abuso, seja de álcool, drogas e outras formas de dependência, em uma lógica na qual, novamente, a religiosidade é posta em correlação. Vale recapitular Preciado (2010, p. 3-4), quando assinala que é preciso olhar para a circularidade de “muitas substâncias e muitos líquidos diversos como a cocaína, heroína, prozac, álcool – coisas que todos usamos e que se infiltra no corpo em modo diverso”, apontando como isso diz respeito a práticas de experimentação corporal, verificando até que “muitos pensadores escreveram diários de intoxicação voluntária no início do século XX”³⁰.

Quando Preciado (2010), articula o seu conceito de farmacopornografia, também lança olhares sobre o regime panóptico descrito por Foucault, trazendo a similitude do formato de um comprimido e demais substâncias químicas, com

²⁸ Acerca deste debate, recomenda-se a leitura de Raíssa Éris Grimm, no seu estudo intitulado “Abrindo os códigos do tesão: encantamentos de resistência entre o trans-feminismo pós-pornográfico” (2015).

²⁹ Sobre este tema, ver: Prada (2018), no livro “Putafeminista”.

³⁰ É interessante visibilizar que Preciado (2010), desenvolve essas concepções enquanto escreve sobre seu processo de intoxicação voluntária de testosterona.

a forma de controle do corpo que se exerce no panoptismo. Como afirma: “não estamos mais no panóptico, agora o engolimos” (PRECIADO, 2010, p. 21).

Para contribuir em paralelo a este olhar, traçam-se alguns resgates experienciais do campo: “Preciso evitar meu padrão grosseiro de pornografia. O interessante é que eu não tenho pensado em pornografia, estou com um novo trabalho, em um lugar que eu queria trabalhar, estou indo na Igreja, porque minha vontade está entregue, minhas ideias me levaram para o hospício já com 18 anos, usei muito álcool, drogas e dependência de amor e sexo tudo misturado. Só que os padrões migram. Eu já estou com uma colega de trabalho que já estou grudado nela, parei de me relacionar, estou tentando manter uma anorexia, mas já estou viajando, fantasiando e idealizando. As coisas desse jeito não vão dar certo, eu tento não ir com tanta sede ao pote, tento fazer de outro jeito. Eu não aguento mais, já cheguei no limite, coloquei um bloqueador no celular para não assistir pornografia, que acho até que dá para desbloquear, mas nem lembro como faz e nem estou interessado em como desbloquear, porque se eu quiser desbloquear eu vou recair. Eu quis colocar esse bloqueador, mas o principal bloqueador é interno, esse eu não consigo evitar. O problema dessa colega, por exemplo, é que ela é casada, tem três filhos, sendo que um é neném de colo, mas eu já estou obcecado. É uma pessoa indisponível, mas que eu acho o dia todo que ela fica me dando umas olhadas. Ela me atrai e eu fico ligado nela. Só que eu tenho que desligar, procurar um relacionamento disponível, saudável. Venho vindo numa frequência de autoanálise diária, sou uma pessoa que nunca lidei com sentimentos, eu fujo, coloco tudo embaixo do tapete, vou para a fantasia para a obsessão, para a fuga, como tenho feito a vida toda, mas quando busco olhar para meu eu interno, todos os dias algo sobre mim que é revelado” (Registrado em 03/04/2021).

A fantasia, respalda realidades contraditórias, explana a experiência do desejo que ocorre nas dobras do que nem sempre é inteligível. Tentar reduzir a compreensão do desejo ao controle religioso, ou então justificar por motivações de uso de substâncias químicas, parece trazer argumentos insustentáveis. Fala-se muito na perspectiva de ser adicto, seja na adição de drogas ou demais substâncias, como algo associado a adição sexual. Talvez sejam importantes sinais, indícios, hipóteses ou preconceções, mas não são desfechos. Explicar as relações afetivas e sexuais pela lógica do que é visível e palpável socialmente

sobre a experiência, é negar o quão profundo pode ser esse universo de conexões.

Normas podem ou não serem explícitas, e quando elas operam como o princípio normalizador da prática social, elas geralmente permanecem implícitas, difíceis de perceber e mais clara e dramaticamente discerníveis nos efeitos que produzem (BUTLER, 2014, p. 252).

Igualmente, por exemplo, tentar exaurir as noções relacionais da vida sexual a partir do grau de escolaridade que o sujeito ocupa ou através de um suposto “status” de relacionamento em que a pessoa se encontra (casado, solteiro, viúvo, divorciado e tantos outros estados relacionais), é restringir o campo analítico, essencializar padrões que estão atrelados a configurações performativas que não podem se desenvolver somente em pressupostos aparentes. Nem mesmo a orientação sexual que a pessoa se identifica, é autossuficiente para compreender a amplitude do desejo. Pensar no casamento como instituição que esgota o entendimento sobre a vida sexual de uma pessoa, ou na orientação sexual, seguindo o exemplo acima, como pontos fixos de interpretação, é uma limitação, pois o desejo é uma fissura que extrapola tais linhas fronteiriças. O desejo, enquanto fissura, se apresenta de forma internalizada e exteriorizada.

“Tem 124 dias que estou sem o celular, estou como se tivesse tirado uma droga, com sintomas físicos, ainda estou fazendo uma pós-graduação, com um bocado de coisas para entregar, estou há 4 meses sem sexo pago e sem pornografia. Hoje fui nadar e um cara lá deu em cima de mim, eu respeito tudo, mas a minha praga é mulher. Quem olha de fora, acha que está tudo bem, mas sei que ontem sai da minha religião e lá as mulheres dão muito em cima de mim, mulheres casadas e tenho essa mania de mulher que está vulnerável. Então, eu estava voltando para casa e tinha uma mulher andando na pista e me chamou a atenção, já foi um gatilho interno. Aqui na minha rua também tem três depósitos de bebidas alcóolicas, passei e vi umas meninas, já fiquei ligado. Hoje de manhã, também vi uma menina andando na rua com uma latinha de cerveja e estava vulnerável e eu fiquei tão excitado, mas consegui falar não para mim, pois o padrão de desejo que me atrai é mulheres em vulnerabilidade” (Registrado em 08/11/2020).

As fissuras da heteronormatividade se apresentam em muitas camadas. Estabelecer uma norma para as formas que tais camadas se dispõem, demanda uma persistência analítica ininterrupta. “A norma é uma medida e um meio de produzir um padrão comum, e tornar-se um exemplo da norma não é esgotar a norma, mas é tornar-se sujeito a uma abstração do senso comum” (BUTLER, 2014, p. 264).

É possível que sejam exteriorizados no âmbito social, pela pressão da heteronormatividade, estruturas relacionais organizadas e coerentes com as normas, no entanto, podem ser expressões fictícias, que no terreno da intimidade, se revelam divergentes.

Como vestígios que são captados na relação as fissuras da norma, pode-se retomar um padrão mencionado anteriormente, que exemplifica tal situação, envolvendo a prática sexual da masturbação: “Parece que agora que eu tomei a decisão de não me masturbar e nem ter relações sexuais, não estou nem tendo contato com minha parceira, porque eu sou uma mulher lésbica que tem um casamento em um relacionamento de 5 anos e começo do ano tivemos problemas, nos afastamos, acabei me envolvendo com outra pessoa e acarretou problemas ainda mais grandes, porque desencadeou uma necessidade de estar envolvida, gerou uma grande carga emocional pesada para dar conta desse erro que cometi, tive uma tentativa de suicídio, tive uma internação psiquiátrica, agora fazem 3 meses que sai dessa internação e voltou ficar muito evidente pra mim essa semana o meu descontrole em ter que trair no relacionamento, enfim, várias situações que fico desesperada a ponto de pedir ajuda. Tenho tentado uma manutenção diária, mas eu mesma me saboto, minha mente me engana, arrumo desculpas, tenho problema com dependência, abuso, controle. Então conversei com minha parceira que estou morando junto no momento, mas quero manter a distância, estou muito cansada, exausta, estou afastada da sociedade, tenho medo de sair na rua, tenho medo de sair e trair, fazer coisas que eu não quero, isso é um problema real que perturba minha cabeça, eu fico perto da morte, fico esgotada, tenho muita tendência suicida, sinto uma culpa que me destrói, eu me puno, sinto necessidade de me punir. A última recaída de sexo que eu tive foi com sexo online e atrelada a masturbação, fui dormir muito pilhada, a recaída parece uma fissura, porque eu fico pilhadíssima e morrendo de medo, neurótica, ansiosa porque as coisas saíram do meu controle. Eu bloqueei o facebook e instagram, todos esses programas tirei do meu computador, porque não dá. As

vezes parece que eu quero ficar na borda, uma semana sem praticar, uma semana praticando. Acaba que eu me entrego ao trabalho e nem ganho bem, trabalho muito mal pago, também tenho essa tendência, estou sempre estressada pelo trabalho, mas não é que eu preciso mesmo, é como se eu justificasse o estresse com o trabalho para pensar que não tem saída” (Registrado em 22/09/2020).

Uma outra esfera modular destas problemáticas aqui debatidas, se encontra neste trecho, capturado dos registros do campo: “Sou professor, tenho aulas e online tenho muitas alunas no WhatsApp e é um desafio diário para mim, porque são gatilhos, cada mensagem que recebo de um aluno, de uma mulher, nos grupos da escola da minha filha, tem mães de alunas, mulheres dentro de um perfil que minha dependência gosta, mais velhas, com o perfil que eu sofro, porque adoro conversar, adoro pessoas, entrei em redes sociais agora que eu nem tinha, porque parei, porque usava para buscar mulheres casadas para flertar, são espaços contaminados, só que eu gosto de pessoas e prefiro estar com mulheres, mesmo que não tenha interesse de flertar, mas tenho uma relação com minha mãe, de ter sido muito super protetora e isso gerou um medo de ser abandonado e me perco. Hoje uma aluna quis me ligar porque atendo pelo as dúvidas nas atividades remotas da pandemia, nós ficamos uma hora na chamada, uma aluna de mais de 50 anos, a gente ficou falando da vida, questões pessoais, ela dizendo que gosta muito de mim e dou aula para ela já faz anos. Minha esposa também é professora, a gente trabalha perto, conversei tudo isso perto dela, a princípio estava tudo bem. Minha esposa não está mais no meu pé, não desconfia mais de mim, está percebendo que estou diferente, mesmo assim é um sofrimento a cada letra que digito para uma mulher, é um sofrimento. Isso que já usei muito e-mail, redes sociais para isso, então quero reconstruir e ser reconhecido por coisas boas e não em flerte, eu queria dar aula e gosto disso, já faço há 20 anos isso e treinei muito o discurso, a gente lida com temas na filosofia que eu trabalho, com conceitos como amor, liberdade e felicidade e sempre usei esses temas para me aproximar de alunas e seduzir. Então indicava autores e livros por e-mail e falava para a aluna para nos falarmos de forma mais pessoal, flertando. Minha esposa descobriu, foi o caos e eu quero uma nova vida. Passei uns 5 anos com todas as desconfianças da minha esposa, não podia nem pegar o celular na mão, fiquei com trauma muito grande, então sempre trabalho com a tela virada pra ela, perto dela, onde ela possa ver, para ela confiar em mim e eu

tenho medo porque estou muito solto de novo e esses dias no facebook, uma mulher me mandou uma mensagem indiscreta e eu respondi pedindo respeito, mas foi terrível, a mulher com uma foto sensual e disse que gostou dos meus textos e queria conversar, foi uma grande prova pra mim, muito sofrimento, não apaguei essa mensagem porque se minha esposa quiser ver está lá, ela tem a senha, falei para ela disso, ela não falou nada, fiquei orgulhoso, mas me sinto em risco constante, pisando em brasas, em um caminho muito perigoso (Registrado em 30/03/2021).

Pode ser uma tarefa árdua assumir os próprios desejos, ou mesmo incumbir-se da posição de quem gosta de praticar seus padrões, mas acaba se reprimindo ou sendo coibido. A demanda por controle, confronta-se com a subversão.

Qualquer pretensão a estabelecer as regras que “regulam o desejo” em forma de leis inalteráveis e eternas tem um uso limitado para uma teoria que procura compreender as condições sob as quais a transformação social de gênero é possível (BUTLER, 2014, p. 256).

Do ponto de vista social, essas conjunturas estão em encruzilhadas, que vão desde a culpa religiosa, imposição moral e auto cobranças, até mesmo a gravidade da reprodução de práticas violentas que podem e devem ser tratadas na medida jurídica das leis. O que é elementar, é reconhecer as fissuras, presentes na ilusão de ter um autocontrole e estabilidade frente a forma de gerir e consolidar interpretações acerca das relações e do desejo.

CAPÍTULO 3 – PERFORMATIVIDADES DE GÊNERO

Para dar continuidade ao debate que findou o capítulo anterior e alavancar uma construção que se aproxime sobre o que seria a performatividade, é prolífico prosseguir difundindo uma leitura com base em Judith Butler. Embora muito se tenha mencionado o termo performatividade ao longo deste trabalho, torna-se necessária uma atenção focada a este ponto.

No seu livro “Desfazer o Gênero”, Butler (2006), discorre sobre considerar o gênero como uma forma de fazer, ou seja, como uma atividade incessante performada, em parte, sem saber, mas quando ocorre da própria vontade, não implica que seja uma atividade automática ou mecânica, ao contrário, é mais um exercício de improvisação. O gênero é como uma prática que não se faz em solidão e que está sempre sendo feito com ou para o outro, ainda que seja um outro imaginário (BUTLER, 2006).

Como argumenta Butler (2006), a performatividade de gênero seria como atuar em um concerto, não obstante, pensar gênero enquanto conceito histórico, dentro da teoria feminista em especial, também traz um olhar performativo, com uma relação dinâmica, que transita de forma tensa em versões que tratam gênero atrelado a diferença sexual.

É interessante considerar que a performatividade, é uma estrutura de gênero, cujo os termos para designa-lo nunca se estabelecem de uma vez por todas, pois estão sempre em processo de estar sendo refeitos (BUTLER, 2006). É cabível também enfatizar, como a autora citada destaca, que esta configuração também se reporta sobre a busca por direitos e por suprir necessidades básicas, que podem ser reconhecidas por vários meios, que envolvem práticas faladas e performadas.

“Gênero não é exatamente o que alguém “é” nem é precisamente o que alguém “tem”” (BUTLER, 2014, p. 253). Como uma operação reguladora, Butler argumenta que o gênero funciona enquanto mecanismo, por meio de ideias binárias do que é masculino e feminino, todavia, assim como pode ser um aparato onde tais matrizes são produzidas e naturalizadas, também podem ser via de desconstrução e aparatos de desnaturalização. A norma também pode promover, ou melhor, performar, funções transformadoras.

Se o gênero é performativo, então se deduz que a realidade de gênero está produzida como um efeito da atuação de gênero. Ainda que hajam normas que regem o que será e o que não será real, e o que será ou não inteligível, se questiona e se reiteram no momento em que a performatividade começa sua prática citacional. Sem dúvida, se citam normas que já existem, porém, estas normas podem ser desterritorializadas através da citação. Também podem ser expostas como não naturais e não necessárias quando se dão em um contexto e através de uma forma de incorporação que desafia a expectativa normativa. O que isto significa é que, através da prática da performatividade de gênero, não só podemos observar como se citam as normas que regem a realidade, como também podemos compreender um dos mecanismos mediante os quais a realidade se reproduz e se altera no decurso da dita reprodução (BUTLER, 2006, p. 308).

Na teoria da performatividade butleriana, pode-se compreender que na estrutura binária, mesmo apontando para a dimensão da sexualidade, dentro do marco heterossexual, estão sendo construídos homens e mulheres de uma forma similar as identidades ditas dissidentes, pois também se estabelecem performativamente. A performatividade é ostensiva a normas dominantes e não dominantes, não se restringe a uma referência de origem, pois se produz de forma complexa, com práticas identificatórias que não são tão unívocas quanto tenta se fazer crer, justamente por serem performativas (BUTLER, 2006).

O gênero é o aparato através do qual tem lugar a produção e a normalização do masculino e do feminino, junto com as formas intersticiais hormonais, cromossômicas, psíquicas e performativas que o gênero assume. Assumir que o gênero implica única e exclusivamente a matriz do “masculino” e do “feminino” é precisamente não compreender que a produção da coerência binária é contingente, que tem um custo, e que aquelas permutações de gênero que não se enquadram com o binário formam parte do gênero tanto como seu exemplo mais normativo (BUTLER, 2006, p. 70).

Pode-se entender a relação entre a construção das performatividades heterossexuais ou LGBT, numa órbita em que “não apenas a fronteira entre ambas é mutável, como ambas operam dentro da mesma “economia fálica”” (SCOTT, 1998, p. 303). Ainda segundo Scott (1998, p. 304), “homossexualidade e heterossexualidade trabalham de acordo com a mesma economia, suas instituições sociais espelham uma à outra. [...] Ambas operam dentro de um sistema estruturado de acordo com a presença e a falta”. Assim, fomentam-se identidades que são legítimas e outras que não são, o que é preciso, como corrobora a autora, é entender como se constitui essa mútua relação, a partir de processos históricos que posicionam sujeitos e suas experiências.

Não pode ser negada a diferença como um fenômeno estabelecido pela exclusão, em que diferenças fundamentais acompanham desigualdades de poder e posição que não podem ser ultrapassadas simplesmente com estratégias de persuasão (SCOTT, 1998, p. 316).

Sujeitos são, de fato, agentes. Eles não são indivíduos unificados, autônomos, exercendo a vontade livre, mas sim sujeitos cuja atuação é constituída através de situações e status que lhes é conferido. Ser um sujeito significa "ser sujeito para definir condições de existência, condições de atributos e condições de exercício". Essas condições permitem escolhas, muito embora elas não sejam ilimitadas (SCOTT, 1998, p. 320).

Butler (2018a), propõe que as bases fundacionistas do sujeito englobam o elemento da agência inserido nas tramas das matrizes de poder. No debate com Benhabib, Judith Butler (2018), discorre sobre o conceito de "agência", no qual expressa que sua teoria voltada para o "gênero", acaba sendo equivocadamente traduzida como uma "teoria do eu". A partir desse ponto aprofunda-se a compreensão entre performatividade, atos performativos e agência. O poder sedimenta essa relação com dimensões temporais em uma cadeia de discursos, que podem ser realocados ou reiterados pelos sujeitos. Dessa maneira, o discurso é o horizonte da agência e a performatividade é a possibilidade de resignificação. Isso envolve um trabalho histórico, buscando reconfigurar a historicidade do significante (BUTLER, 2018a).

Já na discussão com Fraser, Butler (2018a), remonta aspectos sobre as possibilidades de resignificar o processo de agência, retrabalhando o poder. Nesse paradigma, indica as diferenças entre discurso e linguagem. Abordando a questão da crítica e seu vínculo com o discurso e o poder, a autora explana sobre como os sujeitos são formados por relações de diferenciação, compreensão que ela utiliza da psicanálise a serviço de sua crítica política.

Em diálogo com Cornell, Butler (2018a), suscita também questões acerca da dialética do reconhecimento que perpassa as assimetrias dos sujeitos gendrados e como isso se associa com parâmetros simbólicos. Durcilla Cornell (2018), soma nessa discussão explanando sobre: 1) Ética na perspectiva feminista; 2) Influências da psicanálise lacaniana para compreensão do simbólico. A autora apresenta críticas a construção do feminino nas lógicas reducionistas e hierárquicas de gênero, nas quais a sexualidade é trabalhada de modo rígido. A partir do conceito de referencialidade Cornell (2018), confronta

aspectos da realidade social e da fantasia inconsciente, utilizando da psicanálise como instrumento não só analítico, mas também crítico³¹.

É nítida a influência da psicanálise em debates que contemplam gênero nas ciências sociais³². “Se o gênero é um elemento chave da ordem social e institucional, ele é também uma dimensão crucial da identidade individual” (ROCHA-COUTINHO, 2006, p. 67). Porém, o gênero, enquanto chave de leitura social que se ressignifica performativamente, também é coletivo.

Há uma ligação entre eixos de sujeição e de regulação e para que seja regulado, não basta simplesmente que gênero seja pressionado através de uma força exterior de regulação (BUTLER, 2014). No texto “Regulações de Gênero”, Butler (2014), explica que o aparato regulador que governa o gênero é ele próprio generificado, isto é, gênero requer e institui seu próprio regime regulador e disciplinar específico, movendo-se muito além do binarismo naturalizado.

Quando se retomam todas essas bases epistemológicas para averiguar a performatividade como um amplo arcabouço de elementos, percebe-se, em conformidade com Butler (2015), que existe uma ação que não somente é performativa, mas é também alocutória, executada pela ideia de um “eu”, porém há um limite ao que o “eu” pode realmente recontar.

A filósofa indiana Spivak (1987), argumenta sobre o ato de “Postular uma metalepse”. Isto é, compreender como o sujeito funciona em uma ampla rede descontínua, com fios que podem ser entendidos e nomeados como política, ideologia, ou mesmo economia, história, sexualidade, linguagem e outros termos correlatos, que atuam como pontos e configurações que são condicionados e condicionantes, por determinações heterogêneas das quais são dependentes de diversas circunstâncias, as quais retroalimentam um sujeito ativo. Na busca por uma causa contínua e homogênea para seguir movimentando essa matriz, o sujeito é determinante e soberano, ao mesmo tempo em que é um efeito. Dessa forma, numa posição de metalepse, a posição de sujeito, é efeito de um efeito.

Spivak (2010), historiciza e questiona a ideia de subalternidade, recusando essencialismos e invocando status político de questionar a imposição de um sujeito subalterno categórico e universal, trazendo o caso dos povos

³¹ Cornell (2018), discorre críticas às narrativas de gênero e as distinções sexuais tendo como base a teoria dos objetos de Lacan. Nesse viés ela analisa diferentes concepções limitantes que cercam o debate psicanalítico e, também, o trabalho feminista. Além disso, aprofunda o conceito de significante e as representações miméticas.

³² Butler traz a ideia de um “pós-estruturalismo queer da psique” (BUTLER, 2014, p. 256).

coloniais e pós-coloniais, que mascararam operações de diversidade na organização da sociedade. Cada categoria, sendo apreendida como fixa, exerce um trabalho de solidificar e consolidar o processo ideológico dominante da construção de sujeito, ou posições-de-sujeito, como a autora conceitua (não em uma perspectiva de manter a realidade dos objetos vistos em um quadro fixo, mas de capturar como os processos discursivos operam em sistemas complexos e mutáveis, por onde identidades são acatadas, resistidas, afirmadas, em processos que talvez não sejam tão marcantes, mas que atingem seus efeitos justamente porque não são notados.

Esse engendramento que relaciona a visibilidade e a sonogação de performatividades, toma contornos específicos com o uso das plataformas digitais e virtuais. Há influência de um elo com as redes sociais no aspecto da sexualidade e relações sexo-afetivas. Esse acesso leva a algumas mudanças:

1. a maior disponibilidade de material sexual que mudou – acredito – as práticas sexuais; 2. a cultura do sexo sem compromisso que legitima mais do que antes – tanto para rapazes quanto moças – as relações puramente sexuais sem envolvimento e 3. a comodificação dos encontros por meio dos sites de encontro que significam também uma alta rotatividade de parceiros (ILLOUZ, 2016, p. 305).

A contribuição de Berenice Bento (2017), no seu texto “Máscaras heterossexuais, desejos homossexuais”, suscita dilemas desta lógica. Fazendo referência a Frantz Fanon³³, ela constata as relações com a expressão do desejo contrapondo com a analogia da máscara, isso é, confrontando que com as proteções de senhas, criptografias e perfis fakes, possibilitam meios para viver seus desejos, em uma equação entre visibilidade/invisibilidade, em um mundo que agrupa segredos, medos, controles, raivas, frustrações.

A cena mais banal dos nossos cotidianos é entrar em qualquer espaço público e nos depararmos com uma legião de pessoas acopladas aos seus smartphones. Essas próteses existenciais parecem grudadas aos nossos corpos. Olhos vidrados, dedos ágeis, corpos eretos. Talvez ali, diante de nós, um encontro sexual, via algum aplicativo, esteja sendo marcado (BENTO, 2017, p. 1).

Essas relações descortinam, segundo Bento (2017), um confronto com a alma da heteronorma, que se configura através do alicerce das famílias

³³ Nesse pressuposto, a autora considera analogia com a literatura intitulada “Pele negra, máscaras brancas” (FANON, 2008).

heterossexuais. O que ocorre, é que a ampliação do uso de smartphones e o acesso aos meios digitais virtuais, tem possibilitado que sejam apreendidos dados de pesquisa acerca de vivências de homens, que mesmo estando em relacionamento ou constituído famílias com mulheres e que não se reconhecem ou reivindicam uma identidade gay ou bissexual, utilizam aplicativos para manter relações esporádicas ou contínuas com outros homens, sem que isso gere retaliações morais ou controle (BENTO, 2017).

Nessas negociações entre o desejo e as performatividades de gênero, numa busca por liberar as práticas sexuais de uma suposta fixidez, Bento (2017), enfatiza as investigações que estão sendo desenvolvidas com afinco e rigor intelectual por Richard Miskolci. Como a autora corrobora, Miskolci (2017), parte de narrativas com categorias individuais, para adentrar em quadros sociais, históricos, políticos e culturais. Reitera-se que no momento da narrativa de um suposto eu, sempre haverá uma polifonia de vozes (BENTO, 2017).

Um aspecto de caráter nevrálgico desta base teórica que a pesquisadora citada trata, toca na interação que ocorre em campos como este em que Miskolci adentra, trazendo que essa relação é semelhante a entrada em um jogo, assim, referenciando o que Adorno debateu em termos de uma violência ética, onde valores universais não abrem espaço para novas formas de vida, geram-se fissuras. Essas fissuras, podem ser vislumbradas com o paradoxo da intensificação do uso dos aparelhos tecnológicos, através dos quais se rompem normas de gênero, ao mesmo tempo em que se protegem essas mesmas normas, em caminhos que se pode viver os desejos, sem correr riscos de violência ou de ruptura de vínculos (BENTO, 2017).

Nesse sentido, Berenice Bento (2017), defende a relevância da imaginação do pesquisador, para inserir os dados nos seus devidos contextos históricos, em um trabalho de bricolagem intelectual que envolve atos éticos e ousados, que se situam entre a arte e a ciência. Richard Miskolci (2015a, 2015b, 2017), com seus estudos em torno dos desejos digitais e das análises sociológicas que envolvem a busca por parceiros online, se configura como uma exemplificação dessa produção³⁴.

³⁴ Ainda se enaltece como referências interessantes sobre segredo e desejos sexuais, os textos: “Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais” (2015a) e “Discreto e fora do meio – notas sobre visibilidade sexual contemporânea” (2015b), ambas de Miskolci.

Miskolci (2017), argumenta que hoje os aparelhos eletrônicos de interação digital funcionam como uma espécie de prótese acoplada ao corpo, que é capaz de promover a busca pelo prazer. Com apenas um deslizar de dedos, pode-se ter um “cardápio” inteiro de ofertas, assim, por mais dolorosa que seja e ainda que cause sofrimento psíquico, para não sucumbir a morte social, segue-se o caminho de performatizar-se como uma pessoa heterossexual, para poder viver, mesmo que em segredo, os desejos dissidentes (BENTO, 2017).

Pode-se aludir a um trecho do acervo de dados: “Acabei de me mudar de casa, mas me deu uma certa tristeza, saber que eu já estava acostumado, com o local que eu estava e os sentimentos de amizade, mas é isso, tenho que me adaptar. Vou voltar a morar onde eu já morei há 10 anos, vamos ver se dá certo, tenho esperança de conseguir liberdade financeira, continuar tendo renda, para pagar meu terapeuta, fazer passeios. Não tenho sexualizado tanto, tenho que continuar me recuperando, principalmente a autoaceitação, porque tenho vergonha de ser um possível homossexual ou bissexual. Acho que estou mais para bissexual, só que tem essa questão da bissexualidade, atração por mulheres e homens, só que por homens eu reprimo. Mas eu já não tenho mais entrado em conflito com as pessoas, com a família, fico com aquele preconceito, querendo quando alguém fala algo querendo brigar, no trabalho, dizer o porque eu não casei, por exemplo, não ligo. Não adianta, já fiz muita insanidade. Quero ter mais compreensão comigo e com os outros na paz, sem abusos” (Registrado em 30/03/2023).

Concebe-se ainda, nessas problemáticas, em concordância com Bento (2017), a resignificação dos sentidos de um código de honra, gerando novos contextos de sexualidades e gêneros dissidentes, todavia, tais práticas permanecem ligadas a homofobia, tendo como núcleo central a misoginia. Dando respaldo a esse cenário, os aplicativos fomentam um terreno, no qual o engajamento vem da própria busca, como um processo de caça ritualizada, performatizada em espaços virtuais, motivando o flerte de modo continuado e é justamente essa caça que atualiza um dos principais atributos definidores da honra das masculinidades hegemônicas, ou seja, a virilidade (BENTO, 2017).

Aludindo ao campo, pode-se incutir em uma experiência que traz esse rito da caça, com a noção do “olhar de radar”. “Descobri que mesmo sem falar nada, meu olhar fala tudo, meu olhar de radar, de mostrar que estou disponível para uma transa qualquer para preencher meu vazio. Eu estava sem me masturbar,

tive um deslize, mas voltei a parar. Tive ejaculações espontâneas, tive 3 dias seguidos disso, hoje eu percebi me alimentando, pensando em mulheres com conotação sexual, estou me relacionando profissionalmente com umas mulheres na universidade e me peguei hoje fazendo um negócio e começou a vir esse pensamento, é necessário me policiar. Fui na cidade hoje, fui ao banco e é incrível o olhar de radar, de começar a imaginar a genitália da pessoa e ela nua, consigo ver as pessoas que estão na mesma energia, é incrível. Quando eu paro de praticar isso, eu tenho energia para fazer outras coisas. Se eu seguir com isso meu destino é prisão, meus padrões me levam para a cadeia, para o hospital e para o caixão. Isso me mata, me coloca em situações de risco, que podem custar minha vida. Eu sei que quero parar. Não é porque agora sou bonzinho e sou da paz que não quero mais isso, eu adoro essas coisas, só que não dá mais para mim, muito sofrimento. Não tenho relações duradouras, são temporárias, com tempo de validade, estrago todas as minhas relações, qualquer mulher me dar seis segundos de atenção já penso em sexo e faço qualquer coisa para obter e não precisa ser bonita, feia, não importa a idade, não escolho, a doença que escolhe por mim” (Registrado em 10/02/2021).

“Do lugar que eu vim é um lixo, não tem nada de bom, mendigar amor e sexo, entregar minha vida para outra pessoa, não quero estar na mão de ninguém, muito menos sexo casual que é um dos padrões que eu sigo, não é fácil, trago homens para minha casa, vago pelas ruas atrás de sexo, abordo as pessoas, minha mente quer esquecer, mas minhas compulsões marcam, tenho um aplicativo que marca minhas compulsões, a quantidade de tempo que eu estou sem praticar cada um dos meus vícios, mas isso só me gera mais ansiedade, saber que não estou praticando e amanhã ainda estarei abstinente. Passei toda a vida nessa dependência, desconstruir isso não é fácil” (Registrado em 04/11/2020).

“Eu tenho dificuldade de me abrir. Se eu fico abstinente da pornografia, eu começo a me masturbar todos os dias e a coisa vai aumentando de intensidade até que eu acabo recaindo de novo na pornografia. Tenho dificuldade de não me masturbar todos os dias. Ontem falei que não ia fazer, cheguei com uma caminhada, estava com preguiça acontece muitas vezes de ter preguiça de começar o dia e aí eu me masturbo e só começo a fazer as coisas depois dessa dose de prazer imediato. Isso é foda. Nem para dar uma caminhada aqui perto da casa, meu olhar de radar fica bastante forte, tem me

incomodado, no geral tenho muita anorexia, sou muito inadequado nessa área de relacionamentos. O olhar de radar é mais o olhar mesmo, mas acho esquisito pensar em formas de me aproximar. É chato, desagradável. Meu medo de ser incômodo, quando estou flertando, fico dando desculpas para não deixar minhas intenções claras, falo tudo sem deixar transparecer que estou interessado. Se for rolar, não quero ficar na posição de ser rejeitado. Não gosto de estar na posição de rejeitado. Confundo esse medo de rejeição, com ter posturas inadequadas. Fico em uma gangorra de sentimentos” (04/11/2020).

Tais padrões também se aplicam ao pensar, de forma geral, sobre a lógica dos flertes: “Eu não moro no Brasil, me mudei para tentar me livrar do problema que persiste que é a prática de flertar. Eu passo o dia mandando mensagem para mulheres, buscando trocar conteúdo pornográfico ou querendo sexo casual e isso vem piorando porque eu cheguei no ponto de começar a mandar mensagens para pessoas conhecidas, para amigas da minha esposa, por exemplo. Eu estou me sentindo sempre no fundo do poço, cruzando as linhas de limite, tanto que estou com um terapeuta e comecei a descobrir minha obsessão. Acho que tudo isso pode ser somente baixa autoestima, então o que eu procuro para essa baixa autoestima é tentar me relacionar, chamar a atenção mandando mensagens para mulheres pedindo foto nua, mandando fotos minhas e pedindo para comentarem o que acharam e quando eu consigo isso, parece que a minha autoestima melhora um pouco. Até tem uma mulher que mora aqui e faz comida brasileira, fui fazer um pedido essa semana pelo aplicativo e ela mandou uma carinha piscando, para agradecer o pedido, mas isso já ativa um gatilho, eu já começo a querer conquistar ela e pensar que ela pode ter mandado isso como um sinal de interesse. Isso para mim virou um vício e eu preciso saber como trabalhar isso. Há poucos dias minha mulher chegou em casa e me encontrou transando com outra mulher, mas graças a Deus ela continua aqui, apesar de não saber se vai embora ou não, mas está pensando em me ajudar também, porque eu estou buscando ajuda. Instagram é outra coisa que é como ter um bar cheio de bebida alcoólica na sua própria casa, porque você abre e vai vendo foto, vai vendo story, quando vê passa o dia e eu fico com o telefone em casa sempre tenso, passo o dia sem paciência, é horrível. E isso tudo com minha esposa em cima, não podendo ver o que estou fazendo. Eu até excluí meu instagram permanentemente e está me ajudando muito a parar com essa coisa” (Registrado em 22/09/2020).

Os fragmentos ora apresentados direcionam um olhar aos sentidos das masculinidades. É valoroso lançar esta pauta, que como classificou Almeida (2012), valendo-se das características e reconhecimentos comuns aos homens transexuais, deve-se situar na emergência de constituir novos matizes na aquarela das masculinidades, categorizando conflitos com a masculinidade dominante. Em geral, a ideia de masculinidades, no plural, tenta sanar a ânsia por captar domínios nos quais haja coalisão com tendências dissidentes da masculinidade heteronormativa hegemônica.

Tratando de uma ótica diversa das masculinidades, Schpun (2004), organiza um material composto por nove artigos que dinamizam essa construção para além das fronteiras disciplinares. Temáticas como a dimensão sexual do estupro como prática de guerra, analisado por Véronique Nahoum-Gappe, bem como a conexão entre masculinidade e poder, através de homens presos condenados por estupro, observado por Lia Zanotta Machado, são contribuições marcantes em Schpun (2004). Além disso, Luisa Leonini adentra na vinculação da masculinidade com o acesso ao sexo pago por meio da prostituição, para obtenção de um gozo total, que também aparece nas relações sociais do sexo, as quais Daniel Welzer-Lang, aborda no seu texto (SCHPUN, 2004).

No artigo “Trilhas urbanas e armadilhas humanas”, Durval Muniz de Albuquerque Jr. e Rodrigo Ceballos, seguem em Schpun (2004), avaliando a interface do prazer, mas agora adentrando nas dores que dizem respeito as vivências homossexuais, sendo que posteriormente, Susan Clayton, trata da masculinidade a um caso de um homem trans, que tem sua performatividade desvelada arbitrariamente, após a sua morte em um acidente. Além da própria organizadora do livro Mônica Raisa Schpun (2004), trazer uma pesquisa biográfica de Carlota Pereira de Queiroz, primeira deputada federal brasileira (1933-1937) e sua relação com a masculinidade no campo político, também nesta base encontra-se a autora Adriana Piscitelli, trazendo a masculinidade ancorada em narrativas sobre fundadores de grupos empresariais brasileiros.

Nesta breve retomada, aventa-se o quão vasto tem se constituído este campo de estudo, que se debruça sobre as performatividades centradas nas masculinidades. Berenice Bento, em “Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas” (2015), elenca que a Psicologia Social, tem sido o lastro aonde mais se produz textos, em torno das subjetividades e as masculinidades.

Uma definição de masculinidade permanece como o referencial de acordo com a qual outras formas de masculinidade são julgadas e avaliadas. [...] A masculinidade hegemônica constrói a imagem de masculinidade dos homens que detêm o poder [...]. O modelo hegemônico exalta a virilidade, a posse, o poder, a violência, a competitividade, mas apenas uma pequena parcela da população masculina preenche as condições desse modelo (BENTO, 2015, p. 89-90).

Esses pressupostos das masculinidades e suas assimetrias performáticas, trazem ideologias de subordinação. Preciado (2010), confere ao teor da masculinidade uma legitimidade que é expressada por um poder teológico de dar a morte. “Esse é o modo de produção da masculinidade com que funciona parte da nossa sociedade contemporânea, com um modo soberano, premoderno, predemocrático” (PRECIADO, 2010, p. 24).

Paul Preciado (2010), reverbera o quanto é indispensável rever instrumentos analíticos, sendo absolutamente fundamental revisar linguagens, representações, teorias e discursos, que possibilitem a elaboração de uma gramática política que de fato favoreça a discussão de novas formas de controle do corpo e de produção de identidades sexuais.

Deve-se, assim, mais do que responder que gênero é construído performaticamente, interrogar os processos políticos que envolvem essa diagramação (PRECIADO, 2010). Assim, no atual regime farmacopornográfico, caracteriza-se tanto o abandono da noção de homossexualidade destoando de termos médicos, como também “as fissuras técnicas entre sexualidade e reprodução” (PRECIADO, 2010, p. 11). Nas vísceras desse alinhamento, podem ser retratados padrões de fantasia romântica e sexual, padrões de sexo casual e sexo anônimo, padrões de sexo pago e sexo virtual, sendo sobre este último tópico, relevante frisar que se trata de uma das áreas mais impactadas pós crise pandêmica.

Illouz (2016), de algum modo aborda esses padrões ao explicar como as possibilidades de encontro imediato, de forma geolocalizada, de pessoas que em tese seriam iguais como você, ou seja, a busca móvel, tornou também os encontros muito mais descartáveis, ocorrendo de forma mais rápida e também podendo ser finalizado rapidamente.

Torna-se razoável afirmar que sexualidade, assim como gênero, são categorias analíticas, mas também políticas, cujo status assemelha-se ao de

classe social e raça, de maneira que não é mais possível pensar as relações sociais, principalmente no Brasil, sem fazer referência a esse campo do pensamento social brasileiro: os estudos dos gêneros e sexualidades dissidentes (BENTO, 2017).

Nesse enredo, gênero não é redutível a heterossexualidade, devendo-se separar práticas sexuais de gênero, pois este é internamente instável, ou seja, há uma dissonância entre gênero e sexualidade (BUTLER, 2014). O simbólico e a linguagem binária da diferença sexual, se perdem diante de cartografias de desejos, que embaralham as fronteiras das performatividades de gênero, em um movimento rizomático (BENTO, 2017).

Esta discussão se endereça a edificação de categorias identitárias que classificam performatividades, não somente como masculino e feminino, mas também pensando na aplicabilidade de nomenclaturas, tais como LGBT, queer ou LGBTQIAP+, problematizando-se assim como ocorre a escolha de um termo em detrimento de outro.

Uma tendência nos estudos de gênero tem sido supor que a alternativa para o sistema binário de gênero seja a multiplicação dos gêneros. Tal abordagem invariavelmente provoca a questão: quantos gêneros podem existir, e como devem ser chamados? Mas uma disrupção do sistema binário não precisa nos levar a uma igualmente problemática quantificação dos gêneros (BUTLER, 2014, p. 254).

Nessa seara, igualmente importam quaisquer que sejam as noções de enquadre, isso quando servem como referência para gerar entendimentos. Se averiguar-se, por exemplo, a relevância de nomear a assexualidade, ou mesmo, a noção de espectros intersexo, certamente, tornam-se veementes abordagens que ampliem o seu vocabulário, tornando-o tão plural quanto for preciso. Nesse contexto, aponta-se a problemática da “correção” cirúrgica de crianças intersexo enquanto um caso exemplar.

O argumento é de que crianças que nascem com características sexuais primárias irregulares devem ser “corrigidas” para adequar-se, sentir maior conforto, se tornarem normais. Cirurgias corretivas são às vezes realizadas com o apoio dos pais e em nome da normalização, e os custos psíquicos e físicos dessas cirurgias demonstraram ser enormes para aqueles que foram submetidos, por assim dizer, à “faca” da norma (BUTLER, 2014, p. 268).

Quando se denotam circunstâncias em que o corpo e a genitália estão em conflito com a emoção e a dimensão da psique, desencadeiam-se outras facetas.

Pode-se articular uma menção intrigante do campo, sobre síndrome de abstinência associada a um padrão de anorexia e celibato, no qual um Padre de uma Paróquia de uma cidade pequena, veio participar da reunião em decorrência do relato de um fiel da Igreja, mas acabou se identificando com os pressupostos abordados no grupo, afirmando que para ele se abriu um mundo que estava na sua frente, mas não estava vendo e que passou a ver com os relatos advindos do DASA.

Outro padrão que é válido de defrontar perante as performatividades e os laços sexuais e amorosos, envolve a codependência afetiva, que tange ao ideal de encontrar um “único” amor da vida ou “primeiro e único”, como pode-se desencadear no extrato seguinte: “Quando me separei do meu ex-marido, eu fiquei um ano em abstinência total de viver, o que eu sentia era muita dor, eu mudei locais, ruas, precisei viver todo um luto, fazer grandes mudanças de forma obrigatória, me fechei, mas também tive muita rede de apoio. Emagreci tanto, porque eu não comia, não dormia, eu sentia uma dor de estômago tão forte, parecia que tinha um moedor de carne dentro do meu estômago e, também muita dor no coração, a sensação que eu tinha era de morte, eu só chorava em posição fetal. Durante os sete meses iniciais eu fiquei assim e as pessoas me dizendo que ia passar. Acabou que eu me internei em uma clínica psiquiátrica e esse foi na verdade apenas um dos processos, porque eu passei por outros. Por que é válido passar por isso? Porque eu me fortaleci. Eu fiquei com tanta obsessão que precisei de muita fé. Eu não morri, mas já vi morrerem por causa dessa doença de ser dependente, pessoas perderam família, ficaram falidos, se suicidaram. Hoje meu lugar é de gratidão, mas ainda é muito difícil a codependência, tenho que estar vigiando diariamente para não entrar em padrões de abuso, de dependência, de controle. Não é um problema que exista padrão pior ou padrão melhor, é um problema de amor e sexo” (Registrado em 22/09/2020).

Denota-se uma engrenagem da performatividade que é incitada pela monogamia compulsória, como pilar da heteronormatividade. Isso ocorre a ponto de anular a si mesmo, em detrimento de outrem: “Estou lidando com minhas descobertas sobre mim, sempre emendava um relacionamento no outro. Venho descobrindo muito mais sobre mim, muitas coisas vão voltando, cheguei na minha adolescência no meu primeiro relacionamento sério, namorei com 15 anos uma pessoa que eu fiquei entre idas e vindas nos últimos 21 anos e que lá no

início do namoro eu coloquei uma crença limitante onde eu nunca mais ia me apaixonar por ninguém, que ele ia ser o único amor da minha vida e percebo que isso me trouxe uma anorexia emocional, por que de fato eu não me permiti gostar de ninguém ao longo da vida, tive muitos relacionamentos ao longo da vida, emendei um relacionamento um no outro, mas voltava com ele várias vezes, nunca me permiti gostar de ninguém e hoje percebo que eu me boicoto, pois o que eu sinto por ele também não é amor, pode ter sido em algum momento, mas era uma obsessão, pode ter sido romântica, mas hoje em dia acho que é costume, eu já nem sei mais. É uma pessoa que eu não quero na minha vida e eu não estou me enganando porque quando olho e vejo a pessoa que ele é hoje, eu sei que não é uma pessoa que eu quero me relacionar, pelo menos eu ter noção do que eu quero para mim e do que eu não quero já é uma grande coisa. Não está me fazendo falta estou em celibato há uns 40 dias longe dele, me sinto carente, sozinha. Nunca fiquei sozinha na minha vida e até sem paquerar, é surreal algo que eu nunca pensei fazer e está sobrando tempo, voltei a estudar, me dedicar a projetos que estavam parados na minha vida por causa de relacionamento. Tenho passado um bom tempo com meu gatinho de estimação, com meus pais, com boas conversas, algo que eu sempre fugia” (Registrado em 03/04/2021).

Nessa lógica, manifestam-se autocobranças com pilares meritocráticos, tanto na construção da identidade, como na estabilização de relações afetivo-sexuais. Ou seja, há uma sistemática em que a pessoa é responsável por performatizar sua identidade e garantir seus bons relacionamentos, trata-se como um fardo, que cabe a si mesmo carregar e fazer por merecer o alcance adequado, que seria atingido somente de forma singular, acarretando em uma realidade que, em caso de fracasso, desse âmbito relacional dito pessoal, há o apontamento de que a própria pessoa não se esforçou o suficiente para merecer um relacionamento agradável.

Há grande imaturidade na possibilidade de construir relacionamentos positivos, com responsabilidade afetiva. Reiteradamente há uma infantilização dos relacionamentos, onde busca-se permanecer apenas em uma zona de prazer, com fuga imediata e baixa tolerância a frustração. Com isso, atividades curativas, restaurativas e terapêuticas são rastreadas, em uma gana de lidar com os dilemas de gênero e sexualidade, as quais envolvem desde consultas psiquiátricas e psicológicas, até práticas de meditação e esportes.

“O meu amor próprio demora a voltar quando eu recaio nos meus padrões, eu tenho conseguido fazer coisas por mim, como fazer meditação, caminhar, fiquei lendo, disse não para o vizinho que é muito tentador para mim dizer não. Eu sou ex acumuladora, porque acumulava muita coisa, minha mente é confusa, ontem joguei uns papéis fora, hoje eu acordei para levar minha mãe se vacinar, chegando lá não podia, tinha que ser no mesmo lugar que ela fez a primeira dose, ela ficou super nervosa, eu fiquei rezando enquanto ela estava fora de si. Estou sem celular desde ontem porque é a segunda vez que molha, eu estou mais calma, agradecida por estar assim me fortalecendo. Estou me alimentando melhor, estou muito grata, mas ainda assim, tudo é ligado à minha dependência de amor e sexo, todos os dias tenho vontade de praticar, é muito forte, sempre volta. As áreas que mais ativam em mim é a compulsão sexual e a alimentar. A masturbação é um padrão secundário, que me leva ao padrão principal que eu tenho com pessoas. Percebo esse padrão muito forte em mim” (Registrado em 03/04/2021).

As aplicações destes recursos terapêuticos também ocorrem, devido a gatilhos, com auto sabotagem e outros atravessamentos, tal como percebe-se nesta experiência: “Estou em uma situação em que está paralisando a minha vida e energia psíquica concentrada nisso. Desenvolvi uma paixão, uma transferência com o meu terapeuta e que na verdade suscitou vários sentimentos, que estão me levando a experiências que estão funcionando como origem desses sentimentos e estão se manifestando nesta transferência com meu terapeuta. Está me levando a fazer contato com questões que para mim já estavam resolvidas por eu não posso voltar no tempo e resolver, pessoas que já perdoei e nem trago mais mágoa, mas nessas experiências que vivi houve uma construção de mim, sou um ser que se construiu pelas experiências, não posso voltar ao passado, nem modificar, mas posso pensar em como fazer para viver outras experiências diferentes, para me reconstruir diferente. Esse terapeuta, o que nele me atraiu, para estar nesse apaixonamento, pude perceber alguns traços que estão muito associados ao tipo de tratamento que eu fui submetida na minha infância, com muita violência, humilhação, violências físicas e verbais. Esse terapeuta é brilhante, porém ele me desperta uma idealização de alguém, uma pessoa que pode ter traços agressivos, controladores e dominadores, que me atraem. Eu não conheço, é tudo fantasia, só que a partir disso eu me percebo obcecada pela pessoa. Eu tenho um padrão de me relacionar sexualmente

pautado nesses tipos de sujeição, de submissão, de agressão. Esse tempo que vivo essa experiência pude perceber o quão adoecido é a minha percepção de amor, o quanto ela está prejudicada, com sentimentos distorcidos, porque conscientemente eu valorizo, quero amar e ser amada, mas em camadas mais profundas, existem registros adoecidos e distorcidos (Registrado em 15/02/2023).

Nessa perspectiva, a visão encontrada em grupos e, mais especificamente em grupos de mútua ajuda, acabam sendo componentes que se acionam para encontrar compreensões acerca das influências sobre as performatividades de gênero.

A cultura contemporânea, especialmente cultura de aconselhamento, tem um efeito pragmático. Ela nos faz fazer coisas. Ela diz algo – e não apenas faz com que nos percebamos como entidades carentes de autotransformação – mas nos faz agir. Ela tem essa capacidade de nos fazer agir em direção à autotransformação, o ato de refletir sobre nós mesmos, o ato de mudar nossas emoções. Assim, penso que a maior parte da cultura contemporânea é performativa, ela nos leva a fazer coisas (ILLOUZ, 2016, p. 307).

Em tentativas de autoacolher-se, autoanalisar-se e auto reciclar-se, é necessário sublinhar que “na medida em que as normas de gênero são reproduzidas, elas são invocadas e citadas por práticas corporais que também têm a capacidade de alterar normas durante sua citação” (BUTLER, 2014, p. 267). Dessa maneira, torna-se fundamental abrir um tópico subsequente, visando um debate especial no que concerne ao corpo.

3.1 (RE)PENSANDO O CORPO (DISSIDENTE)

“A performatividade não trata só dos atos da fala. Também trata sobre os atos corporais” (BUTLER, 2006, p. 281). São muitas questões trazidas pelas experiências relatadas no presente campo de pesquisa que vem relacionadas com o corpo e que demandam uma atenção distinta. Aprofundar a noção de corpo e corporalidade é algo que se torna substancial porque esse trabalho busca justamente problematizar não só a violência envolta nas relações afetivas, mas também como os padrões heteronormativos impactam a construção das performatividades e são geradores de sofrimento, que se traduzem nos corpos. Não só a violência, mas também o sofrimento, são elementos sociais fundantes

de impactos no corpo. Da mesma maneira, a monogamia também é uma estrutura social que vai estar interferindo ininterruptamente na forma como essas configurações, sejam afetivas, sexuais ou familiares, vão se constituir. Observar esses aspectos leva também a indagar quais possibilidades de romper com esses modelos, para assim inaugurar outras configurações relacionais em que o corpo não esteja submetido a tais padrões sociais que causam tantas violações³⁵.

Nesse sentido, ao observar os relatos de experiência no campo investigado, aparece com muita frequência a dimensão do corpo e da corporalidade. Um fragmento de experiência que reverbera essa questão envolve, por exemplo, uma situação em que a pessoa descreve estar em uma fase sem se relacionar com ninguém e por esse fator, seu corpo apresenta a sensação incômoda de estar “pinicando”. Ou seja, sua genitália, apresenta uma sensação incômoda de modo constante, em virtude de uma experiência na qual um período de abstinência sexual, refletiu em um sofrimento corporal. Outro exemplo nesse sentido, é a expressão corporal e a leitura da corporalidade presente numa experiência em que após o rompimento de uma relação afetiva em que desencadeou uma separação, o comportamento que passa a ser evidenciado por uma das partes não conformada, é de permanecer cotidianamente durante um ano na sua cama, em posição fetal, chorando, sentindo dentro do seu corpo uma espécie de “moedor de carne”, em decorrência de ter terminado a relação amorosa.

Nos estudos de gênero e sexualidade, há um acúmulo de saberes que situaram a dimensão do corpo, percorrendo trilhas diversas nas ciências sociais, atravessando análises principalmente entre a sociologia e a antropologia. Correlaciona-se a questão do corpo com variados fatores, que permeiam a subjetividade, o sofrimento e a violência, considerando o corpo como elemento norteador. Contemporaneamente, nesse itinerário do gênero e da sexualidade no campo dos saberes das ciências sociais, o corpo é abordado também na sua interface com a problemática da saúde, com as políticas de vida e morte, com as pandemias e especialmente, com o momento atual que a sociedade mundial enfrenta diante do Covid-19.

³⁵ É interessante também vislumbrar como há uma espécie de pregação ou promessa relacionada ao “fim” da heteronormatividade. É preciso investigar como determinados padrões infringem violências e sofrimentos, sem implicar numa suposição generalista de que toda a violência afetivo-sexual está relacionada com o modelo heteronormativo.

Esse processo laborioso que está em curso nesse período, provavelmente não irá trazer consigo todas as respostas, no entanto dá abertura para novos questionamentos e inclusive, amplia um quadro de visão acerca das brechas, das frestas, das rachaduras e dos rombos sociais através dos quais a sociologia, a antropologia e as ciências sociais e humanas têm muito a desbravar.

Para direcionar uma reflexão introdutória referente ao corpo na pesquisa social, é preciso pautar críticas a visão tradicional do corpo como condição binária, dualista, individualizada, estática e que, muitas vezes, sua complexidade passa como uma dimensão meramente descritiva ou despercebida, normalizada e neutralizada, ao invés de apreendê-lo como vetor que pode ser potencializado no campo analítico. Nesse sentido, o corpo dissidente é ancorado como parâmetro de correlação, pois com as contribuições na área dos Estudos de Gênero e Sexualidade, pode-se vislumbrar “rotas de fuga” dos padrões convencionais e clássicos da análise do corpo na sociologia e na antropologia.

Como base teórica que embasa a discussão proposta, pode-se elencar como leituras indispensáveis: Maluf (2001), Victora (2011), Nascimento (2016), Franch e Nascimento (2020).

Em uma primeira análise, é primordial sublinhar, como atenta Maluf (2001), que recentemente o corpo vem marcando presença tanto em estudos acadêmicos como em fenômenos sociais e manifestações plurais da cultura da realidade contemporânea. Nessa construção, é perceptível, segundo a autora, que uma das principais inquietações desses estudos é elencar as dimensões corporais inseridas historicamente e culturalmente (MALUF, 2001). Igualmente, as dimensões políticas e sociais são acessadas. Assim, as abordagens recentes têm buscado lidar com o corpo e com uma perspectiva de corporalidade, endossando um viés crítico frente a visões consideradas essencialistas. Dessa forma, contesta-se dualismos e binaridades, como por exemplo, a dicotomia corpo e mente, indivíduo e sociedade, doença e saúde, normal e patológico, prazer e sofrimento, assim por diante.

O que ocorre, como indica Maluf (2001, p. 87), é que “grande parte dessas abordagens acaba no fundo reproduzindo o modelo que critica: a concepção de uma correspondência entre dois dualismos”. Esse ponto é central para o debate aqui exposto, pois as pesquisas sociais, principalmente na área da antropologia e da sociologia, têm se debruçado sobre o corpo na tentativa de indicar soluções

para essas problemáticas. Além de trazer tais respostas, também há um investimento em traçar elementos e mecanismos metodológicos que se relacionem com o corpo não somente como objeto ou receptáculo, mas também como agente e produtor de sentidos (MALUF, 2001).

Em um campo múltiplo de atuação, a pesquisa social revela contradições entre diferentes concepções. No entanto, um aspecto revela consenso entre as abordagens sobre o corpo, se referindo a este não como algo natural e sim como um dado cultural e social (MALUF, 2001), dessa forma, estando num paradoxo entre questões políticas, econômicas e coletivas. Como explana a pesquisadora supracitada, esse debate é fundamental, todavia ainda é apenas um dentre os vários caminhos para compreender as representações sobre o corpo.

Perpassando através de autorias clássicas que se destacam sobre o tema, pode-se citar Mauss (1974), com sua a sua teoria do que nomeia técnicas corporais, são catalogados os atos e posturas corporais com uma base de causalidade sociológica, direcionada a circunstâncias sociais e históricas que se vinculam ao fenômeno do controle dos corpos. Maluf (2001), explica que Mauss é precursor nas reflexões em torno do corpo com uma perspectiva sociológica e antropológica.

Para Maluf (2001), é viável afirmar que são múltiplas as abordagens empenhadas em elaborar contrastes com o modelo dualista das culturas hegemônicas nas sociedades ocidentais, sendo que, especificamente conectada a antropologia, há o método de comparar (método comparativo), o qual tem corroborado de maneira muito significativa (principalmente na crítica a ideia advinda de parâmetros ocidentalizados que pautam o corpo como algo unívoco). Colocar em colapso estes conceitos limitados e relativizar a dimensão do corpo, desvelando sua face dissidente, é uma tarefa que deve estar em voga na pesquisa social. Um exemplo do método comparativo trazido por Sônia Maluf (2001), e que vai de encontro a esse viés, se consagra nos estudos que correlacionam o corpo com a cosmologia ameríndia: corpo enquanto uma substância que articula sentidos e não é fixa; corpo como um instrumento dotado de significados cosmológicos e simbólicos que estão além do âmbito físico; corpo como uma experiência em constante transformação, pois é performado e se desdobra numa prática de metamorfose.

Modernamente, um autor que pode ser salientado por operar questionamentos acerca da objetificação do corpo e do processo social de poder

que vigia, disciplina, pune e classifica o corpo, é Michel Foucault (1979, 1987, 1993). Além de reiterar como a sociedade produz corpos dóceis, o autor demonstra como o corpo se torna sujeito de dispositivos do saber e do discurso. Maluf (2001), pondera que Foucault por vezes superdimensiona a sujeição do corpo e em contrapartida também acredita no corpo como originário de uma resistência genuína e natural.

A crítica acima, remete a necessidade de observar o corpo não como um mero objeto inanimado, mas sim como agente socializador capaz de incitar experiências coletivas e também individuais. Como afirma Sônia Maluf, “fenômenos sociais muito diferentes, trazem em comum a centralidade da experiência corporal, o foco no corpo como valor e núcleo dramático de determinados enredos sociais e a atribuição de um tipo de agência especial ao corpo (MALUF, 2001, p. 96).

É importante nessa discussão, para aprofundar a análise, referenciar Csordas (2010) e Esteban (2004), com suas provocações voltadas ao conceito que pode ser nomeado de corpo encarnado (em inglês, *embodiment*). Nessa perspectiva, o corpo do sujeito é apontado como elemento edificado através da existência da cultura. Vale ressaltar também, que em todas as críticas levantadas, não se está impugnando o corpo enquanto fator biológico, mas seu aparato biológico ou médico, não é o enfoque da pesquisa social (MALUF, 2001).

Na pesquisa social, de acordo com a abordagem eleita, há métodos e temáticas que trazem a aplicabilidade do corpo enquanto dimensão histórica, cultural, política, social, econômica e a partir desse panorama, incitam sobre caminhos multiversos. Por exemplo, ao se pensar na relação do corpo com o sofrimento, uma autora interessante nesse campo é Victora (2011). Suas considerações discorrem sobre esse fenômeno tratando o corpo como corporificação no mundo e traz sua interface com o sofrimento enquanto dimensão social. É relevante como Victora (2011), constata a dor, a aflição e o sofrimento, como aspectos que atingem o corpo de modo indissociável das esferas morais, políticas e culturais da vida.

Nesse sentido, novamente vem à tona o consenso entre abordagens para fomentar críticas recrudescidas às dicotomias do pensamento cartesiano ocidental, através da urgência de compor um cenário que consiga colapsar tais concepções (VICTORA, 2011). Isso fica bastante evidente no campo de pesquisa social brasileira, a partir de meados da década de 1990.

Esses trabalhos são inspiradores no sentido de exercitar a imaginação sobre a articulação do corpo com elementos e ferramentas de pesquisa criativas e emergentes. A partir de uma diversidade de vieses, as pesquisas fluem para a direção da problemática de gênero e sexualidade³⁶. Em suma, é possível afirmar, em concordância com Nascimento (2016), que o corpo enquanto símbolo de lutas políticas, sociais e simbólicas, está em evidência nos espaços públicos, marcados por posições políticas não só visíveis, como também reconhecidas socialmente, através de práticas corporais, diferenças de cor, geração, classe, gênero e orientação sexual. Esses elementos todos, quando se pensa na conexão do corpo com o campo de estudos do gênero e da sexualidade, descortinam um campo de pesquisa social interdisciplinar e extenso.

Ao pensar nessa associação com o corpo, há ainda muito para expandir. Para indagar sobre as contribuições dos estudos de gênero e sexualidade, vinculados a pesquisa social que adentra a questão do corpo, é perceptível que este aparece especialmente nas dinâmicas de investigação que se coadunam com a dimensão da experiência (FRANCH e NASCIMENTO, 2020). Nesse cenário, também é pertinente abarcar como alternativa estratégica a aplicabilidade da corpografia e da etnografia, assim como da corporalidade.

A corpografia associada a etnografia, concretiza um movimento que pode romper com lógicas de dominação colonial (NASCIMENTO, 2016). Já a corporalidade, como elucida Sônia Maluf:

O foco na corporalidade pode ser estendido para uma série de fenômenos contemporâneos cuja investigação colocou literalmente o corpo no centro da produção acadêmica mais recente. Estou pensando aqui especificamente em dois temas com os quais tenho mais afinidade: as discussões, no campo dos estudos feministas e de gênero, em torno da experiência transgênero e os estudos sobre as chamadas novas espiritualidades e novas experiências terapêuticas. (MALUF, 2001, p. 95).

Examinar qual é o lugar e papel do corpo nos estudos de gênero e sexualidade, enfocando com a construção das performatividades, é uma tarefa emergente para as pesquisas no campo das ciências sociais. O próprio corpo dessas pesquisas é performático. Assim como há uma fluidez do gênero e da sexualidade, é preciso considerar a conjunção deste paradigma com relação aos corpos fluídos, corpos dissidentes e que se enquadram além da hétero-norma.

³⁶ Ver: Heilborn (1999).

Como explicam Franch e Nascimento (2020, p. 23), “a diversidade nem sempre é refletida nos balanços existentes, que tendem a privilegiar algumas redes em detrimento de outras”. Ainda há direções possíveis com muita propulsão de expansão do conhecimento. Um tema de pesquisa que ainda demanda investimentos, por exemplo, é a relação das dissidências e corpos com deficiências. Apesar das limitações que ainda se reproduzem, é preciso reiterar:

A ampliação, o fortalecimento e a capilaridade de investigações que possibilitam compreender e complexificar relações de gênero, práticas sexuais, sexualidades, normatividades, socialidades, territorialidades e corporeidades têm colaborado para uma resistência acadêmica à reprodução de formas de desigualdade estruturais e arcaicas na sociedade brasileira (FRANCH e NASCIMENTO, 2020, p. 23).

O momento atual demonstra que estão acentuadas as encruzilhadas que afetam a produção acadêmica da pesquisa social no âmbito do gênero e da sexualidade. O cenário brasileiro que as ciências sociais e humanas atravessam no presente, conta com um arsenal de retrocessos, ameaças e perseguições. Nesta condição, vislumbra-se uma conjuntura política que posiciona o país, conforme indicam Franch e Nascimento (2020, p. 1), em um “período marcado pelo avanço de setores conservadores em áreas estratégicas de poder e pela consequente ameaça à ampliação e à manutenção das conquistas no campo democrático” (FRANCH e NASCIMENTO, 2020, p. 1).

Desse modo, é preciso encarar o quão desafiador é compreender a indissociabilidade das dimensões físicas, psicológicas, morais e sociais encontradas nas formas usuais de conhecer e lidar com os fenômenos humanos (VICTORA, 2011). Com isso, as pesquisas sociais com enfoque no gênero e sexualidade, envolvem o exercício de um campo de conhecimento transdisciplinar. A possibilidade de diálogo entre linhas teóricas e disciplinares distintas, provoca no curso da investigação, um distanciamento das zonas de conforto (NASCIMENTO, 2016).

Esse caráter de interdisciplinaridade e a impossibilidade de limitar tais estudos a um campo disciplinar singular, é algo que demonstra sua potência e amplitude. Contudo, é possível perceber algumas tendências e ao passo em que geram lacunas, estes espaços também vão chamando atenção e sendo preenchidos aos poucos (FRANCH e NASCIMENTO, 2020).

A problemática do corpo dissidente e das performatividades nos estudos de gênero e sexualidade, primordialmente nas ciências sociais, ainda possui caminhos abertos de possibilidades e de expansão. Ao mesmo tempo, é necessário articular a discussão sobre corpo e corporalidade com uma reflexão que aborde as diversidades de formas culturais e que não crie novas dicotomias que impeçam a pesquisa social de alcançar os corpos dissidentes e a fluidez das performatividades corporais.

Assim, frisa-se que os debates sobre gênero e sexualidade não versam apenas sobre temáticas, mas sobre perspectivas teóricas e metodológicas, sobre técnicas e sobre éticas de atuação que ecoam sobre dimensões políticas, culturais, sociais e econômicas. Portanto, são também estratégias de enfrentamento e de reivindicação que viabilizam o ato de desnudar as contradições e críticas aos modelos de concepções ocidentalizadas. Essa tarefa é árdua e exige um conjunto de ferramentas que seguem em constantes embates, disputas e construção.

CAPÍTULO 4 – A EXPERIÊNCIA DAS VIOLÊNCIAS MÚLTIPLAS E AS RELAÇÕES AFETIVAS

“Seguimos vivendo em um mundo em que se corre graves riscos de marginalização e violência física por causa do prazer que se persegue, da fantasia que se incorpora, e do gênero que cada um performa” (BUTLER, 2006, p. 306). Como o decorrer das reflexões aqui compartilhadas denotam, revelam-se conflitos, violências e sofrimentos, vinculados aos padrões de gênero, sexualidade e afetividade. Assim, equivalem-se violências também acerca do corpo, do desejo, das relações familiares, afetivas e coletivas.

Esses eixos dimensionais, não se situam em colunas segregadas, mas sim em uma sincrônica complexidade, na qual a ideia de causa e sintoma (violência e sofrimento), não se exprimem separadamente. A violência, é válido salientar, tem como premissa a caracterização de ser um ato ou situação que gera sofrimento, para si ou para outra pessoa.

Butler (2015), no seu trabalho “Relatar a si mesmo: crítica da violência ética”, realiza um ciclo dialógico de conhecimentos que perpassam pensadores como Adorno, Hegel, Kierkegaard, Nietzsche, Foucault, em um quadro teórico que vai de uma filosofia da moral até alcançar uma base psicanalítica lacaniana, assim, apreende a violência e suas implicações éticas. Contrária ao que descreve como violência ética, a autora sublinha a força da moral na produção de um sujeito universal e argumenta sobre uma reciprocidade implícita, imposta pelo reconhecimento e pela interpelação moral.

Relatar a si mesmo pode se tornar uma prática violenta, por meio de trocas imediatas e vitais, nos modos pelos quais interpela-se e questiona-se reiteradamente sobre “quem somos” e qual deveria ser nossa relação com os outros (BUTLER, 2015). Com normas sociais do que é inteligível, ancorando nexos causais entre o “eu” e o “tu”, ou seja, averiguando a violência como produto que envolve a si e ao outro, Butler (2015), descortina paradoxos da responsabilidade e da formação humana em sociedade. No que condiz a aplicação das normas de gênero, é possível e necessário pensar em um aparato regulador que é violento, contudo, nem sempre interdita ações em formas repressivas.

“Pensar em termos da imanência da norma é, de fato, abster-se de considerar a ação da norma de uma maneira restritiva, vendo-a como uma forma

de “repressão” formulada em termos da interdição exercida” (BUTLER, 2014, p. 266). É preciso considerar que há graus de sujeição e de manejo das normas. No entanto, permanece imprescindível lançar olhar ao caráter, de fato, repressivo. Ao sentido violador da norma, propriamente dito, aquele que causa sofrimento. É preciso entender que a norma não pode ser reduzida a qualquer uma das suas aplicações, mas também não pode ser totalmente separada delas, pois a norma executa e opera seu poder, conferindo realidade ativamente (BUTLER, 2014).

Admite-se que “pela virtude de seu poder repetido de conferir realidade, é que a norma é constituída como uma norma” (BUTLER, 2014, p. 267). Para além disso, gênero é assim uma norma reguladora, mas concomitantemente é uma das regulações produzidas a serviço de outras formas de regulações, de modo que a implícita regulação de gênero, parte da regulação explícita da sexualidade (BUTLER, 2014). Pode-se afirmar, em concordância com (BUTLER, 2014, p. 269), que “gênero é a forma congelada que a sexualização da desigualdade assume, então a sexualização da desigualdade precede gênero, e gênero é seu efeito”. Para corroborar com esse raciocínio, pode-se acionar Paul Preciado:

O fato de que surja as noções de intersexualidade, transexualidade, gênero, que o aparecimento da questão farmacológica com a pílula, ou que surja a pornografia como cultura de massa, não quer dizer que estejamos de todo livres dos modelos tradicionais e disciplinários da homossexualidade e da heterossexualidade ou dos modelos soberanos de gestão do corpo. Quer dizer que vários sistemas se sobrepõem e entram em conflito (PRECIADO, 2010, p. 22-23).

É relevante trazer que uma conceituação de violência múltipla tem emanado dos campos de pesquisa acessados³⁷ e novamente pode-se mobilizar esta concepção. Enquanto violência múltipla, compreende-se que a problemática de gênero perpassa violências que são transversais: nas formas de violências (moral, psicológica, física, virtual, dentre outras, que podem inclusive ocorrer agrupadas); nos múltiplos espaços (podem ser espaços de relações, espaços locais e territoriais, ou mesmo espaços temporais, por exemplo, violências caracterizadas em algum estágio específico do desenvolvimento); nas suas circunstâncias sociais, políticas, econômicas e

³⁷ Em Gregori e Zamboni (2019), argumenta-se no sentido da transfobia como violência múltipla.

culturais (envolvem não somente gênero, mas também, raça, classe, orientação sexual e performatividades).

As violências nas relações afetivas, por serem múltiplas, são dinâmicas e comumente observadas em situações envoltas a discriminação motivadas por preconceito frente à pluralidade das performatividades de gênero e sexualidade. Havendo um espectro de violações, que se efetivam em comorbidade, ou seja, simultaneamente, convém considerar que essas violências, por serem múltiplas, se dão com amplitudes e intensidades plurifacetadas, contemplando desde mecanismos sutis e simbólicos, que podem se evidenciar na intimidade e podem chegar a extremidade que culmina em violências gravemente externadas.

Em um leque de ações que compõem uma mesma linha contínua, a violência múltipla se difere nos seus interstícios, mas é cotidiana e se afigura com variadas gradações, atravessando uma reprodução social que transpassa em processos de subjetivação calcados no sofrimento. Em voga, se visibilizam os danos dessa conjuntura. “Punições sociais que se seguem às transgressões de gênero incluem a correção cirúrgica de pessoas intersexuais, a patologização e criminalização médica e psiquiátrica” (BUTLER, 2014, p. 271). Além disso, convém ressaltar que a regulação se impõe por meio de regularidades e o poder enquanto forma moderna, se desdobra não somente com violências, mas com vigilância e disciplina (BUTLER, 2014).

São tangíveis questionamentos que transitam em como se manter sóbrio em um contexto tão embriagado de emoções tóxicas e padrões impostos de relações depreciativas, desiguais, destrutivas? Ao mesmo passo, como encontrar discernimento para a escolha do que é legitimamente saudável e do que não é, em um sistema que tem na sua base fundante violências múltiplas? Precisamente neste aspecto que também se indaga a simbiose de que falar da violência e de afetos, acaba tendo que envolver as relações de amor, ou vice-versa, como falar do amor, acarreta em também ter que olhar para a violência. Como o amor, idealizado em algo pautado como genuíno e sentimento bondoso, poderia gerar tantos conflitos, tantos sofrimentos e traições, tamanhas angústias, mentiras e desespero?

Pode parecer que o amor é uma atividade prazerosa, mas não uma atividade fundamental para conhecer a sociedade. Mas, na verdade, estudar o amor é como estudar gênero ou o poder: ele nos traz para o cerne e para a fundação da modernidade e nos ajuda a trazer de forma

direta a questão da natureza, do processo e da transformação da individualidade na modernidade (ILLOUZ, 2016, p. 303).

Denota-se que há uma hierarquização de afetos, que envolve a objetificação e mercantilização das relações. Os vínculos afetivo-sexuais ocupam um patamar de hierarquia máxima, onde se confere status de poder e sucesso, associado a relações amorosas bem-sucedidas ou fracassadas. Há uma centralidade das relações amorosas perante outras alianças e afetos. Coloca-se o amor, em especial a vinculação conjugal, como o ápice do paraíso, como um fim no qual deve-se chegar. Illouz (2016), explica, por meio do tema do amor, como é possível alcançar um fio importante para entender e seguir o círculo completo das instituições e subjetividades, nas quais o capitalismo encontra-se como o principal link conectando aos dois. Progressivamente pode-se compreender como “o capitalismo é um vetor crucial que explica como emoções e instituições se organizam na modernidade” (ILLOUZ, 2016, p. 304).

Para se ter maior sensatez na leitura da violência nas relações afetivas, é preciso repensar a ideia de intimidade. Isso inclui todo um debate sobre a centralidade das relações afetivo sexuais, em detrimento de outros laços relacionais, que culminam em experiências de possessividade, de recorrente reconciliação e tentativas infundáveis de superação a qual se submetem as pessoas em um relacionamento, no qual para manter a presunção de um relacionamento amoroso, aceita-se e perdoa-se tudo, a qualquer custo. A indulgência de fatos incongruentes atinge níveis supremos, para manutenção do apogeu idealizado, de estar em um relacionamento.

A idealização, é um componente que se evidencia, trazendo padrões, fantasias, normas e argumentações. Nota-se que o campo reflete essa junção. “Eu não me respeito. Machuquei o braço e tento tirar a obsessão sexo afetiva e compensar no treino, mas é uma forma adicta também sem me respeitar. Ontem fiquei com uma garota que era do meu colégio vinte anos atrás. Percebi o quanto sou tóxico. Passaram vinte anos e ela falou que tem diários escritos, dizendo que gosta de mim, que falou esses tempos aleatoriamente de mim para uma colega dela, então vi o quanto eu marco as pessoas para a dor ou prazer, não sei ser diferente, tenho que ficar sozinho, mas ao mesmo tempo não consigo. Fico idealizando, estava tomando anabolizante com testosterona e isso deixa a libido lá em cima, só que sou tão doente que cheguei a manipular um remédio da farmácia para melhorar a ereção, então é surreal, eu penso em ser uma

máquina. Ontem então tomei duas dessas cápsulas para sair com essa garota e ela não quis transar, respeitei tudo certo, mas até que ponto que vou para ter o que quero ou acho que quero. Minha vontade era ficar sozinho e me bastar, hoje uma outra garota que saí semana passada, me mandou mensagem dizendo que estava perto de casa e queria me encontrar, eu disse que não e ela falou que era só um café rápido, então nos encontramos no shopping perto de casa e aí foi eu quem não quis transar. Embora eu ainda tenha 36 horas de efeito do negócio, eu não quis. Fico tentando compensar com gasto, compras e tem horas que acho que me amo e estou me cuidando, tem horas que estou aqui a passeio, mas meu objeto de desejo ideal ainda é minha ex namorada, consegui falar com ela essa semana porque ela responde bem as investidas sexuais, as juras de amor que vem na hora do ato até corresponde, só que depois foge. Ela também é doente, eu estou falando dessas pessoas, mas parece que todas elas têm um padrão de doença. Para minha ex consegui dizer para não falarmos mais, desinstalei o aplicativo para a gente não se falar mais. Tentei falar para essa outra menina para a gente não se ver mais, mas não consigo, ainda ficamos lá dando voltas, mas não sei o que falar para ela, parece que quero dar um mínimo de atenção, só para manter um contato, não consigo zerar, tem outra menina no Líbano que está cheia de angústias e saudades, só pessoas como eu. Passar vinte anos e falar que ainda tinha uma paixão, isso é louco, eu sou essa pessoa, que coloca uma coisa na cabeça e não esquece, fica obcecado” (Registrado em: 15/02/2021).

Nesse cenário, desvelam-se as controvérsias do que seria, em um relacionamento amoroso, uma dependência boa versus dependência ruim. Envolvem-se acordos que se traduzem por contratos de monogamia *versus* mono dissidências, podendo-se absorver configurações poli amorosas, relações abertas, anarquias relacionais e outras tessituras que trazem fissuras da dominação, que evocam rasuras na afetividade como latifúndio a ser mantido em propriedade privada e mono cultivo. Como ecoa o ciúme exacerbado neste jogo, também ficam no plano de fundo os relacionamentos extraconjugais e reiterada quebra, intencional e em segredo, da monogamia.

Suscita-se, ao sensibilizar a ocorrência da violência e as relações afetivas, o quanto pode haver sobrecarga emocional advinda da tarefa árdua de tentar manter um relacionamento conjugal e matrimonial ou sobre a incumbência de aceitar términos adversos e compelidos por sofrimentos.

A não aceitação do término dos relacionamentos, conecta-se com uma narrativa etnográfica em que a pessoa se sentia uma sobrevivente por passar um fim de semana sem ter obsessão de estar seguindo o ex-companheiro. Sua percepção é de que falava uma coisa, mas fazia outra, pois inventava desculpas para seguir onde ele estava, para ver quem estava perto e se tivesse mulheres próximas, tentava expulsá-las, chegando a agredi-las. Em busca de uma libertação, migrou para uma outra forma de se relacionar, em busca de sexo em escalada compulsivamente, para se sentir no poder. Sente que é mais fácil um homem agradá-la somente para obter sexo, do que enfrentar relacionamentos familiares e dar uma continuidade no vínculo. Percebe-se numa relação de infantilização, pois quer estar sempre no prazer, porque é uma forma que encontrou de se anestesiar, já que não sente que a família lhe acolhe e lhe dá a devida atenção, buscando o afeto em homens, com os quais não cria vínculo sólido ou de forma sincera. O mesmo ocorreu quando teve a opção de estudar e estar em espaços de aprendizado, que acabou abandonando, compensando também na alimentação. Quando mudou seu estilo de vida e começou a malhar, ficou com um corpo bonito, referindo que em função disso, teria oportunidade para fazer sexo toda hora, o que se torna complicado, pois muitas vezes está “quieta”, mas recebe mensagens pelo whatsapp, pelas redes sociais. Assim, explica que passa o dia “dando vários nãos”, mas por trás disso, se enxerga com uma baixa autoestima, que no fundo vê o reflexo do próprio pai, que nunca lhe aprovou. Só de pensar nisso, sente vontade de chorar, pois seu pai não era uma pessoa ruim e afirma que não sofreu nenhum abuso, inclusive se questiona como pessoas passam por situações piores, mesmo assim, refere que sempre viveu em uma família muito machista, onde o irmão é alguém muito bem-sucedido, o que acarreta um tratamento diferente, de abuso emocional. Embora não fossem pessoas maldosas ou perversas, que nunca a abusaram sexualmente, a experiência trazida é de alguém que se sente como quem não tem voz, pois sua interpretação é de que nada que fez estava bom, nunca podia ter sua própria personalidade e sua identidade e sente que quer suprir isso buscando sexo (Registrado em 19/10/2022).

Há a imposição de uma apelação violenta que rege os laços afetivos e sexuais, enquanto caráter múltiplo que nutre como consequência diversos padrões, dentre os quais se sobressai o padrão de compulsão e obsessão. Este, conforme acessado no campo, chega a provocar a experiências de práticas

sexuais inclusive com animais. “Eu tenho stress pós-traumático porque sempre pensei muito em sexo, no começo aquele sexo muito fantasioso, infantil, sem consciência, depois que eu comecei na infância a fazer sexo com animais, sexo com os coleguinhas, depois a masturbação e nunca mais parei. Depois na adolescência, no seminário, veio o pensamento sobre minha identidade sexual, comecei a pensar e nunca aceitei esse lado de uma bissexualidade, nunca aceitei, até hoje penso que pelo menos um momento, sendo homossexual ou bissexual, não quero ter relacionamento assim, com outro homem, que seja duradouro. Pode até acontecer, mas eu pretendo pelo menos tentar viver um celibato, ficar solteiro, não me vejo tendo relação com homem casando, tendo família, não sei se é porque eu não aceito ou porque não sei, até hoje não tive uma atração fatal, nunca me apaixonei por um homem, não faço crítica, acho que depende de cada um, mas eu uso a masturbação e até a obsessão de fugir desse desejo. Eu quero parar com esses padrões” (Registrado em 03/11/2023).

Como os afetos se hierarquizam e se consagram com práticas arbitrárias e, portanto, violentas, nota-se como os abusos frequentemente são iniciados na própria convivência no seio da família, em padrões de violações que se desdobram desde a infância. Como hooks (2021), discorre é na família e no lar a primeira escola onde se estabelecem essas definições, advindas desde a infância. Há resignações enquanto efeitos de relações afetivas familiares com autoridades abusivas, que se reverberam no acervo etnográfico com relatos de estupro paterno ou então trazendo como a principal lembrança da infância o fato de ir atrás do pai nos prostíbulos da cidade, junto com a mãe, em contextos de sobreposição de violências domésticas extremas.

“Desde pequeno prometi para mim, como numa situação com meu pai, quando eu era criança e ele tinha uma autoridade abusiva, uma hierarquia de abuso muito forte e na minha infância eu prometi para mim que não seria vulnerável, fiz esses votos para mim, mas a vulnerabilidade é minha prática. Toda minha juventude e adolescência foi nessa fuga por não aceitar minha vulnerabilidade. Hoje olho para essa criança e consigo entender essa criança, estou aprendendo a me respeitar, a aprender a ter mais carinho comigo. Não está resolvido, tenho que lembrar disso, que estou nessa busca, mas não está resolvido. Todo dia tenho que lembrar quando baixo a guarda, a doença vem querer me dizer que posso dar uma abertura ou outra. Então é muito doido, porque quase sempre quero me enganar. Mas preciso de ajuda, e o mais

importante é que cada vez que me volto com minhas práticas é a solidão. E hoje eu sou um abusador, mas já fui abusado. Essa semana estava vendo uns filmes, pensando que por trás de um grande abusador, tem alguém que foi abusado, principalmente na infância, se você for abusado emocionalmente, sexualmente, depois que você cresce se torna abusador. Eu tenho muito defeito de caráter e tenho muita dificuldade de falar disso. A arrogância, grosseria, falta de educação, tenho que sempre manter minha bola baixa, porque quando confio em mim acabo indo na direção da arrogância, de tratar mal os outros. Como na sexta, por exemplo, que precisei regularizar a questão da pensão da minha filha, não tive problema nenhum de regularizar, só que eu falhei com isso e é um certo desconforto lidar com minha inadequação, percebendo minha infantilidade emocional. Minha namorada fica nessa busca de quando tem algum problema, ela fica nessa parte terapêutica, me dando força enorme, mesmo assim eu a trato mal, falo palavrão e ela não merece, ela não tem culpa no meu processo de explosão, foi minha infantilidade ao não saber conversar, acabo explodindo, é pura infantilidade de não saber como conversar” (Registrado em 22/09/2020).

Coloca-se em relevo que não é legítimo afirmar que uma relação abusiva no meio parental durante a infância, determinantemente leva a formação de uma pessoa abusadora. O que não se descarta é que sim, existem efeitos, ou melhor, não é possível minimizar os danos que vivenciar um histórico de abusos e violências nas relações afetivas familiares pode repercutir, tal como nessas vivências, deturpam imaginários sociais e geram associações inadequadas acerca dos papéis sociais: “Eu não me lembro se eu fui abusada. Meu pai é um pedófilo. Ele é um pedófilo realmente, abusou de todas as minhas primas, de todo mundo, minha mãe era alcóolatra, ela morreu há 25 anos, acho que ela sabia disso, só que todo mundo focava no alcoolismo dela porque era escandaloso, ela me xingava abertamente, já ele era tudo muito escondido, dentro da família ele era de um pessoal que tinha mais dinheiro, uma posição de renda maior então ninguém falava dele, só falava dela, então isso me atormenta muito, essa questão. Eu sou de Salvador, penso que até hoje a vida inteira, sai de lá e fui saindo de marido para marido, isso me angustia, tinha resistência, já recai tanto, entre fugas de racionalização, só num momento grave, onde descobri minha filha alcóolatra, que mora nos Estados Unidos, eu fui ao fundo do poço, só que eu sempre praticando. Como está na pandemia, ano passado todo contratei um professor de dança porque adoro dançar, mas olha na minha

cabeça quando eu pedi a minha amiga, que é dançarina e eu pedi uma indicação, eu falei: “eu quero um homem, não quero um homossexual”. Então, inconscientemente eu já estava planejando cair. Eu não sei como era esse homem, achei que ele nem ia me interessar, só que quando ele chegou, a tentação é assim, o cara é um doce e a gente passou a pandemia toda juntos, a gente dançava tango e eu comecei na minha fantasia, porque meu padrão é nunca conseguir ficar sozinha, sempre passando de um homem para outro, um homem para outro, tudo para não ficar igual minha mãe, que além de alcóolatra, era codependente do meu pai, um abusador que ela não conseguia largar, eu pra não ficar como ela seguia a lógica do próximo, o próximo e o próximo. Nada adiantou. Meu último relacionamento sério, mas doentio também há 3 anos atrás, com um cara super mais novo, completamente infantilizado, também doente, um queria dominar o outro e isso pra mim é amor, não sei se por causa dos abusos que eu sofri, não sei se meu pai me abusou ou não, ou se a rejeição dele foi pior, o fato é que tenho medo terrível de me relacionar e medo de abandono, o que tenho é emocional, mesmo que quero me relacionar e preciso de um olhar de um homem que me queira e me deseje, mas não consigo me envolver. Tenho vergonha, como se eu fosse imperfeita e tudo fosse culpa minha. Eu já vi que isso é tudo resquício dos abusos, mesmo que não seja da parte do meu pai, mas também emocional, minha mãe me xingava, tinha muito ciúme de mim com ele, eu cresci, nem lembro da minha infância, com 7 anos ela me chamava de puta e vagabunda, não tenho autoestima nenhuma, mesmo que tenha materialmente conseguido, tenho uma função que por fora as pessoas me veem como bem-sucedida, mas dentro sou destruída. Minha vida toda me senti uma farsa. Os homens eram uma forma de droga e a pandemia, um ano após minha separação, encontrei esse professor de dança, que tem uma namorada, mas a gente conversava sobre filosofia, eu fantasiava romanticamente e ele é uma pessoa que nem sei se emocionalmente indisponível porque ele diz que a namorada ele só queria transar com ela, mas agora com a pandemia, ela botou ele na parede e assumiu, a gente conversava sobre tudo, tive que viajar e voltar final do ano, só fiz uma aula com ele, mas estava tão assustada com tudo isso que suspendi, logo depois do problema da minha filha, agora que isso se resolveu, quero voltar para a dança, só que a pandemia agravou então a aula de dança é sem máscara, a gente dança de rosto colado, toma vinho, é uma hora de aula, mas a gente ficava duas ou três horas, isso era um estímulo. Ele nunca mostrou que quisesse

transar comigo, mas eu queria. Sou dependente, o sexo me faz ser codependente mais ainda, nem sinto prazer. Minha mente fica confusa, desorientada. Eu vomito um pouco do que sinto. Eu entrei em contato semana passada só para falar com ele pelo telefone e ele não pode falar comigo, comecei a entrar em obsessão, uma loucura. Hoje, ele já me mandou mensagem, pronto, meu coração acelerou, fiquei mais de uma hora para responder e mesmo depois de responder nunca me sinto bem” (Registrado em 30/03/2023).

Vivenciar a história de ser gerado enquanto vítima de um incesto e se conduzir como sobrevivente de uma relação sexual de estupro, é um registro que também ilustra esses embates. "Eu sei que sozinho não vou conseguir nunca superar o que passei, voltei ao psicólogo, mas é um trabalho constante. Ser sobrevivente de um incesto, gestado vindo de um estupro, e ser portador de uma doença que você tenta colocar para fora e não sai, é uma tarefa complexa". Analisa que a origem da anorexia que vive, foi advinda de seu núcleo familiar. Seus cuidadores nunca lhe validaram, nunca fez algo que foi notado e que foi agradável ou foi positivo aos olhos dos seus familiares, quando havia algo bom ou positivo, não se falava nada, seguindo o princípio de: “não fez mais do que a obrigação”, em um contexto sempre permeado de muita crítica, muito abuso e violência de toda a natureza. Entende que seus cuidadores fizeram o que foi possível e o que estava ao alcance, pois também são fruto de cuidadores abusivos e isso vai se passando de geração em geração. Estacionou seus padrões de padronização de busca por zoofilia, voyeurismo, pornografia, masturbação e sexo pago, quando pode se dar conta que por baixo disso estava uma base que derivava dessa história e realidade do que é, não do que gostaria de ser. A fantasia foi uma fuga para sobreviver até ter condições de se tratar e encarar sua própria realidade e comparando com os codependentes da família, se vê como sendo a única pessoa que cuidou disso. Mesmo assim, se percebe como uma pessoa viciada em abuso (Registrado em 04/11/2020).

Pode-se afirmar que interpretações de que as formas abusivas e violentas são repassadas de geração em geração, numa lógica de compulsão a repetição pós-freudiana, não convém como uma argumentação pertinente que se esgota, pois, para pensar como isso ocorre estruturalmente, em termos históricos e políticos da sociedade, seria redundante pensar nessa hipótese de forma linear. Pode-se trazer outro fragmento do campo que corrobora com esta visão: “Fui abusado pela minha irmã, o primeiro contato que tive com uma mulher foi ela

pegar minha mão e fazer eu tocar nas partes íntimas dela, eu sabia que no fundo isso estava errado e depois disso me isolei através da masturbação no banheiro. Prejudicou muito minha relação com uma forma natural de namorar, porque eu descobri a masturbação melhor que o sexo primeiro e isso na forma inconsciente e inocente, não conseguia me relacionar direito com as meninas, era tudo muito confuso, quando antes da adolescência me relacionei também com primos e passou a vida e passou tudo e masturbação sempre foi meu forte, pornografia acessei muito cedo em filmes, pois meu pai tinha vídeo cassete e ele tinha mais condições na cidade onde eu morava e tinha acesso a esses filmes e fotos, no computador depois que surgiu, já gravava CD, através de meu pai também, ele também tinha essas fotos pornográficas e tudo foi muito confuso, deturpado na minha mente, me isolei, não me tratei e foi muito progressivo. Com 14 anos já me envolvia com álcool e droga como forma de prazer e de fuga disso tudo, um liquidificador de doenças, aumentando progressivamente. Depois me relacionei meio abusivo da parte de um amigo, ele era homossexual e trabalhava, eu gostava de sair com ele e ele bancava as farras e ele devia botar algum comprimido na minha bebida, eu acordava na casa dele, nem lembro se tivemos relação. Enfim, meus relacionamentos eram mais hétero, mas tudo confuso, conturbado, tento sair da masturbação, sexo pago, pornografia. Tudo isso na minha vida, hoje com 43 anos ainda tenho dificuldade de chegar em mulheres, de me relacionar, pareço um meninão, a mulher sempre toma as decisões, nunca tomo decisão nenhuma” (Registrado em 03/04/2021).

As violências intrafamiliares e domésticas, são arcabouço das relações afetivas e amorosas, de modo indissociável. Exemplarmente, podem ser problematizadas muitas questões, a partir destes relatos: “Por ser uma pessoa extremamente compulsiva por sexo há uns 20 anos, nesse tempo causei muito sofrimento para muitas pessoas, principalmente minha família, minha esposa por muitos anos, menti, briguei, bati, menti, briguei, bati e assim foram 20 anos de casamento. Bati grávida, bati no meu filho logo depois que nasceu para poder sair com outras mulheres e assim foi durante 20 anos. Numa determinada ocasião, que eu estava no fundo do poço, descobrimos uma psiquiatra maravilhosa, que começou a me tratar e descobrir o que eu tinha, comecei a fazer tratamento, tomar medicação, a vida começou a voltar, com terapia, veio a pandemia. Com a pandemia, não conseguia retornar, voltei aos padrões. Comecei a trair minha esposa novamente, fazer as mesmas coisas, só que com

detalhe pior, acabei quase perdendo emprego, nessas de bem pior minha esposa quase acabou morrendo num acidente de carro me procurando de madrugada, meu filho mais velho que quer fazer curso de medicina, queria se jogar da janela de casa de tão depressivo com o pai dele. Foi a gota de água, revolvi retomar o tratamento, mesmo assim, para poder ver que essa doença é escorregadia, ela pode matar, menti para minha médica que estava tudo bem por três vezes e nas três ela descobriu. Na quarta vez não teve jeito, fiz um pacto com ela e continuamos a nos tratar, minha terapeuta está me ajudando, inclusive ela está presente aqui na sala, está internada na UTI com Covid e me ajudando a fazer um pacto comigo. Eu tinha esse problema do olho de radar, que era meu problema mais grave, onde tudo começa. Ontem cedo, eu rezei com a minha esposa e fiz um pacto com Deus para pedir a força que eu preciso para acabar com esse problema e quando fui trabalhar, que é onde tudo acontece, resolvi fazer um teste. Quando eu estava trabalhando, comecei a olhar para as mulheres que eu sempre olhava com olhar de radar de conotação sexual, comecei a olhar para elas como mulheres normais, com respeito, como se fossem pessoas, que fazem parte do meu convívio normal, obtive uma vitória” (Registrado em 19/10/2020).

Frente a isso, em uma perspectiva mais focalizada, se considera que as violências intrafamiliares e domésticas podem acarretar, posteriormente, reflexos na constituição da vida sexual, conjugal e amorosa. É possível que haja a reprodução da materialização da violência nas relações amorosas, a partir de problemáticas que se vivenciou na formação familiar. Como Veena Das (2011), questiona, há acontecimentos passados que podem se tornar presentes incorporando-se nas estruturas temporais das relações.

Para aguçar a imaginação sociológica, torna-se ao centro, uma narrativa interessante: “Estou em uma situação muito louca na minha vida, semana passada sai com um cara de aplicativo de relacionamentos, para mim é fácil e é viciante porque eu não tenho autoestima nenhuma então é muito fácil e eu vejo um perfil, converso virtualmente, raramente tenho um encontro e quando tem é sexo casual a anorético, então para mim isso é bem desconfortável e ultimamente estou bem triste, minha depressão voltando por causa da quarentena e ai marquei de sair com um cara tinha semanas que não entrava no aplicativo, acabei curtindo, deu *match*, a gente combinou de se ver e foi assim, a gente se viu foi algo muito diferente, deu borboletas na barriga , cara bacana

legal, muito envolvido, adorou me conhecer e depois marcamos de nos ver de novo sábado passado para ficar mais junto e se conhecer, foi muito legal e conversando com ele, algo me falando pra perguntar sobre a infância dele e ele começou falar q foi muito difícil, que morou num bairro pobre e ele me falou o bairro que ele morava quando era criança e na hora me deu um estalo, porque dos 7 aos 11 anos esse foi o bairro onde eu morava, quando eu sofria abuso sexual do meu pai biológico e quando ele falou isso, fiquei alerta, então ele falou o nome da rua que ele morava e eu lembrei que ele era meu vizinho, morava do lado da minha casa, conhecia toda a família dele. Ele lembrava de mim, disse que sempre quis saber o que aconteceu comigo, só que depois do abuso que sofri tive que ir morar com minha tia e foi bem emocionante. Eu que não tenho autoestima e não acredito que as pessoas possam me amar verdadeiramente, então ele me levou lá ver a mãe dele, foi algo que está sendo muito intenso, mas voltar naquele lugar, minhas pernas geladas, não conseguia andar, mas ele é muito alegre, só que toda a vez me questiono se ele não é uma pessoa doente como eu, quero ir com calma, como entrar em uma piscina gelada, que vou aos pouquinhos, mas não quero deixar de viver, conseguir voltar naquele local já foi uma vitória. Eu tinha ensaiado muitas vezes de voltar naquele local, o jeito dele leve ajudou a tornar mais fácil e libertador desse trauma, porque isso me traz uma depressão, quando eu era criança eu me cortava, para entender o que era a dor de forma física. Estou passando por um crescimento, foi como se tivesse passado tudo isso e hoje não estou mais no abuso” (Registrado em 30/03/2021).

As ligações umbilicais da violência e das práticas afetivo sexuais com as bases relacionais de cunho parental e familiar, são perceptíveis. Tanto é assim que se constata que os períodos nos quais mais oscilam-se e intensificam-se os gatilhos de violência e sofrimento, são justamente em meio a datas emblemáticas que cingem reuniões familiares, como páscoa, dia das mães e dia dos pais, natal, final de ano.

Desencadeiam-se destes arranjos uma composição de vulnerabilidades, de autoestima deturpada, de fragilidades, de fissuras na construção das performatividades. Eleva-se também a tendência de ocultar os próprios desejos. Pode ocorrer, quando o desejo é homossexual, que ele seja conivente com uma existência social que é heterossexual, ou seja, há uma violência de impor a ocultação dos desejos, que segundo Bento (2017), pode ser identificada como passabilidade heterossexual, ou seja, o ato ou efeito de “passar enquanto

heterossexual” perante a suas esposas, famílias, filhos, colegas de trabalho, porém no sigilo, relaciona-se com outros homens.

Em Bento (2017), encontra-se um debate levando em conta Hegel (através da noção de senhor e escravo na dialética colonial), paralelamente a Fanon e Joan Rivière (com a lógica das alienações mascaradas). Nesse viés, enuncia-se como o reconhecimento engloba a ocultação dos desejos e engendra como fundamento a violência psíquica. Refletindo com Berenice Bento (2017), pondera-se o quão sofrido e quanto empenho é preciso investir, por exemplo, para articular um conjunto de estratégias que apague a negritude, ou o gênero feminino, ou a homossexualidade. Quantas problemáticas estão neste emaranhado no qual o reconhecimento, quando advém nesses termos, produz apagamento e silenciamentos de formas de existência não aceitas hegemonicamente, de modo que o subalterno (sexual, de gênero, de raça), para existir, precisaria se apropriar e incorporar (mascarar) a linguagem do senhor (BENTO, 2017).

É visível que a violência nas relações afetivas, principalmente com o contexto pós pandemia e com a ampliação do acesso as tecnologias digitais, tem sofrido uma transformação substancial nas suas sustentações. Os sustentáculos da violência têm arquétipos que se espraiam. A violência sofisticase, assumindo uma forma expositiva, espetacularizada, despertando sentimentos e pulsões que trazem sentido gerando, ainda que com violência, o prazer. Sectário ao prazer, encontram-se dores e sofrimentos, que acarretam solidões e isolamentos.

Para além do isolamento motivado pela crise pandêmica, se instalou e se descortinou uma lógica também de preterimentos, de recolhimentos, inclusive buscando evitar confrontos que estejam conflitantes com o reconhecimento. “Diante das dificuldades de relacionamento, me fecho em uma bolha, no isolamento, repudio qualquer aproximação, não aceito o outro, sempre o rejeito” (Registrado em 04/11/2020).

Necessidades insaciáveis e dependência ativa, são entrelaçadas em desejos inalcançáveis. Não obstante, acaba se tornando um modo de operar o padrão de coisificar relações, em uma contradição na qual isola-se ou busca-se várias relações e quanto mais parceiros tem, mais só se sente. Forma-se uma armadura feita de amargura. Genestreti (2014), através de um trabalho jornalístico, trouxe esse relato, no qual entrevista um estudante, que frequenta o

DASA e conta: “Quanto mais parceiros eu tenho, mais vazio me sinto. A compulsão sexual se desenvolveu em mim pela falta de autoestima. Aquela crença de que quanto mais mulher eu pegar, mais homem eu sou, quanto mais homem eu pegar, mais eu me sinto querido. Comecei minha atividade sexual aos 13 anos, com um menino. Depois foi com mulher, uma prostituta. Eu vivia no interior de Pernambuco. Tinha um vereador que morava na casa ao lado. Quando eu tinha 14 anos, ele começou a pedir que eu fosse dormir na casa dele sempre que a mulher dele ia para Recife. Eu, de família carente, entrei no jogo de sedução. Me tornei amante dele por cinco ou seis anos. Aos 18 vim para São Paulo. Comecei a usar drogas. Se caio na cocaína, vou parar em quarto com travesti ou assistindo a filme pornográfico a noite inteira. Fui morar em Buenos Aires e esse comportamento se intensificou. Lá eu tinha parceiro, mas me prostituía. Circulava à noite por Palermo e via gente transando embaixo das árvores, na frente de quatro, cinco pessoas. Um dia transei com um cara lá e chegaram três para assistir. Me excitei ainda mais. Agora estou com um parceiro. Mas não quero ficar só com ele. Juro fidelidade e faço o contrário. Ontem mesmo fui à subprefeitura, identifiquei de longe um gay e comecei a me insinuar. Botei a mão dentro da calça para atrair. Trocamos celular. Meu parceiro não sabe de nada. Nunca precisei transar com três no mesmo dia. Mas quero mais do que a pessoa com quem estou pode oferecer: quero outros, outras. Tenho muita libido, acho isso doente já. Estou cansado desse sofrimento. Quanto mais parceiros, mais vazio eu me sinto. Nesses dias, um amigo meu chegou e disse: “Nossa, você é bonito”. Foi o suficiente para irmos ao motel, passarmos a noite toda lá e saímos, como se nada tivesse acontecido. Não quero mais isso.”

Frequentemente são associadas, neste ângulo, a presença do abuso de substâncias, ditas como vício e adição. Apresenta-se um horizonte que versa por estratégias de aprender pela dor e pela perda, entendendo isso como se fosse uma lógica de desenvolvimento humano “inata”, “natural”, “instintiva”, tornando-se, na verdade, imposta socialmente e culturalmente. Um mote que articula essa imposição, exercida pelos pilares socioculturais reside, exemplarmente, no que se entende por cultura do estupro³⁸.

³⁸ A cultura de estupro, como lógica de incitação à violência com ênfase as performatividades das mulheres, envolve o papel do poder e das práticas sexuais, atravessando um conjunto de violências simbólicas que viabilizam não só a legitimação, como a tolerância e o estímulo à violação sexual, refletindo em inanição social e justificativas para uma violação que ocorre, mesmo sendo tipificada no código penal brasileiro (SOUSA, 2017).

Sardenberg (2015), no seu trabalho “Caleidoscópios de gênero: gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais” dialoga com aspectos de classe, raça, gênero, geração, nível educacional em experiências de violência e sofrimento. A autora evoca, a partir de uma perspectiva feminista, que os determinantes de gênero na dinâmica das relações sociais contemporâneas, constroem sujeitos políticos considerando capitalismo, sexismo, racismo, etarismo, etnocentrismo, capacitismo e lesbo/bi/homo/trans/fobia, dentre outras matrizes de opressão, como ações que não ocorrem independentemente, pois se encontram imbricadas ou em “simbiose”³⁹.

“Por muito tempo, predominou no pensamento social uma noção estática de classes sociais, retratando-as como coletividades homogêneas” (SARDENBERG, 2015, p. 57). Não obstante, revelam-se as limitações de esquemas explicativos que detém uma fonte unívoca para coletividades ditas como homogêneas, retratando clivagens, disputas e diversidades.

Diferentemente, no contexto atual muito se caminhou na direção de se reconhecer que, por operarem como matrizes preponderantes de hierarquização, bem como de desigualdade social e subordinação, gênero, raça e classe e demais marcadores de diferença e elementos constitutivos das relações sociais, não atuam separadamente, pois são matrizes de opressão que se entrelaçam e se reforçam, forjando sistemas de estratificação e opressão interseccionados (SARDEMBERG, 2015).

Isso implica notar as respectivas valências entre categorias de gênero, raça, classe e outras categorias sociais similares. Por não serem categorias autônomas, torna-se necessário pensar em instrumentos conceituais que permitam identificar e analisar como tais estruturas de privilégio e opressão podem se intercruzar em diferentes níveis (SARDEMBERG, 2015).

“A forma que essas relações tomam em um determinado contexto é sempre histórica, social, e culturalmente específica: não pode nunca ser deduzida de como se expressam em outros contextos” (SARDEMBERG, 2015,

³⁹ Sardemberg (2015), entende a constituição das matrizes de opressão como entrelaçadas, apoiando-se em Patricia Hill Collins, bem como posiciona uma noção de sistemas forjados de estratificação e opressão interseccionados, embasando-se em Kimberlé Crenshaw. Paralelamente, a analogia entre um caleidoscópio e os sistemas de gênero, traz inspiração de Joan Spade e Catherine Valentine, autoras que versam acerca dos diferentes mosaicos, primas, padrões e desenhos que modificam conforme movimentam-se no caleidoscópio, tal qual ocorre com as vidas gendradas. Segundo Sardemberg (2015), a metáfora dos caleidoscópios tornou-se um caminho para reunir suas reflexões sobre complexas articulações de gênero com outros marcadores que se diferenciam na dinâmica das relações sociais.

p. 61). Desse modo, Sardemberg (2015) salienta que as identidades não são fixas e mudam no tempo e espaço, provocando graus de vulnerabilidade e violência diferentes em cada contexto, com relativas opressões que se entrelaçam em posições interseccionais⁴⁰.

Butler (2018b), no livro “Corpos em Aliança e a Política das Ruas”, retrata complexidades de cunho ideológico e cultural do tecido social, os quais sedimentam precariedade e uma lógica de descartar corpos interseccionais. A pesquisadora atenta que no mercado neoliberal, tamanha é a desigualdade que nem mesmo a precariedade e a violência se distribuem de maneira igualitária, assim sendo algumas vidas são valoradas e outras eliminadas.

Com essa sistemática, “se por um lado, tal como raça, classe ou sexualidade, gênero existe como uma categoria específica de identidade política e análise política, pensar gênero como um determinante que age por si só pode distorcer a realidade” (SARDEMBERG, 2015, p. 89). Há inadequações éticas e um caráter rasurado que persiste nos acordos afetivos.

Há dois pressupostos que podem servir como fomento analítico para esse debate, que são: a traição e o ciúme. A traição aparece no campo de forma constante: “Eu tinha acabado meu casamento de 25 anos por causa de traições, mentiras e todos os meus padrões de instabilidade, falta de respeito, que eu não aceitava, não achava que isso era problema. Mas, tinha uma voz interior que dizia que eu tinha que parar, tudo o que eu fazia e nunca contei para ninguém e nunca falava para ninguém, escondia isso e era a maior dor, me deixava doente, ter que esconder, mentir, guardar, não poder colocar para fora como eu faço aqui no DASA para falar e esvaziar. Minhas traiçoeiras mentiras, fui limpando minha lata de lixo. Estou namorando, agora estou em uma relação sem falta de respeito, eu pensei que era todos os relacionamentos que tinham brigas. Em um relacionamento a dois não é fácil, todo o dia é aprendizado, esperar, não exagerar, não gritar, não brigar por picuinha, não trair e não ter ciúme, minha cabeça tenta voltar” (Registrado em 04/11/2023).

“Meu problema nesse momento é obsessão romântica, dependência afetiva que me fez descer no fundo do poço. Eu vacilei. Meu último relacionamento, me colocou numa *bad* terrível, me envolvi com um cara que gostava muito de mim, queria casar comigo, cai na obsessão. Na primeira

⁴⁰ Com esse aporte, Sardemberg (2015), estabelece um panorama acoplado ao conceito de “posicionalidade”, advindo de Wendy Hulko.

oportunidade, ele me aprontou. Não sei se praticou sexo com outra pessoa, mas peguei ele conversando e trocando nudes, quando descobri, isso criou um aspecto que todas minhas relações falam mais alto, eu surtei, bebi, sai da casa dele que é em outra cidade, de madrugada, voltei, não nos falamos mais, isso me deixou muito chateado por não ter dado certo, sinto que sou culpado, como se eu tivesse jogado para o alto, sempre foi assim no amor, não consigo, é como se para ser feliz preciso estar com outro, o caminho não é esse, mesmo depois de ser traído, eu fiquei *stalkiando* o perfil dele, não é legal, é doloroso, mas preciso ser forte, cuidar de mim (Registrado em 19/10/2023).

Quanto ao ciúme, enquanto subsídio para violências interseccionais, percebe-se o quanto trata-se de um mecanismo impetuoso. Em concordância com Marcianne Blévis (2009), no seu livro “O Ciúme - Delícias e Tormentos”, pode-se compreender como o ciúme é descrito como uma forma de tortura, muitas vezes imprescindível da linguagem violenta afetiva, que contraditoriamente, pode levar a finais sentidos como felizes. Em seu olhar de psicanalista, é possível extrair componentes sociais do ciúme, como um cimento que se solidifica no afeto, como uma inquietude que se edifica nas relações afetivas, que são colocadas associadas a paixão intensa, porém com a insegurança constante e persecutória, como forma de certeza adicional, a convicção de que, passe mais dias ou menos dias, caso ainda não tenha ocorrido, haverá alguma infidelidade.

Desse ponto, segundo Blévis (2009), o relacionamento se esvai, contraindo e criando qualquer sinal ínfimo de traição da pessoa amada, prevendo mentiras das quais acredita ter o poder de antecipar, espreitando com desassossego algum sinal de desamor, ofegando em torno da ideia violenta de ser enganado, tornando-se alguém deplorável através de alguém codificado como carrasco, porém muitas vezes a própria pessoa, na ânsia de se frustrar, acaba provocando os próprios tormentos temidos, associando assim, o ciúme com um sentido francês “*jalousie*”, que é uma pequena janela de madeiras, pela qual pode se enxergar e espiar, sem ser notado.

Para a autora, o ciumento se considera um eterno incompreendido, criando um ciclo onde pode até prever, com razão, o insucesso e infortúnios de suas relações amorosas, todavia se equivoca ao responsabilizar e externar a sua derrota, se eximindo como parte do processo, configurando-se em experiências de se sentir volúvel no amor, mas fiel ao ciúme, chegando a criar a

identificação de incapacidade de se relacionar afetivamente quando não houver ciúmes (BLÉVIS, 2009).

Justamente nesta abertura, que é gerada pela fissura do ciúme, tem se empreendido estudos sobre o conceito de compersão, que alude aos acordos sexuais e afetivos priorizando a superação ou a inexistência do ciúme. Investe-se, neste ideário, na descentralização do amor romântico, ou seja, subtrair a intenção da relação amorosa estar em um centro de redoma da vida, descontruindo hierarquias afetivas que são prejudiciais e levam a relações possessivas, dependentes, violentas e que impedem o pleno desenvolvimento humano e social.

Pesquisadoras como Brigitte Vassalo (2022), tem se empenhado em decifrar os obstáculos e as potencialidades que as lógicas poliamorosas tem inaugurado, trazendo novas perspectivas para o campo político dos afetos. Explicando que a ideia de poliamor não se configura exatamente pela quantidade de vínculos, mas sim pela qualidade relacional, pautada no cuidado mútuo, na cooperação e não pela confrontação e coerção.

Em uma adequação feminista, antirracista e antiLGBTfóbica, Vassalo (2022), crítica a centralidade histórica da monogamia e como mecanismos individualistas, que impõe e ensinam que as relações sexo-amorosas devem ter mais importância do que as demais relações afetivas, criando assim, padrões de dependência e isolamento social. O sistema monogâmico rege as relações em uma tendência exclusivista, que encobre comportamentos tóxicos ocorridos no âmbito da intimidade. Assim, forma-se uma hierarquia dos afetos, que também opera como hierarquia institucional, legitimada por processos históricos, que envolvem capitalismo e religião, criando bases consumistas, opressivas e egoístas.

Os nuances acessados por Vassalo (2022), questionam também que as reproduções de padrões monogâmicos, que podem ocorrer inclusive em relações abertas, nas quais a dor e o sofrimento podem arruinar emoções, especialmente quando se reproduz uma monogamia estendida, na qual se copiam estruturas heteropatriarcais e ascende-se um domínio neoliberal, onde impera um individualismo consumista, que exalta a apropriação de corpos, como se fossem capitais ou propriedades privadas a serem acumuladas.

Pode-se realçar como este debate traz não só um olhar para as conjunturas políticas e econômicas, como também para as concepções

artísticas, abolicionistas, com críticas à frente do pensamento acadêmico, tal como encontra-se em Takazaki, Tavares e Núñez (2020), no livro “Não Monogamia LGBT+”. Subverter tais lógicas, não é um processo instantâneo, demanda envolvimento coletivo e outros marcos afetivos e relacionais.

Nessa situação complexa devemos tratar de, coletivamente, estabelecer alianças, talvez com quem primeiramente era impensável, e criar técnicas de resistência aos diversos regimes de controle e produção da subjetividade. [...] As nossas alianças mais próximas devem ser transgênicas, transexuais, anticoloniais (PRECIADO, 2010, p. 26-27).

É pontual trazer em relevo o contraponto da violência, que tem como respostas resistências, que geram buscas por transformações e fazem das fissuras, um meio de adentrar no enfrentamento. O entendimento de que fortalecer redes de apoio, laços comunitários e expansões afetivas para além do circuito heterocêntrico e monogâmico, demanda uma sintonia social e cultural que, infelizmente, ainda está em parcos avanços. Embora seja imprudente não reconhecer tantas transformações nos vínculos, ainda se intenciona um arquétipo utópico das relações.

Butler (2018b), defende que através de práticas não-violentas, porém performativas, é possível criar reivindicações políticas, nas quais o gênero tenha seu direito de aparecer, enquanto sujeito político que deve ser visibilizado nos grupos, no mundo e suas coletividades. Com sua teoria performativa de assembleia, Butler (2018b), sugere como a não-violência deve ser um compromisso para fortalecer-se e organizar-se em grupo, tomando como modelar a ideia de “assembleia”. Em entrevista ao *Le Monde Diplomatique*, Butler (2020), enfatiza que o momento atual é um tempo de cuidado ao outro, ideal para elaborar redes de apoio, pois o afeto é um dos desafios do século XXI.

Torna-se crucial considerar como as políticas sociais, inclusive aquelas que reiteram o gênero, são armadas e aplicadas de maneira a configurar a morte das populações marginalizadas, das comunidades indígenas, das populações carcerárias e de quem, como resultado de políticas públicas racistas, nunca teve acesso a tratamentos de saúde adequados, por exemplo. Correlacionando a pobreza e a privatização de direitos, com as violências que perpassam as questões de gênero, Butler (2020), argumenta, em contrapondo a brutalidade do capitalismo, que esse sistema decreta quais vidas são valiosas e quais não são,

enquanto todas as vidas humanas na verdade, possuem valor. Para a pesquisadora, existe uma interdependência global entre as lógicas de mercado, seus princípios individualistas e as formações identitárias.

Fantasia de autossuficiência ainda são resquícios da cultura masculina, na qual as fantasias de autossuficiência nacional, assumem formas fracas (porém, atraentes) de ideologia, desse modo, a interseccionalidade (categoria teórica que focaliza múltiplos sistemas de opressão a um mesmo sujeito, em particular, articulando raça, gênero e classe), permite ilustrar quem é desproporcionalmente afetado (BUTLER, 2020). Ao passo em que há pífias restrições às corporações bilionárias que acumulam riquezas irrefreavelmente, também há uma estrutura econômica em que números crescentes de pessoas se encontram em condições limítrofes de vida, expostos à morte, acumulando precariedades.

Isso tudo ficou visível e excretado durante a pandemia, exaltando quem ficou desproporcionalmente desprotegido e exposto, ratificando como a morte está mais provável a quem está marginalizado, intensificando, de modo interseccional, o perigo frente as comunidades desprivilegiadas. Esses são desafios que demandam reflexões necessárias na contemporaneidade, onde a conexão e seus movimentos incorporam reivindicações.

Com esse arcabouço de conflitos, assinala-se como Butler (2020), indicou, é preciso fazer o possível para manter vivas as correntes de afeto, comunidades, alianças queer e solidariedade, que permaneceram online até poder, mais uma vez, demonstrar suas expressões efetivamente nas ruas.

Em tempo de encaminhar para as considerações finais das afetações e desconsertos acionados nesta pesquisa, ainda se mobilizam noções de bell hooks (2020)⁴¹. Nas leituras em “Tudo sobre o amor”, semeiam-se novas perspectivas sobre este tema, sugerindo que o amor, como ato, pode ser uma grande forma de transformação social pelo bem viver. A autora, traz muitos elementos da sua experiência, para traçar a defesa de que uma vida sem amor não vale a pena, entendendo que a sua percepção sobre a importância do amor foi justamente a partir da falta dele. Atingir essa consciência foi possível, pela

⁴¹ A escritora, pesquisadora, crítica e autora, deixou seu legado em 2021, com uma vasta produção acerca da correlação das dimensões feministas de gênero, classe e raça. Em licença poética ao seu nome artístico, adotado como homenagem a sua bisavó, a escrita “bell hooks” em minúsculo, enfatiza toda a substancialidade das suas escritas, que vão muito além de experiências individualizadas.

esmagadora dor e luto desencadeado de perdas, abandonos e anulações de amor, que fez despertar a intensidade do desamor. Por essa via, hooks (2020), interpreta também os caminhos da sociedade, atestando o quanto pode ser perigoso o atual panorama, que tem se afastado cada vez mais do amor, reprimindo expressões afetivas.

Acreditar na promessa do amor nas relações afetivas, tratando isso por muitas vezes com cinismo, pode gerar abismos que incitam medos, ódios, raivas e desesperos, refletindo em violências e violações. É bastante comum tratar do amor em toda a vida cotidiana e no meio artístico, como em novelas, filmes, músicas, na literatura e no teatro, mas é recorrente o tom ficcional e fantasioso, idealizando sentimentalismos e atração física (hooks, 2020). No entanto, a escritora retoma um amor real, evocado com bases de crescimento a si e ao próximo, enquanto ação transformadora que humaniza os relacionamentos e combate ao ódio.

Permeando uma noção de ética amorosa, bell hooks (2020), desmonta falácias de um amor romântico imposto, deformado, que aplica e naturaliza oscilações entre punições e recompensas, encorajando o mundo a se adaptar forçosamente a situações em que há a falta de amor. Nas relações familiares, segundo hooks (2020), a negligência e o abuso se aplicam com o amor e a violência andando em conjunto, perpetuando-se assim até a vida adulta. Perpassam neste plano componentes como honestidade e poder em contraposição com mentiras que são escondidas para reprimir vulnerabilidades.

Precisamente nesta ótica, se inserem conflitos nas esferas do amor próprio, como uma tarefa que demanda autoafirmação, trazendo para si a confiança, o conhecimento, o compromisso e a responsabilidade. Para hooks (2020), o amor próprio é uma base, sem a qual falham-se todos os outros esforços para ter contato com o amor que se deseja receber. Deve-se também estar com atenção, como indica a professora, para não resvalar em desvalorização ou no apelo a práticas de autoajuda, que trazem a espiritualidade como algo individual, quando o amor, na verdade, é um processo que deve ser nutrido de forma coletiva.

Em concordância com a teórica supracitada, são repensados modelos de educação, também estruturando que “sem justiça, não pode haver amor” (hooks, 2020, p. 72). Ao esmiuçar estas constatações, hooks (2020), demonstra como o amor é uma construção, enquanto tal, não somente as práticas familiares são

colocadas em voga, mas aspectos como mundo do trabalho, gênero, raça e classe.

As dinâmicas desde o período colonial criaram artifícios nocivos e repressões de emoções, então o amor torna-se um ato político, como um afeto que possibilita a reconstrução e mostra que as suas possibilidades são amplas, prolongando-se não só na morte, mas na cura. Em suma, o despertar para o amor só pode acontecer despedindo-se da obsessão pelo poder e pela dominação” (hooks, 2020).

Entre tantas mazelas e lutas cotidianas, é imperativo pensar como o amor pode ser uma estratégia de restauração de vínculos, capaz de transformar e subverter dinâmicas, agindo em contraposição a mecanismos danosos e sistemas violentos que danificam as relações afetivas, tais como o racismo, capitalismo, LGBTfobia, o patriarcado, o capacitismo. Há uma árdua demanda coletiva que anseia pelo amor como resposta, como caminho, como um destino em busca de não se tornar indigno deste afeto, todavia é preciso salientar, inspirando-se em bell hooks, que esta é uma ação que deve ser pautada criticamente, pois o amor, nunca é simplesmente um sentimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perseverança, ganhou do sórdido fingimento, e disso tudo, nasceu o amor!
(Jorge Ben Jor)

Para abrir caminhos nas encruzilhadas das demandas trabalhadas nessa pesquisa, foi necessário muito discernimento, adequando marcos teóricos como chaves de leitura coerentes, para tentar dar conta de um debate complexo, nebuloso, que provoca e de alguma forma afeta, com dilemas humanos que geram desconfortos e inquietações necessárias. Pode-se asseverar que a construção deste trabalho foi tão árdua quanto os temas espinhosos que foram tocados aqui.

Nessa trajetória de pesquisa, não se encontraram somente adversidades, mas também esperanças de transformação e de recuperação de vínculos afetivos, enquanto tarefa social e coletiva. Processos de reciclagem e restauração das fissuras das experiências, são tão emergentes quanto a sensibilidade frente a tantos desafios. São violências de todos os lados, dificuldades de se relacionar, falta de compreensão acerca dos próprios desejos e incompatibilidade da possibilidade de realizar-se enquanto ser potente. São refluxos que perpassam as relações afetivas, sexuais, encobrendo o acesso ao prazer numa amalgama de controles e violências.

A violência, em conluio com o sofrimento, atinge o que se cogita ter de mais amoroso, invade as telas, adentra os laços, não poupa a infância, quebra acordos, transita nas redes, camufla segredos e oculta desejos, criando um ciclo que é múltiplo e dinâmico. Gênero, corpo, sexualidade, raça e classe, enquanto dimensões performativas, encontram-se nas dobras da violência, nas camadas e nas fissuras. Tais engendramentos, podem passar ditames por meio de componentes “não ditos” ou por searas que são ocultadas das relações dominantes, que sufocam, apagam e deslegitimam existências, mesmo assim, os padrões descortinam o que individualmente não é possível prever. Nas relações coletivas, nas quais o racismo, machismo e LGBTfobia se propagam, há uma base de sociabilidade que alimenta padrões violadores. Nas rasuras dos arquétipos relacionais, se retroalimentam. Ou seja, somente com estes paradigmas sociais, é possível que se proliferem espaços como os do DASA.

Para lapidar dados que fizessem sentido para essas problemáticas, foi preciso uma metodologia adequada, com um quadro teórico coerente, qualificando um debate assertivo e crítico. Com isso, as experiências formaram um grande bloco de dados, que demarcou tópicos de debate no trabalho, no qual além dos pressupostos epistemológicos, que partiram de uma base de produção acadêmica feminista, foi possível transitar em leituras com enfoque queer, com aporte da sociologia crítica e linguagens voltadas para as dissidências, trazendo um viés interseccional e apontamentos decoloniais. Com ênfase das contribuições de Judith Butler e bell hooks, adentrou-se nas contradições dos vínculos afetivos, que são motores propulsores de violências das mais variadas estirpes. No que tange a centralidade relacional de desigualdades, em um contexto neoliberal e capitalista, descortina-se uma noção de humanidade deturpada, que pune e viola, impondo padrões.

Esse universo analítico exigiu bastante engajamento, investimento e criatividade, ainda mais exacerbado por uma pandemia, em meio à uma crise política de ascensão reacionária de extrema direita, que fizeram as dificuldades se evidenciarem de modo bem específico. Sair pela tangente foi possível, utilizando de recursos tecnológicos e digitais, usufruindo de plataformas e ambientação virtual, fazendo uma adaptação das técnicas e das ferramentas empregadas na pesquisa. Foi preciso redobrar os critérios de estudo, resgatando toda uma sustentação metodológica para fazer com que o trabalho fosse levado adiante. Essas reformulações enriqueceram de modo significativo a incursão etnográfica que foi desenvolvida junto ao DASA, agregando ao acervo de dados levantados e dando contornos substanciais para a experiência.

A densidade dos relatos compartilhados, atrelado a tarefa de registrar e organizar as narrativas, foi parte de um exigente processo, no qual a ética foi imperativa no tratamento dos dados. Foram pautas delicadas, de cunho pessoal, onde teve-se bastante cuidado de não adentrar nessas caracterizações, trazendo, nos fragmentos das experiências, a observação da dimensão social, cultural, econômica e política que engloba os cenários retratados. O anonimato das falas, a confidencialidade e respeito sobre as doutrinas do DASA, foram imprescindíveis para realizar essa pesquisa.

O DASA foi um caminho para a pesquisa e não a sua atividade fim. Tomando como compromisso não entrar no mérito dos usos, funcionamentos e efeitos do grupo em si, não se teve o objetivo de investigar ou dar enfoque as

normas e compreensões que o DASA desenvolve. Não se buscou, com este material, atestar a efetividade das irmandades de mútua-ajuda ou deslegitimar suas intervenções. É um fato que seu espaço gera interações padronizadas, que podem ser estudadas desde este ponto de percepção. O que se constata, nesta produção, é que há uma padronização marcada por elementos propulsores em termos sociais mais amplos, ou seja, as narrativas proferidas no DASA, versam sobre experiências que só se tornam possíveis em um contexto no qual gênero, raça e classe motivam tantas desigualdades. Sem essa seara de preconceitos e discriminações, talvez não haveria uma necessidade de espaços como o DASA. Mais do que isso, não seria possível que narrativas desta ordem, fossem coletadas, pois elas só se tornam viáveis em um universo social que advém de práticas excludentes.

Tomando termos e codificações advindos do campo, que foram ressignificados através das teorias elencadas, foi possível gerar indagações, trazendo ao centro situações que se encontram inacabadas do ponto de vista social. São processos que estão em curso. Assim, ainda se sublinha a necessidade de dar continuidade aos inventários sócio-afetivos que foram inaugurados neste trabalho.

Torna-se laboriosa a exigência de alcançar tamanha gama de assuntos que foram tratados no campo. O que aqui foi compartimentalizado, com a pretensão de obter resultados específicos, restringe as narrativas, acentuando o olhar para as chaves de leitura propostas. No entanto, ainda teriam muitas camadas para serem desdobradas. Ao mesmo passo, mais do que respostas, geram-se muitas questões, direcionadas por identificações. Assim, há de se reconhecer que tiveram temas que não foram contemplados.

Igualmente, ainda teriam inúmeras produções e referências que poderiam ter sido agregadas ao trabalho, tanto no campo de gênero e sexualidade, como da sociologia da violência e da afetividade ou mesmo sobre as relações no ambiente digital. Por certo que tais embasamentos não foram indicados ou citados por menor apreço, mas sim, porque há uma limitação. Não se pretende dar por encerrado as constatações desta tese, mas sim, construir um alicerce, para tocar em sistemas complexos, apresentando-se como uma bússola de indicações, que contribui com sugestões de caminhos, mas sem a pretensão de chegar a um desfecho fixo.

Uma das vias dessa trajetória, leva a um ponto importante que é pensar as relações afetivas e a violência, correlacionada com o eixo das vinculações no âmbito da família e dos sentidos do amor. Paralelamente, situam-se as fissuras do desejo, da performatividade e da matriz dominante heteronormativa. Acarreta-se uma seara de dores, sofrimentos, coerções, compulsões e punições. O prazer, em plano de fundo, subestima as algemas do controle. Se entrelaçam, nessa lógica, as normas sociais com a intimidade, bem como as questões culturais com a esfera emocional e psicológica. Elementos como religiosidade, espiritualidade e autoconhecimento, mesclam-se com terapias, recursos medicamentosos e consultas psiquiátricas.

Em um jogo de forças, o corpo social se envolve em padrões violentos que são normalizados, reproduzindo atrocidades, não só contra outras pessoas, mas contra si mesmo. A idealização das aparências, revela contrapontos de relações reais, que são tomadas por fracassos, reconciliações forçadas, traições e segredos que se perpetuam em diversificadas ramificações. A angústia dessas formulações, transpassa utopias transformadoras, que demandam pela saciedade de afetos e clamam por tornar palpável relações não-violentas.

Essa busca por um retorno ao desconhecido, se faz pensar o quanto é insustentável o reconhecimento das reivindicações. Mas, a utopia é o que faz seguir o caminhar. Nas dialéticas do amor, compreende-se que as ciências humanas e sociais, tem buscado decifrar as estruturas coletivas e as condutas de subjetivação. É salutar ressaltar os entrecruzamentos ou reciprocidades constitutivas que há entre as intersecções sociais e distintas relações individuais.

Neste sentido, reflete-se sobre como tais reciprocidades constitutivas ocorrem entre as relações de gênero e sexualidade, com experiências de violência e de dependência sexual e afetiva. Assim, a heteronormatividade está presente tanto nas relações sociais de pessoas dependentes de amor e de sexo, como também nas relações sociais de violência contra pessoas LGBT. Essas são exemplificações de relações reciprocamente constituídas dentro do universo heteronormativo. Relações de gênero e de sexualidade que subjazeriam situações de compulsão sexual, de dependência amorosa e de violência contra pessoas LGBT, guardam em comum narrativas da heteronormatividade, da hétero-normatividade violenta e excludente.

Ainda assim, as relações são dinâmicas, não só são ambivalentes, como são polivalentes, ou seja, são multifacetadas. Compreender como narrativas

relacionadas as relações sociais de gênero e sexualidade se inter cruzam com a violência e com a heteronormatividade, foi possível através de uma investigação acerca de experiências que incluem dependência amorosa, compulsão sexual, isolamento, assim entende-se o quanto as relações de gênero e sexualidade vão de encontro a violência heteronormativa.

Para identificar como ocorre a manutenção da heteronormatividade, a partir de conflitos nas relações de gênero e sexualidade, partiu-se de um embasamento sociológico, analisando a violência, enquanto fenômeno social que é constituinte da heteronormatividade e está presente nas narrativas e nas trajetórias pessoais, sendo tecida em diferentes “casos”, ou seja, em correlações de experiências performáticas.

Apesar de focar nas relações afetivas que são atravessadas pelo gênero, sexualidade e violência, vale ressaltar que as análises desenvolvidas sobre estas reciprocidades constitutivas, tiveram como fio condutor a heteronormatividade em suas diferentes expressões, percorrendo por um emaranhado de histórias concernentes a atores sociais envolvidos em diferentes contextos.

Verificar os conflitos, as brechas, os interstícios, as fissuras e as disjunções, possibilitam não somente compreender como gênero e sexualidade se entrelaçam na construção de experiências que se relacionam com violência e heteronormatividade, mas também incitar que os sujeitos subvertam as normas de gênero, indagando o que pode acontecer com a sexualidade quando ela percorre desvios da sua descontinuidade, confrontando a norma dominante e os ditames do caráter a-social da abjeção sexual.

Mesmo quando os padrões resultam em um rompimento com a norma, não significa a não continuidade da sociabilidade. Portanto, é preciso questionar como os laços humanos tem criado padrões de relacionamentos que são constantemente abusivos e destrutivos, mas por haver um envolvimento nessas situações que provocam tantos males, acaba não se entendendo tais vivências como malélicas. É recorrente também o julgamento, que impede de olhar para si e para a sociedade e perceber que pode sim haver outros formatos de se relacionar. No entanto, os preconceitos, as dificuldades em se conectar nas necessidades coletivas, repercute em julgar o padrão de relacionamento alheio, com lentes individualistas.

Quando são gerados sentimentos de julgamentos, também é recorrente apontar anormalidades, padrões de patologias que são impostos socialmente e podem não ter reflexo acerca de como a própria pessoa realmente se sente. Ou seja, não é uma questão individualizada, tal como a orientação sexual, vícios em sexo ou em dependência amorosa que estão, de fato, no componente nevrálgico do patológico, mas sim a forma como a sociedade se organiza, que leva a um padrão de relacionamento que acaba sendo doentio socialmente, que incita situações de risco para promover euforias, que espetaculariza a violência pelo prazer da ojeriza, que enaltece o sofrimento para alegar conquistas.

Para uma apreensão social, não se trata, necessariamente, de pautar aquilo que se gosta subjetivamente, ou reduzir explicações ao que se sente, baseando em dualismos, mas sim de evidenciar que há uma organização coletiva da sociedade, onde se eleva um estilo de vida que prima justamente pelo contrário: não se permite ter tempo de entendimento, de explorar os próprios desejos. Assim, o que deveria ser prazeroso, acaba se tornando em um relacionamento danosamente destrutivo.

Questiona-se, então, como pode se tentar equalizar um nível de aceitação e de espaço para conseguir viver aquilo que se sente e os seus desejos, sem necessariamente ser sucumbido pelo sofrimento. Não se trata de pensar somente o ser individualmente, pois o que está no seu entorno, pode levar a determinadas atitudes e experiências de situações desgostosas, não por fatores pessoais, mas por toda uma conjuntura do que está a sua volta. Mesmo que fosse o caso de culpas individuais, estas não subtraem a demanda urgente por uma forma coletiva de amar, mais livre de tanta imposição e da ânsia por encaixar os desejos, mais próxima de uma ampliação ética dos afetos e relações sociais comunitárias, de cuidado mútuo e acolhimento, onde a violência, enquanto imperativo relevante dos processos sociais, assuma outros contornos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': Novos matizes na aquarela das masculinidades?. **Revista Estudos Feministas**, n. 20, vol. 2, p. 513-523, mai./ago., 2012.

BARBOSA, Mônica. **Poliamor e relações livres: do amor à militância contra a monogamia compulsória**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

BECKER, Howard. **Segredos e truques da pesquisa**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. **Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2015.

_____. Máscaras heterossexuais, desejos homossexuais. **Cadernos Pagu**, n. 12, São Paulo, 2017. Acesso em: 05 nov. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449201700510021>>.

BLÉVIS, Marcianne. **O Ciúme - Delícias e Tormentos**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BORTONI, Larissa. **O Brasil é o país onde mais se assassina homossexuais no mundo**. Brasília: Senado, 2018. Acesso em: 02 out. 2018. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo>>.

BRASIL. **Manual de orientação para atuação em mídias sociais: identidade padrão de comunicação digital do Poder Executivo Federal**. Brasília, 2014.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Cuerpos que importam: sobre los limites materiales y discursivos del "sexo"**. Buenos Aires: Paidós, 2002a.

_____. **Is Kinship Always Already Heterosexual?** *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, n.13, vol.1, p. 14-44. 2002b.

_____. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Deshacer el Género**. Tradução de Patricia Soley-Beltran. Barcelona: Paidós, 2006.

_____. Desdiagnosticando o gênero. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 95-126, abr. 2009.

_____. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu**, n. 42, jan./jun., pp. 249-274, São Paulo, 2014.

_____. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. São Paulo, Autêntica, 2015.

_____. Por uma leitura cuidadosa. Trad. Fernanda Veríssimo. In: BENHABIB, Seyla (Org). **Debates feministas: um intercâmbio filosófico**. Editora UNESP Digital, 2018a.

_____. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018b.

_____. **Quando a economia se torna o berro agonizante dos eugenistas**. Entrevista com Judith Butler a Juan Dominguez e Rafael Zen. Site Jornalístico Le Monde Diplomatique, 2020. Acesso em: 16 jul. 2023. Disponível em: <<http://x.gd/4YLIM>>.

CAMARGO, Isadora; TERRA, Carolina. Faces da conectividade: Plataformas, Influência e Usuários – entrevista com José van Dijck. **Revista Parágrafo**, v.5, n. 1, 2017. Acesso em: 05 ago. 2021. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/570>>.

CARSTEN, Janet. **After kinship**. New York: Cambridge University Press, 2004.

CASTRO, Rosangela de Barros. **Amor e ódio em relações “conjugays”**. In: GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz (Orgs). **Conjugualidades, Parentalidades e Identidades Lésbicas, Gays e Travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2011.

CORNELL, Durcilla. O que é feminismo ético? Trad. Fernanda Veríssimo. In: BENHABIB, Seyla (Org). **Debates feministas: um intercâmbio filosófico**. Editora UNESP Digital, 2018.

CRETTEZ, Xavier. **As formas da violência**. São Paulo: Loyola, 2011.

CSORDAS, Thomás. **Modos somáticos de atención**. In: CITRO, Silvia (Org.). **Cuerpos plurales: antropologia de y desde los corpos**. 1.ed. Buenos Aires: Biblos, 2010.

DUBET, François. **A crise revela desigualdades que eram invisíveis**. Evista IHU Online. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2020. Acesso em: 25 out. 2022. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598753-a-crise-revela-desigualdades-que-eram-invisiveis-entrevista-com-francois-dubet>>.

EFREM, Roberto Cordoville de Lima Filho. **Mata-mata**: reciprocidades constitutivas entre classe, gênero, sexualidade e território. (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas): Campinas, 2017.

ESTEBAN, Mari Luz. Antropología encarnada. Antropología desde una misma. **CEIC** (Centro de Estudios sobre la Identidad Colectiva), n.12, Universidad del País Vasco, 2004. Acesso em: 26 ago. 2020. Disponível em: <<http://www.ehu.es/CEIC/papeles/12.pdf>>.

FACCHINI, Regina. Movimento Homossexual no Brasil: recompondo um histórico, **Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth**, São Paulo, v.10, n.18/19, 2003.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Carolina Branco de Castro. **Desejos regulados**: grupos de ajuda mútua, éticas afetivo-sexuais e produção de saberes. (Tese de Doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH, Unicamp: São Paulo, 2012.

FLICK, Uwe. **Qualitative Sozialforschung**: Eine Einführung. Ed.6. Auflage (rowohlts enzyklopädie) Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FRANCH, Mônica; NASCIMENTO, Silvana. A produção antropológica em gênero e sexualidades no Brasil na última década (2008-2018). **BIB** - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, São Paulo, n. 92, p. 1-29, abr. 2020.

GAGNON, John. **Uma interpretação do desejo**: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: CLAM/Editora Garamond, 2006.

GENERESTI, Guilherme. **“Quanto mais parceiros eu tenho, mais vazio me sinto”, diz estudante**. Site Jornalístico Folha de São Paulo, 2014. Acesso em: 15 jul. 2023. Disponível em: <<https://m.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2014/01/1397262-quanto-mais-parceiros-eu-tenho-mais-vazio-me-sinto-diz-estudante.shtml>>.

GERGEN, Mary McCanney (Org). **O pensamento feminista e estrutura do conhecimento**. Trad: Ângela Melim. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1993.

GERGEN, Mary McCanney. Rumo a uma metateoria e metodologia feministas nas Ciências Sociais. In: GERGEN, Mary McCanney (Org). **O pensamento**

feminista e estrutura do conhecimento. Trad: Ângela Melim. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1993.

GREGORI, Juciane de. Feminismos e resistência: trajetória histórica da luta política para conquista de direitos. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v.30, n. 2, Jul./Dez. 2017.

GREGORI, Juciane; ZAMBONI, Marcela. Relações afetivas e violência: sentidos da transfobia no contexto familiar e amoroso. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

GRIMM, Raíssa Éris Cabral. **Abrindo os códigos do tesão**: encantamentos de resistência entre o trans-feminismo pós-pornográfico. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina (Centro de Filosofia e Ciências Humanas): Florianópolis, 2015.

HARAWAY, Donna. Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. **Feminist Studies**, vol. 14, n. 3, p. 575-599, U.S., 1988.

HEILBORN, Maria Luiza. **Corpos na cidade**: sedução e sexualidade. In: VELHO, Gilberto (Org.). Antropologia Urbana. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.

HINE, Christine. **Etnografia Virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004. Acesso em: 05 ago. 2021. Disponível em: <<http://ethnographymatters.net/blog/2013/11/29/christine-hine-on-virtual-ethnographyse3-internet/>>.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante Editora, 2020.

ILLOUZ, Eva. **No coração pulsante da cultura** – Entrevista com Eva Illouz. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2016, pp. 299-308.

HUBBARD, Ruth. Algumas Ideias sobre a Masculinidade das Ciências Naturais. In: GERGEN, Mary McCanney (Org). **O pensamento feminista e estrutura do conhecimento**. Trad: Ângela Melim. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1993.

KOZINETS, Robert. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LAURETIS, Teresa de. **Alice Doesn't**: Feminism, Semiotics, Cinema. Bloomington Indiana University Press, 1984

LEÓN, Adriano. No embalo da suingueira: o uso da etnocartografia na investigação das redes sociais. **Política & Trabalho** - Revista de Ciências Sociais, João Pessoa, n.42, p. 237-254, jan./jun. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 9, p. 541-553, jul./dez. 2001.

MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Revista Esboços: histórias em contextos globais**, Dossiê Corpo e História, n.9, v.9, p. 87-101. Universidade Federal de Santa Catarina, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/563>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

MAUSS, Marcel. **As técnicas corporais**. In: MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: EPU, 1974.

MELLO, Luiz. **Novas famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

_____. Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 8, n. 11, p. 51-78, 2015a. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/6543>>. Acesso em: 18 jul. 2023.

_____. Discreto e fora do meio – notas sobre visibilidade sexual contemporânea. **Cadernos Pagu**, n. 44, pp. 61-90, 2015b. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8637319>>. Acesso em: 18 jul. 2023.

_____. Sociologia digital: notas sobre pesquisa na era da conectividade. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 6, p. 275-297. 2016.

_____. **Desejos Digitais: uma análise sociológica por parceiros on-line**. São Paulo, Autêntica, 2017.

MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia**, vol. 6, p. 132-156, jan./abr. 2018.

NASCIMENTO, Silvana. A cidade no corpo: diálogos entre corpografia e etnografia. **Ponto Urbe - Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, São Paulo, v. 19, p. 1-12, dez., 2016. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/3316>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021

PARAÍBA. **Lei nº 8873/2009**. Dispõe sobre a criação dos Cargos de Delegado Titular e de Chefe de Cartório da Delegacia Especializada de Crimes

Homofóbicos da Capital, alterando o anexo II, da Lei nº 8.186/2007 e dá outras providências. Poder Legislativo: DOU, 2009.

_____. **Decreto nº 37.824 de 20 de novembro de 2017.** Transforma a Delegacia Especializada de Repressão aos Crimes Homofóbicos da Capital em Delegacia Especializada de Repressão aos Crimes Homofóbicos, Étnicos-Raciais e Delitos de Intolerância Religiosa da Capital – DECHRADI. Poder Legislativo: DOU, 2017.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar, São Carlos, v. 2, n. 2, p. 395-418, jul./dez. 2012.

_____, Larissa. Narrativas infiéis: notas metodológicas e afetivas sobre experiências das masculinidades em um site de encontros para pessoas casadas. **Cadernos Pagu**, n. 44, jan./jun., pp. 31-60, São Paulo, 2015.

PEREZ, Tatiana Spalding; PALMA, Yáskara Arrial. Amar amores: o poliamor na contemporaneidade. **Psicologia & Sociedades**, n.30, p. 1-11. 2018.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta, 2018

PRECIADO, Paul. Transfeminismo no Regime Fármaco-Pornográfico. In: **Le cinque giornate lesbiche in teoria**. Tradução de Thiago Coacci. Roma: Futura Editrice, 2010.

_____. Multidões Queer: notas para uma política dos “anormais”, **Estudos Feministas**, n. 19, vol. 1, jan./abr., Florianópolis, 2011.

REA, Caterina Alessandra; AMANCIO, Izzie Madalena Santos. Descolonizar a sexualidade: Teoria Queer of Colour e trânsitos para o Sul. **Cadernos Pagu**, n. 53, São Paulo, 2018.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero, **Estudos de Psicologia**, n. 11, vol. 1, pp. 65-69, Rio de Janeiro, 2006.

SAMPAIO, Paulo. **Reunião de dependentes de amor e sexo tem o dobro de pessoas na quarentena**. Site jornalístico Uol, 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/paulo-sampaio/2020/05/31/reuniao-de-dependentes-de-amor-e-sexo-tem-o-dobro-de-pessoas-na-quarentena.htm>>. Acesso em: 05 ago. 2021.

SANDAY, Peggy Reeves. A reprodução do patriarcado na antropologia feminista. In: GERGEN, Mary McCanney (Org). **O pensamento feminista e estrutura do conhecimento**. Trad: Ângela Melim. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1993.

SARDENBERG, Cecilia. Caleidoscópios de gênero: gênero e interseccionalidades na dinâmica das relações sociais. **Mediações**: Revista de

Ciências Sociais, 20(2), p. 56-96, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2015v20n2p56>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SCHPUN, Mônica Raisa (Org). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. **Proj. História**, n. 16, p.297-325, São Paulo: PUC-SP, fev., 1998.

SEGATO, Rita Laura. **Las estructuras elementales de la violencia**: ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos. 2.ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

SOUSA, Renata Floriano de. Cultura do estupro: prática e incitação à violência sexual contra as mulheres. **Estudos Feministas**, n. 25, vol. 1, jan./abr., Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n1p9>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: EDUFMG, 2010.

_____. **In Other Words**: Essays in Cultural Politics. Nova York, 1987.

TAKAZAKI, Silmara Simone; TAVARES, Jéssica Cristina; Núñez Geni (Orgs). **Não Monogamia LGBT+**: pensamento e artes livres. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2020.

VAN DIJCK, José. **The culture of connectivity**: A critical history of social media. New York: Oxford University Press, 2013.

VASSALO, Brigitte. **O desafio poliamoroso**: por uma nova política dos afetos. Tradução de Mar Bastos. São Paulo: Elefante Editora, 2022.

VEENA, DAS. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. **Cadernos Pagu**, n. 37, jul./dez., pp. 9-41, São Paulo, 2011.

VICTORA, Ceres. Sofrimento social e a corporificação do mundo: contribuições a partir da Antropologia. **RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, p. 3-13, dez., 2011. Acesso em: 11 fev. 2021. Disponível em: <www.reciis.iciict.fiocruz.br>.

ANEXOS

ANEXO I – Panfleto: O que é DASA?

O que é retirada (Síndrome de Abstinência)?

A retirada é um processo pelo qual passam dependentes de amor e sexo em seguida à decisão de interromper o padrão dependente. Pode causar uma variedade de sintomas que precisam ser esperados e é mais tolerável na companhia de outros D.A.S.A.'s. Sintomas tão dolorosos como os da retirada de drogas e álcool são comuns. Um desejo e uma ansiedade intensos emergem, também ocorrem medo, pensamentos suicidas ou obsessão com doença, velhice ou morte. Depressão, perda, raiva, negação e "fantasias cor-de-rosa" podem ocorrer em várias combinações.

O que é negação?

Negar que um problema existe é uma forma comum de resistência dos novos e de outras pessoas com problemas para reconhecer sua dependência de amor e sexo. As várias formas de negação incluem os seguintes pensamentos: "EU não estou tão mal como as pessoas que vejo nas reuniões", "Não sou um dependente de amor e sexo, eu venho de uma família boa", "Uma vez não vai fazer mal", "Vou vê-lo(a), mas não vamos transar", "Nós vamos ser apenas amigos", "Ele(a) não vai me deixar partir, por isso não posso me libertar". A aceitação do programa do D.A.S.A. numa base diária elimina a negação.

Porque acreditamos que é tipo de dependência?

Rich M., um dos fundadores do D.A.S.A., define assim a palavra dependência:

"...o uso de uma substância ou atividade, com o propósito de diminuir o sofrimento e aumentar o prazer, por uma pessoa que tenha perdido o controle sobre a quantidade, a frequência e duração de seu uso e cuja vida se torna progressivamente ingovernável como consequência do uso."

Acreditamos que isto é uma dependência; não há porque necessitemos recorrer ao sexo e ao amor romântico mais que os outros, sendo pelo motivo que nos impulsiona. A diferença das pessoas "normais" é que utilizam o amor e o sexo para satisfazer necessidades normais; nós, dependentes, fazemos uso dos mesmos para diminuir o sofrimento que nos produzem os problemas em outras áreas da vida. Passamos a buscar alguém ou algo que nos "ajude a escapar de tudo Isto" e tratamos de fugir da realidade por completo. Chegamos a um ponto em que usamos as sensações que o sexo e o amor romântico nos produziam, por mais passageiras que estas fossem, como substitutos de outras satisfações, como consolo a uma falta de afeto, real ou imaginária, ou como evasão ou desculpa para nos desentender com uma vida que estamos convencidos que produz somente dor.

Está claro que nós não somos os únicos que tratamos de escapar dos problemas da vida através de aventuras românticas e sexuais. A diferença radical está em que nós perdemos o controle e não sabemos como parar. Sacrificamos a intimidade e a autenticidade emocional em nossas relações com os demais, a solidão e a ansiedade aumentam, nossa perda de controle produz consequências ainda mais sérias.

Posso esperar ter amor e sexo novamente?

Amor e sexo, num contexto de verdadeiro companheirismo, não parece alimentar a dependência. Esse tipo de relacionamento parece conter o que era tão desesperada e futilmente perseguido em todos os cantos. A jornada para tal companheirismo requer muita auto-reformulação antes que a reconstrução possa recomeçar. Primeiro, um sentimento de inteireza e dignidade se desenvolve através da manutenção da sobriedade, numa base diária e através do trabalho dos 12 Passos. A Integridade pessoal é um resultado natural do desejo de acreditar em Deus, limpar a casa e ajudar outros,

Apesar do restabelecimento ser difícil, este estilo de vida nos está proporcionando uma nova liberdade e uma profunda convicção de que a vida tem sentido. O Programa de D.A.S.A. nos tem dado uma verdadeira autonomia pessoal e o respeito a nós mesmos. Estes atributos vieram acompanhados da capacidade para nos relacionarmos, baseados num amor autêntico e na intimidade, seja com os filhos, cônjuges e com os amigos.

Ao compartilharmos nosso sofrimento é possível que você queira beneficiar-se de nossa experiência de esperança e redenção. Venha e colabore conosco - em favor de ajudarmos uns aos outros, dia a dia, a descobrir a nossa verdadeira liberdade e dignidade.

D.A.S.A. lhe dá as boas vindas!

.....

Os países de língua portuguesa foram autorizados por The Augustine Fellowship, a utilizarem a sigla D.A.S.A. - Dependentes de Amor e Sexo Anônimos em lugar de S.L.A.A. - Sex And Love Addicts Anonymous, uma vez que mantenham o logotipo oficial de S.L.A.A.



Dependentes de Amor e Sexo Anônimos

O que é D.A.S.A?

Você não está mais sozinho...

<http://www.slaa.org.br>
E-mail: slaa@slaa.org.br



The Augustine Fellowship.
Sex and Love Addicts Anonymous.
Fellowship-Wide Services, Inc.

O que é D.A.S.A.?

D.A.S.A. - Dependentes de Amor e Sexo Anônimos é uma Irmandade que se baseia no programa de recuperação de 12 Passos de Alcoólicos Anônimos. D.A.S.A. é uma Irmandade de ajuda mútua, aberta a todas as pessoas de qualquer idade e orientação sexual. Entre seus membros se encontram tanto os que experimentaram uma necessidade compulsiva de sexo, como aqueles com um apego desesperado a uma única pessoa. Todos os membros têm um padrão comum de comportamento obsessivo/compulsivo, seja sexual como emocional (ou ambos), através do qual as atividades e as relações se vêm cada vez mais destrutivas e afetam todos os aspectos de suas vidas - a carreira, a família e o conceito de amor próprio. Como os D.A.S.A.s também são todos dependentes, eles têm uma compreensão especial de si mesmos e da doença. Eles sabem como a Doença funciona - e aprenderam como se recuperar dela através de D.A.S.A.. Podem assistir às nossas reuniões quaisquer pessoas que acreditem ter esse problema, independente de ter outro tipo de dependência (Alcool, Droga..) ou não.

D.A.S.A. foi fundado em Boston em 1976. Os membros que iniciaram eram pessoas que se haviam dado conta de que o sexo, o "coquetel romântico" e a dependência emocional estavam afetando as suas vidas da mesma forma em que o álcool e as drogas os haviam afetado. Suas experiências mostram que a promiscuidade sexual é um cultivo de hábito de relações destrutivas que não se pode vencer somente com a força de vontade. Muitas histórias típicas tem como protagonistas pessoas que visitavam assiduamente certos lugares, que tiveram repetidos contágios de enfermidades venéreas e o medo de serem descobertas por seus familiares. Outras não conseguiam evitar as relações destrutivas e em pouco tempo se encontravam em outras relações igualmente prejudiciais. Outras, finalmente, se dedicavam a atividades sexuais solitárias.

Apesar da relativa "juventude" desta Irmandade, muitas pessoas estão encontrando, enfim, esperança e restabelecimento ao compartilhar suas experiências com os outros membros. Muitos dependentes comprovam, pela primeira vez em suas vidas, que são capazes de manter relacionamentos de companheirismo e satisfação.

E o que é mais importante, estes membros têm uma nova visão da liberdade e dignidade pessoal. Alguns afirmam que, sem o apoio desta Irmandade, teriam o dilema de ter que viver entre a solidão aguda e o isolamento ou as relações e atividades dependentes que, por outro lado, os teriam levado ao suicídio.

Utilizamos cinco recursos básicos para combater as consequências perniciosas que a dependência de amor e sexo produz:

- **Sobriedade**
O desejo de parar de praticar nosso comportamento auto-destrutivo de dependência numa base diária.
- **Apadrinhamento/Reuniões.**
A capacidade de recorrer a um apoio acolhedor dentro de D.A.S.A.
- **Passos**
A prática do programa de recuperação dos Doze Passos para alcançar a sobriedade sexual e emocional.
- **Serviço**
A retribuição para a irmandade de D.A.S.A. do que continuamos a receber de graça.
- **Espiritualidade**
O desenvolvimento de uma relação com um Poder Superior a nós mesmos, que pode nos guiar e apoiar na recuperação.

Como Irmandade, D.A.S.A. não opina sobre questões alheias e evita controvérsias. Não está filiada a nenhuma outra associação, movimento político ou religioso. Nosso único objetivo comum é o de nos restabelecer da dependência de amor e sexo. Encontramos um denominador comum: um comportamento obsessivo e compulsivo em nossa conduta, o que converte as diferenças de sexo e de orientação sexual em algo secundário.

D.A.S.A. protege com especial cuidado o anonimato pessoal de seus membros, lembrando sempre que é o alicerce espiritual de nossas Tradições.

O que é dependência de amor e sexo?

D.A.S.A. acredita que a dependência de amor e sexo é uma doença progressiva que não pode ser curada, mas, como várias outras doenças, pode ser detida. Ela pode tomar várias formas - incluindo (sem limitar-se a) uma necessidade compulsiva por sexo, dependência extrema de uma pessoa (ou várias) e ou preocupação crônica com romance, flerte ou fantasia. Existe um padrão obsessivo/compulsivo, seja sexual ou emocional (ou ambos) em relacionamentos ou atividades sexuais que progressivamente se tornou destrutivo para a carreira, família e senso de auto-respeito. A dependência de amor e sexo.

Antes de vir a D.A.S.A., muitos dependentes de amor e sexo se consideravam párias sociais, pervertidos ou apenas

fracos. Outros ainda sentem que só estão perseguindo o que é de seu direito. Eles se sentem com permissão à auto-complacência. A teoria de D.A.S.A. é que os dependentes de amor e sexo são pessoas doentes que podem se recuperar se seguirem um programa simples que se mostrou válido para muitos homens e mulheres com a mesma doença.

O que é sobriedade?

Sobriedade é o retorno da opção, da sanidade e da dignidade pessoal que vêm de rendição à dependência de amor e sexo, seguido do envolvimento com o programa de recuperação de Doze Passos de D.A.S.A.. Não existem regras definidas para a sobriedade em D.A.S.A., da mesma forma que os padrões de dependência de amor e sexo variam. Contudo cada membro identifica seu comportamento dependente e fica 'sóbrio', se abstendo desse comportamento numa base diária.

O que D.A.S.A. sugere aos novos?

Na experiência de D.A.S.A. as pessoas que se recuperam são aquelas que seguem as seguintes sugestões:

- Definem seu comportamento dependente básico. Eles começam agora e reafirmam mais tarde, se necessário. Essa é a definição de sobriedade.
- Não praticam - só por hoje, essa hora, esse momento, não importa o que isso signifique.
- Frequentam regularmente as reuniões do D.A.S.A. Outras reuniões de irmandades de Doze Passos também podem ajudar.
- Juntam-se a um grupo de D.A.S.A. ou fundam um.
- Tornam-se ativos num grupo de D.A.S.A. e na Irmandade como um todo,
- Procuram por pessoas do D.A.S.A. que tenham ficado sóbrias por algum tempo e estabelecem com elas relacionamentos baseados na partilha mútua de experiência, força e esperança.
- Arranjam uma madrinha/padrinho ou conversam com uma pessoa do D.A.S.A., freqüentemente durante o período de retirada (síndrome de abstinência).
- Pedem ajuda a um Poder Superior diariamente, independente de sua crença ou descrença.
- Separam um tempo de oração a cada manhã dizendo "Me ajude a ficar longe de...só por hoje".
- Separam um tempo de oração em cada noite, expressando a gratidão pela ajuda recebida nesse dia.

ANEXO II – Panfleto: 40 Perguntas para o Auto-Diagnóstico

- 29 Você se envolve em prática de voyeurismo, exibicionismo etc., de forma que lhe trazem desconforto e dor?
- 30 Você se percebe precisando se dedicar e variar cada vez mais suas atividades amorosas ou sexuais, apenas para alcançar um nível "aceitável" de alívio físico e emocional?
- 31 Você precisa fazer sexo ou se "apaixonar" para se sentir um "verdadeiro homem" ou "uma verdadeira mulher"?
- 32 Você sente que seu comportamento amoroso e sexual é tão gratificante quanto empurrar uma porta giratória? Você está exausto?
- 33 Você está com dificuldades de se concentrar em outras áreas de sua vida por causa de pensamentos ou sentimentos relacionados a alguém ou a sexo?
- 34 Você se sente obsessivo por determinada pessoa e/ou atividade sexual específica, mesmo que esse pensamento lhe cause dor, ansiedade ou desconforto?
- 35 Você já desejou poder parar ou controlar suas atividades amorosas e sexuais por um determinado período de tempo? Já desejou ser menos dependente emocionalmente?
- 36 Você acha que a dor na sua vida só aumenta, não importa o que você faça? Tem medo que no fundo não tenha valor?
- 37 Você sente que lhe falta dignidade e inteireza?
- 38 Você sente que a sua vida amorosa/sexual afeta a sua espiritualidade de forma negativa?
- 39 Você sente que a sua vida esta ingovernável por causa de seu comportamento sexual e/ou amoroso ou das suas excessivas necessidades dependentes?
- 40 Você já pensou que poderia fazer coisas na sua vida se não fosse tão guiada pela busca sexual e amorosa?

Os 12 Passos de D.A.S.A.

- 1 Admitimos que éramos impotentes perante a Dependência de Amor e Sexo - Que nossas vidas haviam se tornado ingovernáveis.
- 2 Viemos a acreditar que um Poder Superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.
- 3 Decidimos entregar nossa vontade e nossa vida aos cuidados de Deus na forma em que concebíamos à Deus.
- 4 Fizemos minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.
- 5 Admitimos perante Deus, perante nós mesmos e perante outro ser humano, a natureza exata de nossas falhas.
- 6 Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.
- 7 Humildemente rogamos à Deus que nos livrasse de nossas imperfeições.
- 8 Fizemos uma relação de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e nos dispusemos a reparares danos a elas causados.
- 9 Fizemos reparações diretas dos danos causados a essas pessoas, sempre que possível, salvo quando fazê-lo significasse prejudicá-las ou a outrem.
- 10 Continuamos fazendo o inventário moral e quando estávamos errados, o admitiamos prontamente.
- 11 Procuramos através da prece e da meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, na forma em que concebíamos à Deus, rogando apenas o conhecimento de Sua vontade em relação a nós e forças para realizar essa vontade.
- 12 Tendo experimentado um despertar espiritual, graças a estes passos, procuramos transmitir esta mensagem aos dependentes de amor e sexo e praticar estes princípios em todas as áreas de nossas vidas.

Os países de língua portuguesa foram autorizados por The Augustine Fellowship, a utilizarem a sigla D.A.S.A. - Dependentes de Amor e Sexo Anônimos em lugar de S.L.A.A. - Sex And Love Addicts Anonymous, uma vez que mantenham o logotipo oficial de S.L.A.A.



Dependentes de Amor e Sexo Anônimos

40 Perguntas

para o auto-diagnóstico

Você não está mais sozinho...

<http://www.slaa.org.br>
E-mail: slaaslaa@slaaslaa.org.br



The Augustine Fellowship,
Sex and Love Addicts Anonymous,
Fellowship-Wide Services, Inc.

Estas perguntas servem para ajudar na identificação de possíveis sintomas da dependência de amor e sexo. Não pretendem ser um método de diagnóstico infalível e as respostas negativas às mesmas não indicam a ausência da Doença. Muitos Dependentes seguem modelos de conduta muito diferentes entre si, o que pode resultar em diferentes formas de focar as respostas às mesmas. Somos conscientes que o diagnóstico é um assunto muito sério e por sua vez muito pessoal. Esperamos de coração, que lhe sejam úteis. Sugerimos que as leia atentamente e procure então, à luz das informações obtidas, responder para você mesmo, se você é ou não um Dependente de Amor e Sexo.

Para nós, membros de D.A.S.A., a dependência de amor e sexo é uma doença progressiva que não pode ser curada, mas, com várias outras doenças, pode ser delida. Ela pode tomar várias formas - incluindo, sem limitar-se, uma necessidade compulsiva por sexo, dependência extrema por uma outra pessoa (ou várias), e/ou preocupação crônica com romance, flerte, sedução ou fantasia. Existe um padrão obsessivo/compulsivo, seja sexual ou emocional (ou ambos), em relacionamentos ou atividades que progressivamente se tomam destrutivas para a carreira profissional, família, senso de auto respeito. Por ser uma doença progressiva, pode levar a consequências cada vez piores se não for tratada a tempo.

Antes de vir para o D.A.S.A., muitos dependentes de amor e sexo, se consideravam párias sociais, pervertidos ou apenas fracos. Outros ainda sentem que só estavam perseguindo o que era de seu direito. Eles se sentem com permissão à auto-complacência. A experiência do D.A.S.A., é que os dependentes de amor e sexo são pessoas doentes que podem se recuperar se seguirem um programa simples de recuperação que se mostrou válido para muitos homens e mulheres com a mesma doença.

Nós em D.A.S.A. sabemos disso por experiência própria e temos certeza, também por experiência própria, de que a recuperação pode ser conseguida através da prática de nosso programa de Doze Passos, o mesmo usado em Alcoólicos Anônimos, adaptado para o D.A.S.A. Utilizamos cinco recursos básicos para combater as consequências perniciosas que a dependência de amor e sexo produz:

• **Sobriedade**

O desejo de parar de praticar nosso comportamento auto-destrutivo de dependência numa base diária.

• **Apadrinhamento/Reuniões.**

A capacidade de recorrer a um apoio acolhedor dentro de D.A.S.A.

• **Passos**

A prática do programa de recuperação dos Doze Passos para alcançar a sobriedade sexual e emocional.

• **Serviço**

A retribuição para a irmandade de D.A.S.A. do que continuamos a receber de graça.

• **Espiritualidade**

O desenvolvimento de uma relação com um Poder Superior a nós mesmos, que pode nos guiar e apoiar na recuperação.

Hoje sentimo-nos felizes e agradecidos, sempre dispostos a compartilhar nossas experiências com todas as pessoas que sofrem da Dependência de Amor e Sexo e que desejam se recuperar.

Continuamos à sua disposição para outros esclarecimentos que queira solicitar.

Gostaríamos de lhe informar que D.A.S.A. protege com especial cuidado o anonimato pessoal de seus membros. Lembramos sempre que o anonimato é o alicerce do nosso Programa de Recuperação, bem como a certeza de podermos contar com uma casa, um local onde podemos compartilhar nossos problemas sem medo.

Tudo de Bom!

40 perguntas para Auto-diagnóstico

- 1 Você já tentou controlar quanto sexo faria ou com que frequência encontraria alguém?
- 2 Você se acha incapaz de deixar de ver uma pessoa específica, mesmo sabendo que encontrá-la é destrutivo para você?
- 3 Você sente que não quer que ninguém saiba das suas atividades sexuais ou amorosas? Você sente que precisa esconder essas atividades, dos outros - amigos, família, colegas de trabalho, orientadores etc.?
- 4 Você se sente "alto" ao fazer sexo e/ou ao se envolver em relacionamentos?
- 5 Você já fez sexo em momentos ou lugares inadequados, e/ou com pessoas inadequadas?
- 6 Você faz promessas ou estabelece regras para si mesmo em relação a seu comportamento sexual ou amoroso e percebe que não pode cumprir?
- 7 Você fez ou faz sexo com alguém que não queira fazer?
- 8 Você acha que o sexo e/ou um relacionamento vai tornar a sua vida tolerável?
- 9 Você já sentiu que tinha que fazer sexo?
- 10 Você acha que alguém pode "consertar" você?
- 11 Você tem uma lista, escrita ou não, dos parceiros que teve?
- 12 Você se sente desesperado ou ansioso quando está longe de seu companheiro ou parceiro sexual?
- 13 Você perdeu a conta dos parceiros sexuais que teve?
- 14 Você se sente arrebatado pela necessidade de um parceiro, de sexo ou futuro companheiro?
- 15 Você fez ou fez sexo apesar das consequências (o risco de ser pego ou de contrair herpes, gonorréia, AIDS, etc.)?
- 16 Você acha que tem um padrão de repetir relacionamentos ruins?
- 17 Você sente que seu único ou (principal) valor num relacionamento é seu desempenho sexual ou habilidade para dar apoio emocional?
- 18 Você se sente como fantoche inanimado se não houver alguém com quem possa flertar? Você sente que não está "realmente vivo" se não estiver com seu parceiro amoroso/sexual?
- 19 Você se sente com o direito de fazer sexo?
- 20 Você se encontra em um relacionamento que não consegue deixar?
- 21 Você já ameaçou a sua estabilidade financeira ou posição na sociedade ao manter um parceiro sexual?
- 22 Você acha que os problemas de sua "Vida Amorosa" vem de não ter a quantidade suficiente ou tipo certo de sexo? Ou de continuar se relacionando com a pessoa errada?
- 23 Você já teve um relacionamento sério ameaçado ou rompido por causa de atividades extraconjugais?
- 24 Você acha que a vida não teria sentido sem um relacionamento amoroso ou sem sexo?
- 25 Você se flagra flertando ou sendo sedutor(a) com alguém mesmo quando não tem t essa intenção?
- 26 O seu comportamento sexual e/ou amoroso afeta a sua reputação?
- 27 Você faz sexo e/ou tem "relacionamentos" para lidar ou escapar dos problemas da vida?
- 28 Você se sente desconfortável em relação a sua masturbação por causa da frequência, das fantasias relacionadas, dos acessórios que usa e/ou dos lugares em que pratica?

ANEXO III – Panfleto: Anorexia

- 32 Você fica em relacionamentos porque sente que não merece nada melhor ou não pode ter nada diferente?
- 33 Você acha extremamente difícil expressar emoções ou contar a verdade a alguém com quem você gostaria de estar envolvido?
- 34 Você afasta as pessoas com frieza, agressividade ou timidez?
- 35 Você prefere ficar sozinho a questionar as opções que o mantêm sozinho?
- 36 O seu medo de rejeição ou de parecer ingênuo é tão grande que você parece estar paralisado?
- 37 Você desconfia que sua capacidade para ir de encontro à intimidade com outra pessoa está prejudicada ou não existe?
- 38 Você tem um medo imenso de ser usado ou explorado nos níveis social, sexual ou emocional?
- 39 Você costuma ter ressentimento ou inveja de pessoas que têm relacionamentos íntimos ou vidas sociais intensas?
- 40 Você acha o sexo repugnante?
- 41 Você acha que sexo é só para pessoas saudáveis e portanto, nunca será para você?
- 42 Você é mais aberto com pessoas com quem não pode se envolver sexualmente?
- 43 Quando você de fato sai com alguém, tem um limite de tempo preestabelecido para ficar com a pessoa?
- 44 Você está preso à sua família de origem, de forma a se afastar de outras pessoas?
- 45 Você é atraído principalmente por pessoas inacessíveis?
- 46 Você acha que não é compensador se envolver com os outros (por causa de experiências passadas, que foram ameaçadoras ou dolorosas), especialmente se essas pessoas querem chegar muito perto de você?
- 47 Você se sente mais confortável ou mais no controle quando recusa convites sexuais ou amorosos?
- 48 Você normalmente é mais aberto com estranhos do que com aqueles que são mais próximos a você?
- 49 Você se sente tão diferente dos outros, que tem medo de ninguém se importe com você ou lhe entenda?
- 50 Você sente falta de amor na sua vida e ainda assim não sabe o que fazer a respeito?

O que fazer agora?

Se um número suficiente de perguntas parece se aplicar a você, você pode estar aliviado ou pode estar atordoado ou com raiva nesse momento; e todas essas reações seriam naturais. Contudo, se você se sentiu profundamente tocado por essas perguntas, queremos muito lhe dizer isso: você não está sozinho. Existem muitos na mesma situação que você, muitos que reagem e sentem como você. Ou que uma vez se sentiram dessa forma.

Nós somos os membros anoréxicos do D.A.S.A. Sabemos que deve haver boas razões para termos nos tornado anoréxicos e também percebemos que não há porque nos culpar dessa situação; mas agora queremos ter vidas amorosas, sexuais e sociais compensadoras. Nossa Anorexia pode se originar de um importante senso de nós mesmos e de nossa própria preservação; mas, ainda assim, queremos mudar, não queremos continuar assim. Começamos a fazer o trabalho de recuperação e mudança no D.A.S.A.

Descobrimos que, não importando o quão diferentes ou sozinhos nos sentimos, nos aproximamos dos outros, para oferecer ajuda e pedir por ela, nos auxiliamos na recuperação da nossa Anorexia. E por isso que estamos lhe convidando para assistir uma reunião do D.A.S.A.

A Anorexia é uma parte da dependência de amor e sexo, e as reuniões do D.A.S.A. são lugares para os anoréxicos serem ouvidos e ouvirem também sobre a dependência da Anorexia e sobre a sua recuperação. Nelas descobrimos o que é o processo de recuperação para cada um de nós.

De qualquer forma, o primeiro passo para a recuperação da dependência, geralmente, é se juntar aos outros com a mesma adição e que querem se recuperar dela. De braços abertos nós lhe convidamos para se juntar a nós. Muitos de nós que nos unimos com o objetivo comum de nos recuperar da Anorexia começaram a experimentar vidas novas e iluminadas. Vimos antigos bloqueios e hábitos anteriormente não questionados serem removidos milagrosamente. Nos abrimos para a vida, tanto a nossa quanto a dos outros. Encontramos comunhão social, relacionamentos, casamentos, proximidade e amizade. Encontramos integração verdadeira entre uma ampla e inesperada variedade de pessoas na Irmandade. Também estamos descobrindo como ter vidas saudáveis estando sozinhos, sem estar anoréxicos. E mais do que isso, continuamos a achar nosso próprio caminho para uma paz de espírito, que é uma surpresa e um deleite para nós mesmos e para as pessoas à nossa volta. Enfim, gostaríamos de dizer que a sua recuperação é essencial para a nossa. Dessa forma, cada novo membro traz um novo entendimento da Anorexia e uma nova possibilidade de recuperação para cada um de nós.

Hoje, sentimo-nos felizes e agradecidos e sempre dispostos a compartilhar nossas experiências com todas as pessoas que sofrem de qualquer tipo de padrão dependente de amor e sexo e que deseje se recuperar.

D.A.S.A. lhe dá as boas-vindas!

Os países de língua portuguesa foram autorizados por The Augustine Fellowship, a utilizarem a sigla D.A.S.A. - Dependentes de Amor e Sexo Anônimos em lugar de S.L.A.A. - Sex And Love Addicts Anonymous, uma vez que mantenham o logotipo oficial de S.L.A.A.



Dependentes de Amor e Sexo Anônimos

Anorexia

Você não está mais sozinho...

<http://www.slaa.org.br>
E-mail: slaaslaa@slaaslaa.org.br



The Augustine Fellowship,
Sex and Love Addicts Anonymous,
FellowshipWide Services, Inc.

No D.A.S.A. somos dependentes de sexo, amor, relacionamentos, fantasias, romance e somos também co-dependentes. Contudo, alguns de nós tem uma outra dependência: Anorexia, Como desordem alimentar, a Anorexia é definida como uma maneira compulsiva de evitar comida (nutrição). Na área de amor e sexo, Anorexia tem uma definição similar: é a maneira compulsiva de evitar dar e receber nutrição social, sexual e emocional. Alguns de nós podem não ter feito sexo ou estado num relacionamento íntimo há anos. Ou podem estar num relacionamento e ter dificuldade de estar próximos emocionalmente; ou ainda serem do tipo que não tem amigos íntimos. Podemos conhecer muitas pessoas, mas nenhuma que seja realmente próxima ou ter relacionamentos íntimos apenas com certas pessoas, nossos filhos por exemplo, mas manter distância de todas as outras pessoas. Existem muitas outras formas de Anorexia. Mas independente do nosso tipo particular, de alguma forma marcante, nos mantivemos longe de experimentar o amor.

Alguns de nós se sentem sobrecarregados, asfixiados em atividades sociais. Outros ficam "altos" socializando-se com um grande número de pessoas, para se manterem longe da intimidade com qualquer pessoa individualmente. Alguns de nós se sentem incapacitados pela timidez. Outros estão num relacionamento, mas são passionais apenas numa área: podem ser dedicados emocionalmente, por exemplo, mas mantêm-se sexual ou socialmente inacessíveis.

Para alguns de nós, Anorexia pode significar um medo paralisante de dar telefonemas. Alguns de nós se saem bem em situações particulares, como o local de trabalho, onde normalmente a intimidade não é valorizada, mas nos vemos distantes com a família ou amigos. Outros de nós usaram álcool ou drogas para se tornarem retraídos emocionalmente... Ou usamos essas substâncias para ficarmos audaciosos sexual, emocional ou socialmente, enquanto no fundo evitávamos o contato significativo com os outros. Dessa forma, usamos outras dependências para praticar nossa anorexia.

Outras formas de dependência podem mascarar a Anorexia. Na verdade, ela pode estar tão camuflada que a pessoa sequer percebe que está presente. A promiscuidade sexual, por exemplo, pode, no fundo, esconder uma fuga de intimidade. A co-dependência, mesmo tendo uma "aparência" de relacionamento, pode, na verdade, esconder uma resistência para relacionar-se de fato. Em geral, quando os membros do D.A.S.A. param de praticar sua dependência mais óbvia, descobrem surpresas, que no fim das contas, a Anorexia se esconde atrás de sua dependência. Existem, é claro, anoréxicos que são conscientes das suas formas de Anorexia. Mas há outros de nós que não têm senso do que falta em suas vidas em matéria de sexo, relacionamentos e comunhão social. Muitos de nós sequer imaginam o que é possível ter. Alguns de nós, por exemplo, sabem que podem dar amor, mas não têm nenhuma idéia de que podem receber. Outros sabem apenas o que é responder às necessidades dos outros, mas não sabem o que suas próprias necessidades podem ser. Alguns de nós nunca conheceram a alegria de estar em sociedade, a intimidade honesta ou a reciprocidade emocional. Confrontados com a idéia de satisfazer nossas próprias necessidades, ficamos confusos, pois não sabemos nem mesmo enumerá-las.

A Anorexia não é apenas medo de intimidade. De alguma forma, todo ser humano tem medo de intimidade, pois a timidez, a modéstia

e o senso de privacidade são características humanas naturais. Mas nós anoréxicos fizemos do medo da intimidade uma atitude constante, operante automaticamente.

Do mesmo modo que existem formas óbvias de se praticar a Anorexia, também existem formas discretas, suítes. Alguns anoréxicos podem não ser dependentes de nenhuma outra forma. Contudo, abaixo da superfície, a Anorexia é uma dependência ativa: consiste em não fazer algo, não fazê-lo e não fazê-lo. Não acreditar, não se comprometer, não se entregar. Dessa forma, ao contrário de quando se toma uma bebida ou se usa droga, os sintomas de anorexia são obscuros, não ativos. Assim, os anoréxicos não agem para fora, agem para dentro evitando se expor. Afinal a Anorexia se mantém pela trabalhosa recusa de se permitir o movimento.

A Anorexia é uma grande enganadora. Ela pode parecer com timidez, modéstia ou reserva naturais. Mesmo escondida atrás de extroversão ou charme, ela freqüentemente persiste. Ela pode até mesmo dar uma impressão de pureza espiritual. A Anorexia pode ficar insuspeitada por anos, esteja aparente ou não.

Um dia, contudo, nós anoréxicos começamos a perceber que temos vivido por um longo tempo sem amor. Observamos a ausência de proximidade em certas áreas de nossas vidas e também que estamos engajados numa atitude de grande medo dos outros e uma estratégia de mantê-los à distância. Independente da nossa Anorexia ser social, sexual ou emocional, acordamos para o fato de que não estamos experimentando o dar e receber o amor, que é tão precioso para a vida humana.

Ao nos tornarmos conscientes dessa falta de amor em nossas vidas, podemos ter tentado mudar nossa conduta. Se descobrimos que não podemos mudá-la, podemos chegar à conclusão de que somos dependentes disso: era uma conduta na qual nos envolvíamos repetidamente e que não podíamos parar apesar das suas conseqüências.

Aqui estão cinqüenta perguntas sobre as quais você pode querer refletir. Não existe média para essas perguntas. Seu próprio instinto vai lhe dizer em que nível elas se aplicam a você.

- 1 Você passa longos períodos sem se envolver num relacionamento amoroso ou sexual?
- 2 Você passa longos períodos sem atividades sociais?
- 3 Apesar de estar em um relacionamento você percebe que, por um longo tempo, não experimentou romance, sexualidade intimidade ou amizade?
- 4 Você fica sozinho mais do que gostaria, mas se sente incapaz de mudar isso?
- 5 No trabalho você tem dificuldades para desenvolver relacionamentos, conversa só quando é absolutamente necessário ou se esconde através do trabalho?
- 6 Você evita relacionamentos com o sexo oposto ou com seu próprio sexo?
- 7 Você fica deslocado em grupos?

- 8 Você tem medo de ser notado?
- 9 Estar na presença dos outros deixa exausto, mesmo quando você gosta deles?
- 10 Você geralmente entra em pânico ou afasta as pessoas quando elas começam a ficar muito próximas?
- 11 Você costuma tentar se esquivar ou controlar completamente emoções, sensações sexuais ou situações de grupo?
- 12 Você se sente desconfortável quando lhe oferecem carinho, afeição ou amor?
- 13 Você costuma ter medo de encontrar alguém que lhe atraia?
- 14 Você se sente mais seguro quando um relacionamento fica no nível do flerte ou sedução?
- 15 Você sente um profundo pessimismo em relação à sua habilidade de ter um relacionamento íntimo duradouro?
- 16 Você se vê continuamente atraído por pessoas que não satisfazem as suas necessidades?
- 17 Você tem medo de relaxar perto das pessoas porque tem medo que isso possa levar a uma situação sexual?
- 18 Você fantasia sobre ter um relacionamento sem na verdade persegui-lo?
- 19 Seus hábitos sexuais, por exemplo, a masturbação, o mantém afastado dos relacionamentos?
- 20 Anedonia significa a recusa de dar e receber prazer. Você pratica isso?
- 21 Você normalmente ignora suas necessidades físicas e emocionais em favor dos outros?
- 22 Você passa por momentos difíceis ao se divertir e relaxar com outras pessoas?
- 23 Você tem dificuldades para estabelecer limites saudáveis a ponto de se afastar completamente dos outros?
- 24 Tudo tem que estar perfeito antes que você se envolva?
- 25 Você inveja pessoas mais expansivas?
- 26 Você sente que seu jeito de ser não é autêntico?
- 27 A vergonha de sua vida faz com que você evite relacionamentos?
- 28 Você usa seus sentimentos de inferioridade ou superioridade para se manter distante dos outros?
- 29 Você acha que nenhuma pessoa (ou grupo de pessoas) atraente, saudável, iria querer alguém como você?
- 30 É difícil para você mostrar às pessoas que você gosta delas?
- 31 Você acha que não é "suficiente" inteligente, o suficiente atraente, o suficiente velho ou novo, o suficiente bem-sucedido ou saudável ou o suficiente ou o _____suficiente para merecer um relacionamento?